

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

GLÁUCIA KASPER

CRISTO, O ARQUÉTIPO:
O fenômeno psíquico da Aparição à Maria Madalena na modernidade, segundo
Carl Gustav Jung

TOLEDO
2024

GLÁUCIA KASPER

CRISTO, O ARQUÉTIPO:

**O fenômeno psíquico da Aparição à Maria Madalena na modernidade, segundo
Carl Gustav Jung**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná para a obtenção do título de Mestra em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Linha de pesquisa: Metafísica e Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Libanio Cardoso Neto.

Coorientador: Dr. Everaldo dos Santos Mendes.

TOLEDO

2024

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Kasper, Glaucia

CRISTO, O ARQUÉTIPO: O fenômeno psíquico da Aparição à Maria Madalena na modernidade, segundo Carl Gustav Jung / Glaucia Kasper; orientador Libanio Cardoso Neto; coorientador Everaldo dos Santos Mendes. -- Toledo, 2024.
123 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Toledo) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2024.

1. Manifestação do Self. 2. Prefiguração no Cristo. 3. Sonhos Proféticos . I. Neto, Libanio Cardoso , orient. II. Mendes, Everaldo dos Santos, coorient. III. Título.

GLÁUCIA KASPER

CRISTO, O ARQUÉTIPO: O fenômeno psíquico da Aparição a Maria Madalena na modernidade, segundo Carl Gustav Jung

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Filosofia, área de concentração Filosofia Moderna e Contemporânea, linha de pesquisa Metafísica e Conhecimento, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br LIBANIO CARDOSO NETO
Data: 13/12/2024 12:05:51-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientador(a) - Libanio Cardoso Neto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Toledo (UNIOESTE)

 Date:
2024.12.18
16:27:12 -03'00'
Sonia Regina Lyra

ICHTHYS
Documento assinado digitalmente
gov.br LAURA DE BORBA MOOSBURGER
Data: 18/12/2024 12:07:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Laura de Borba Moosburger

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO SARAIVA KAHLMEYER MERTENS
Data: 18/12/2024 18:07:36-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Roberto Saraiva Kahlmeyer Mertens

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Toledo (UNIOESTE)

Toledo, 4 de dezembro de 2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA TEXTUAL E DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Gláucia Kasper, pós-graduanda do Programa de Graduação em Filosofia - PPGFil da Unioeste, *Campus* de Toledo, declaro que este texto final de dissertação é de minha autoria e não contém plágio, estando claramente indicadas e referenciadas todas as citações diretas e indiretas nele contidas. Estou ciente de que o envio de texto elaborado por outrem e também o uso de paráfrase e a reprodução conceitual sem as devidas referências constituem prática ilegal de apropriação intelectual e, como tal, estão sujeitos às penalidades previstas na Universidade e às demais sanções da legislação em vigor.

Toledo, 23/01/2025

GLAUCIA

KASPER:07795596908

Assinado de forma digital por
GLAUCIA KASPER:07795596908
Dados: 2025.01.23 11:23:21
-03'00'

Dedico esta dissertação à minha filha, Ana Sophia, e a meu esposo, Fabiano Jose Braun (in memoriam), enviados por Deus para me aproximar do caminho de fé e me conduzir a ele, fazendo-me experimentar o amor divino e misericordioso pela alma humana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Bom Jesus, por despertar em minha alma sua divina e infinita misericórdia, tocando e transformando meu coração de pedra, ao inflar em mim o *sopro* divino a cada dia.

Por meu esposo, companheiro e eterno namorado, Fabiano José Braun (*in memoriam*), por não me deixar desanimar ou desistir deste projeto, mesmo quando tudo parecia impossível e invisível de se alcançar aos olhos humanos.

Pela vida de nossa filha, Ana Sophia, que, assim como este estudo, foi também sonhada e planejada por Deus, desde o seu princípio e fim.

Por todos aqueles que vieram antes de mim para que hoje eu pudesse aqui estar e viver a vida, dom de Deus. Por todos aqueles que me acompanharam nesta jornada, meus pais e minhas irmãs Andressa e Joceila, que a cada dia me inspiram.

Por todos aqueles que me sustentaram com suas orações de modo muito especial, você Gislaine, e à Maria Jose. E por aqueles que abriram as portas do seu coração para me acolher no meu maior momento de dor, meus primos, Sandra e Claudio, que diariamente se dedicaram aos cuidados da Ana para que eu pudesse me dedicar aos estudos. E de modo especial, a minha irmã, Glaci, que sempre esteve ao meu lado nas alegrias e, principalmente, nas horas difíceis, a você toda a minha gratidão e amor.

Agradeço imensamente aos mestres que encontrei pelo caminho, principalmente a Libanio Cardoso Neto, que aceitou e estendeu sua mão, disponibilizando todo o seu apoio, tempo e conhecimento, desde o início e ao longo de alguns anos, permanecendo ao meu lado, para alcançarmos esta dádiva. E ao professor Everaldo dos Santos Mendes, que também se manifestou como um presente de Deus nesta caminhada, coorientando e iluminando minha jornada. E aos demais professores da banca, por contribuírem significativamente para o bom êxito desta jornada.

Agradeço à minha psicóloga, Lucia Fatima Reolon dos Santos, que me guia pelos caminhos da alma e objetiva despertar, cultivar e fazer crescer em mim o sentimento de amor divino e humano, aqui e agora, de modo que isto sempre me desperta para o constante servir a Cristo por meio de nossos semelhantes. Aqueles que, assim como eu, vivem e, enquanto vivem, se deixam moldar pelo agir de Deus, que objetiva *humanizar-nos*.

“O homem foi criado para louvar a Deus, nosso Senhor, honrá-lo, servi-lo, [OBEDECER] e, assim, salvar sua alma” (Carl Gustav Jung. Aion).

KASPER, Gláucia. **CRISTO, O Arquétipo:** O fenômeno psíquico da Aparição à Maria Madalena na modernidade, segundo Carl Gustav Jung. 2024. 123p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, PR, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre a importância da fundamentação antropológico-filosófica que se faz presente na prática psicológica. De maneira específica, a dissertação objetiva abordar o campo psíquico inconsciente quanto ao arquétipo do *Self* e sua manifestação conforme a explanação proposta nos escritos do médico e psiquiatra Carl Gustav Jung (1875-1961). Delineia-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, que compreende a totalidade da psique humana como constituída por dois grandes campos, um consciente e outro inconsciente. Elege-se como objeto de estudo o campo inconsciente, cujo centro regulador é o *Self*, arquétipo no qual a psique inconsciente e coletiva da cultura do Ocidente projetou a imagem arquetípica no Cristo. O estudo limita-se ao arquétipo central em sua particular manifestação no mito cristão, não pertencendo a seu escopo analisar prefigurações advindas de outras diversidades religiosas presentes no Ocidente. No arquétipo Cristo, de fato, Jung identifica a manifestação simbólica do *Self*. Esta, porém, pode vir a ocorrer tanto no âmbito individual quanto coletivo, o que permite inferir que tal fenômeno psíquico possa ocorrer na atualidade. Tal hipótese de uma ideia arcaica de Deus como o centro, contida e prefigurada na psique inconsciente e coletiva do Ocidente como o Cristo, tem grande poder de tornar-se consciente mediante a assimilação dos conteúdos arquetípicos que alcançam a consciência por meio dos sonhos e visões. É mediante a apreciação dos escritos teóricos de Jung que se pretende uma investigação conduzindo o leitor ao seguinte problema: em qual nível psíquico [consciente ou inconsciente] o indivíduo ocidental vive o mito cristão? Nesta dissertação visa-se, também, ressaltar que o campo psicoterapêutico exige do psicólogo uma atitude analítica capaz de desenvolver em si as *virtudes da alma*; tal atitude representa o aprimoramento e desenvolvimento de sua personalidade para, então, poder contribuir com o desenvolvimento psíquico de outros indivíduos. Diante do precedente, o presente estudo procura situar: (1) o contexto histórico-filosófico da psicologia analítica; (2) em conjunto, ao campo psíquico inconsciente, o *Self* e seu papel psíquico prefigurado no Cristo; (3) e, para finalizar, apresentar um exemplo de manifestação do arquétipo (*Self*), em sua pré-figuração no Cristo narrada pelo evangelista São João, contida no capítulo 20, versículos 1-18. Os possíveis saldos da pesquisa consistem em expor a relevância da manifestação do arquétipo *Self* para o desenvolvimento da personalidade psíquica, no processo de tornar conscientes os conteúdos arquetípicos inconscientes, o qual tem por finalidade, neste processo, levar o indivíduo a um encontro genuíno e verdadeiro com sua essência, isto é, o *vir-a-ser* do indivíduo, porém, aqui, notadamente, a partir da sua prefiguração no Cristo, inscrita no inconsciente coletivo do Ocidente.

Palavras-chave: Manifestação do *Self*. Prefiguração no Cristo. Sonhos Proféticos.

KASPER, Gláucia. **CHRIST, the Archetype**: The psychic phenomenon of the Appearance to Mary Magdalene in modernity, according to Carl Gustav Jung. 2024. 123p. Dissertation (Master's in Philosophy) – State University of Western Paraná (UNIOESTE), Toledo, PR, 2024.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the importance of the anthropological-philosophical foundation present in psychological practice. Specifically, the dissertation aims to address the unconscious psychic field in relation to the archetype of the Self and its manifestation as outlined in the writings of the physician and psychiatrist Carl Gustav Jung (1875-1961). It is characterized as a qualitative bibliographic research, which views the totality of the human psyche as consisting of two main fields: one conscious and the other unconscious. The unconscious field, with the Self as its regulating center, is chosen as the object of study. The archetype of the Self, projected by the unconscious and collective psyche of Western culture, is symbolically embodied in the image of Christ. The study is limited to the central archetype in its manifestation in the Christian myth, excluding the analysis of prefiguration from other religious diversities present in the West. In the Christ archetype, Jung identifies the symbolic manifestation of the Self. This can occur both on an individual and collective level, suggesting that such a psychic phenomenon may still occur today. The hypothesis that an archaic idea of God as the center, contained and prefigured in the unconscious and collective psyche of the West as Christ, holds great potential to become conscious through the assimilation of archetypal contents that reach consciousness through dreams and visions. Through the consideration of Jung's theoretical writings, the research intends to guide the reader to the following problem: at which psychic level [conscious or unconscious] does the Western individual live the Christian myth? The dissertation also aims to highlight that the psychotherapeutic field requires the psychologist to adopt an analytical attitude capable of developing the virtues of the soul; such an attitude represents the improvement and development of the psychologist's personality, which then allows them to contribute to the psychological development of others. In light of the above, this study seeks to position: (1) the historical-philosophical context of analytical psychology; (2) in conjunction with the unconscious psychic field, the Self and its psychological role prefigured in Christ; (3) and, finally, to present an example of the manifestation of the archetype [Self], in its prefiguration in Christ, as narrated by the evangelist Saint John, contained in chapter 20, verses 1-18. The possible outcomes of this research consist of exposing the relevance of the manifestation of the Self archetype for the development of the psychic personality, in the process of making unconscious archetypal contents conscious, which aims, in this process, to lead the individual to a genuine and true encounter with their essence, that is, the becoming of the individual, but here, notably.

Keywords: Self Manifestation, Prefiguration in Christ, Prophetic Dreams.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fórmula da figura dogmática de Cristo	63
Figura 2 - Self psicológico	64
Figura 3 - A Psique Humana	65
Figura 4 - Cristo Ressuscitado com Maria Madalena.....	104
Figura 5 - Jesus Misericordioso.....	120

LISTA DE ABREVIATURAS

MSR.	Memórias, sonhos, reflexões
OC.	Obras coligidas
M. Madalena	Maria Madalena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – A JORNADA DA ALMA	13
1 A NOÇÃO DE PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG	24
1.1 O objeto de estudo da psicologia	26
1.2 O fenômeno psíquico e o efeito de ampliação de consciência no indivíduo da cultura do Ocidente.....	29
1.2.1 <i>O Inconsciente Coletivo</i>	34
1.3 O contexto histórico-filosófico da psicologia.....	38
1.3.1 <i>A psicologia a partir de Jung</i>	42
1.3.2 <i>O conceito de Alma em Jung</i>	45
2 O CAMPO PSÍQUICO INCONSCIENTE: O <i>SELF</i> , SUA PREFIGURAÇÃO NO ARQUÉTIPO CRISTO	52
2.1 O centro psíquico: O <i>Self</i>	53
2.2 O arquétipo Cristo	61
2.2.1 <i>A imagem primordial: Cristo</i>	68
3 A MANIFESTAÇÃO DO <i>SELF</i> NA PSIQUE INDIVIDUAL DE MARIA MADALENA	79
3.1 A finalidade e o efeito do fenômeno psíquico	82
3.2 A principal via de manifestação: os sonhos.....	89
3.3 O fenômeno Psíquico: Um exemplo de experiência <i>numinosa</i>	92
3.4 O fenômeno psíquico na atualidade.....	103
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE A	118

INTRODUÇÃO – A JORNADA DA ALMA

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o fenômeno do *Self* que se manifesta na psique individual e repercute na cultura do Ocidente projetado na imagem arquetípica do Cristo. Neste sentido, desenvolve-se uma investigação com base na perspectiva da psicologia analítica de Carl Gustav Jung¹, a qual visa apresentar uma compreensão ao leitor diante do seguinte problema circunscrito na atualidade: em qual nível psíquico [consciente ou inconsciente] o indivíduo [ser humano] ocidental vive o mito cristão? Partindo deste questionamento, delineiam-se dois subproblemas: (I) o homem acredita num Deus que ele não ousa questionar, discutir os dogmas ou compreender seus símbolos? (II) ou o homem vive um momento de inquietude e busca uma maior compreensão filosófica dos fenômenos psíquicos e dos efeitos que tais representações anímicas e religiosas causam na psique humana?

Destarte, justifica-se que esta pesquisa de natureza filosófica contribui para resgatar a importância da fundamentação antropológica da prática clínica da psicologia. Tal posição filosófica apoia-se em Ales Bello (2006), segundo a qual as “[...] ciências humanas não podem se constituir efetivamente sem a apreensão adequada do que vem a ser a dimensão espiritual em sua relação com a psique e com a corporeidade” (p. 15). Desse modo, no século XXI, a psicologia não poderá se constituir como ciência e profissão sem considerar a dimensão psicológica em suas conexões com a dimensão espiritual. No campo psicoterápico, exige-se do psicólogo uma atitude analítica capaz de desenvolver em si as virtudes da alma humana, habilitando-o para contribuir com o desenvolvimento psíquico de outros indivíduos.

A esse respeito, ressalta-se, portanto, a súplica de Carl Gustav Jung, em sua autobiografia:

¹ Carl Gustav Jung (1875-1961) nasceu em Kesswil, na Suíça, formou-se em medicina pela Universidade da Basileia, em 1900, e iniciou a vida profissional na Clínica Psiquiátrica Burgholzli, em Zurique. Publicou sua primeira obra em 1902, fruto de sua tese de doutorado. Foi um influente psiquiatra, professor da Faculdade de Medicina e fundador da Psicologia Analítica; esteve por muitos anos ligado à escola de Psicanálise fundada por Sigmund Freud, que compreendia a energia psíquica como manifestação ligada à sexualidade. Jung acabou por entender a energia psíquica em outro horizonte – inclusive quanto à amplitude – acreditando que valores como espiritualidade, criatividade e nutrição poderiam mover a humanidade com tanta força quanto o sexo. Essa forte divergência teórica tornou-se decisiva para o rompimento de relações entre os médicos. Sua mãe, Emilie Preiswerk, pertencia a uma família tradicional de Basel; seu pai, Johann Paul Achilles Jung, foi pastor protestante em Kesswil – e representava a pura autoridade, acreditando num Deus que não admitia discutir (JUNG, MSR, 2016, p. 7-9).

Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade. A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como se processou em mim, não posso servir-me da linguagem científica; não posso me experimentar como um problema científico. O que se é, mediante uma intuição interior e o que o homem parece ser *sub specie aeternitatis* [sob o aspecto da eternidade] só pode ser expresso através de um mito (JUNG, MSR, 2016, p. 25).

Segundo Sonu Shamdasani (2011), a formação da psicologia e da psicoterapia ditas modernas aconteceu durante uma época de grandes revoluções no pensamento e na cultura do Ocidente, de cuja tessitura ambas participaram íntima e profundamente. Por esse motivo, a reconstrução das duas disciplinas encontra-se interligada, sendo um elemento essencial para a compreensão do desenvolvimento da personalidade do homem do Ocidente e do momento presente que este vive.

Isto contribui para introduzir ao leitor o tema da presente dissertação, que consiste em analisar o arquétipo cristão e sua manifestação na psique do homem na vida adulta, com a finalidade de compreender e ampliar os conceitos que fazem parte da estrutura psíquica, abordando os três níveis psíquicos: (I) consciência; (II) inconsciente pessoal; (III) inconsciente coletivo (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 321, p. 96). Estes desempenham atividades particulares, porém sua divisão é muito sutil e seus conteúdos encontram-se sobrepostos e interligados. Deste modo, serão abordados ambos os níveis psíquicos, mas sempre situando para o leitor a qual deles o material psíquico pertence.

O campo psíquico inconsciente² do Ocidente tem como centro o *Self*, e se encontra de forma correspondente na imagem arquetípica³ de Cristo, por isso o objeto e o sujeito são compreendidos por conterem tudo aquilo que desconhece o homem do mundo interior da psique. Assim, nesta pesquisa, optou-se por delimitar o presente estudo ao arquétipo Cristo, considerando-se a diversidade religiosa e cultural na qual se encontra inserida a psique inconsciente e coletiva do homem da cultura do

² “Tudo o que conheço, mas não penso num dado momento, tudo aquilo de que já tive consciência mas esqueci, tudo o que foi percebido por meus sentidos e meu espírito consciente não registrou, tudo o que involuntariamente e sem prestar atenção (isto é, inconscientemente), sinto, penso, relembro, desejo e faço, todo o futuro que se prepara em mim e que só mais tarde se tornará consciente, tudo isso é conteúdo do inconsciente” (JUNG, MSR, 2016, p. 405).

³ O arquétipo é idêntico às representações externas, mas permanece inconsciente enquanto fator anímico. Os arquétipos do inconsciente são correspondentes aos dogmas religiosos; (JUNG, 2012, OC. 12, § 12, 20, p. 23, 29).

Ocidente. Dentre as características apriorísticas, este material psíquico tende a basear-se na estrutura simbólica, no motivo do algarismo quatro, “isto é, por quatro divisões [níveis ou estágios de desenvolvimento psíquico] ou qualquer outra estrutura derivada da série numérica de 4, 8, 16 etc.” (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 268) e também denominada *quatérnio*⁴, assim como as quatro funções da consciência [pensamento, sentimento, sensação, intuição] e os quatro estágios [infância, latência, adolescência, vida adulta] de desenvolvimento da vida psíquica dos principais arquétipos (Ego, Sombra, Persona, Anima/Animus, *Self*).

Para a elaboração desta dissertação foram estabelecidos três objetivos específicos, os quais auxiliam na sua estruturação, que culminará em três capítulos: (I) Realizar um levantamento contextual histórico-filosófico da psicologia analítica enquanto ciência, bem como de seu principal termo – alma/psique; (II) Descrever as características do campo psíquico inconsciente que tem como centro regulador o *Self* e correlatar as mesmas com a imagem arquetípica de Cristo sob o ponto de vista psicológico; (III) Exemplificar a partir do excerto joanino “Aparição a Maria Madalena”, utilizando-se da figura de linguagem metafórica, a manifestação do *Self* na psique individual, visto se tratar de uma experiência *numinosa*⁵ que visa despertar no indivíduo a importância de tornar-se consciente da função anímica e religiosa ao longo do seu desenvolvimento psíquico.

No itinerário teórico-metodológico elegeu-se a pesquisa qualitativa, de imposição bibliográfica, para elaboração desta dissertação. Para tanto, empreendeu-se a reunião principalmente das obras coligidas de Carl Gustav Jung traduzidas em português pela comissão responsável de Leon Bonaventure, Leonardo Boff, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva e Jette Bonaventure, organizadas e publicadas pela Editora Vozes Ltda.

No primeiro capítulo, realiza-se uma trajetória sobre o contexto histórico-filosófico da psicologia que culminou no constructo da psicologia analítica. Ao resgatar o conceito de alma, Jung também busca ressaltar sua importância, seu sentido e significado na vida psíquica do indivíduo moderno; pode-se deduzir que notavelmente, em virtude do alto índice de patologias que tem acometido o homem, este se encontra

⁴ Pressupõe um aspecto quádruplo. Por exemplo: para descrever a totalidade do horizonte designamos os quatro pontos cardeais. Assim também existem quatro aspectos psicológicos de orientação psíquica, que são as funções de sensação, sentimento, pensamento e intuição (JUNG, MSR, 2016, p. 408).

⁵ Conceito de Rudolf Otto (o Sagrado), que designa o inexprimível, misterioso, tremendo, o ‘totalmente outro, propriedades que possibilitam a experiência imediata do divino’ (JUNG, MSR, 2016, p. 407).

em um estado de dissociação psíquica entre os eixos (Ego e *Self*), ou seja, a função anímica e religiosa atua de modo psíquico inconsciente na psique individual, manifestando-se por meio das patologias e ocasionando a perda da alma (HALL; NORDBY, 2014).

Para contribuir com essa tarefa, recorre-se aos autores Sonu Shamdasani⁶ (nascido em 1962), que apresenta este tema na obra *Jung e a Construção da Psicologia Moderna – O Sonho de uma Ciência* (2011). No cenário brasileiro, encontra-se Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatra de grande destaque no século XX e referência no ensino da psicologia analítica. Ao estabelecer contato com Jung, Nise adquiriu conhecimentos básicos e prévios sobre a estrutura psíquica da humanidade, e principalmente sobre as vias de manifestação utilizadas pelo centro psíquico. Conseqüentemente, tudo veio a contribuir com o avanço da psicologia analítica no Brasil; diante disso, a presente dissertação fundamenta-se em sua obra *O mundo das Imagens* (1992).

No que compete ainda ao primeiro capítulo, vale mencionar os escritos de Jung quanto ao *Problema fundamental da psicologia*, ensaio indispensável presente no volume 8/2 (2013, § 649-688), pois contribui para situar o leitor no contexto de desenvolvimento da psicologia na condição de ciência; outro ensaio fundamental a esta dissertação é *A importância da psicologia [analítica] para a época atual* (2013, OC. 10/3, § 276–332), destacando-se, assim, o motivo de Jung estar preocupado com o conceito de “alma” e com a “perda da alma” no indivíduo moderno.

Logo, para Jung, a perda da alma no indivíduo caracteriza-se como a causadora do caos originário das inúmeras doenças na atualidade, pois o indivíduo ocupou-se com as coisas do mundo externo e esqueceu-se da sua interioridade, bem como das necessidades da alma e da função anímica e religiosa da psique. Este aspecto é abordado por Jung no ensaio intitulado *O problema psíquico do homem moderno* (2013, OC. 10/3, § 148-196). Tal problemática evidencia a dificuldade que o homem tem ao se voltar para o mundo interno, assim como em compreender a linguagem usada pela sua psique, que busca contribuir com o desenvolvimento de sua personalidade.

⁶ Nasceu em 1962, é autor, editor-chefe e professor radicado em Londres, na University College London. Suas pesquisas e escritos concentram-se em Carl Gustav Jung e cobrem a história da psiquiatria e da psicologia desde meados do século XIX até os tempos atuais.

Isso ocorre porque poucos profissionais da psicologia compreendem o que Jung concebe em sua teoria como “a estrutura da alma” (2013, OC. 8/2, § 283-342) e, por essa razão, segundo Jung, o homem moderno tem substancialmente “perdido sua alma”; ao passo que a psicologia analítica busca elucidar que é responsabilidade da humanidade, na condição de conjunto de seres individuais e únicos, a tarefa de ampliar e tornar-se consciente dos fenômenos psíquicos para, assim, realizar o processo de integração dos conteúdos psíquicos até alcançar, se tudo der certo, a totalidade, o indivisível, o centro da psique: o *Selbst*⁷. Tal fenômeno psíquico emerge principalmente por meio do produto psíquico denominado: sonhos⁸.

Na sua totalidade, a personalidade foi nomeada psique nos primórdios gregos; esta palavra significa “espírito” ou “alma”, e na modernidade passou a significar “mente” – como em psicologia, “a ciência da mente” (HALL; NORDBY, 2014). De acordo com Jung, o termo é muito mais profundo e significativo; ele está relacionado a tudo aquilo que dá a vida, que anima o homem, ou que tem vida no homem (JUNG, 2013, OC. 8/2).

Precisamente, o que Jung propõe é que nos aprofundemos no conceito de psique, que tem sido (e era até então, ainda mais na sua época) entendido como indicativo da “mente humana”, como sede do intelecto e da racionalidade. Na atualidade, o termo psique mantém esta tradução moderna em muitas abordagens psicológicas que se encontram baseadas na racionalidade e que têm como cosmovisão os fenômenos físico-racionalistas.

Neste cenário epistemológico, a concepção da psique como alma permite à psicologia analítica adotar perspectivas históricas, mitológicas e religiosas que seriam prévia e sumariamente excluídas pelas outras abordagens científicas e racionalistas. Em sua idealização, a alma é de tal complexidade que pode “[...] ser analisada e observada de inúmeros ângulos e com a psique acontece justamente o mesmo que acontece com o mundo: porque uma sistemática do mundo está fora do alcance humano, [...]” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 283, p. 83).

⁷ A palavra alemã *Selbst* significa “o mesmo”, encontrado no português como ‘*Si-mesmo*’. Doravante grafaremos o termo pelo vocábulo traduzido para o inglês *Self*.

⁸ O sonho é um produto da atividade psíquica do inconsciente durante o sono. O sonho é um processo automático, que se fundamenta na atividade independente provinda do inconsciente e que não está sujeito à nossa vontade, do mesmo modo que o processo fisiológico da digestão. Trata-se, pois, de um processo psíquico absolutamente objetivo (JUNG, 2013, OC. 17, § 113, p. 68-69).

O termo alma envolve a totalidade psíquica da vida interna e externa do ser humano, seja ela racional ou irracional, pessoal ou coletiva, assim como consciente ou inconsciente. Isto inclui os fenômenos psíquicos do campo inconsciente coletivo e da dimensão anímica e religiosa constituintes da psique; sua atuação e manifestação contribuiu para delimitar a perspectiva da psicologia analítica em seu contexto acadêmico, pedagógico e filosófico, sendo ela o de: “educar a si mesmo”, o que significa dizer que o indivíduo⁹ tem total responsabilidade em buscar conhecimento para desenvolver sua personalidade, pois ele contém em si capacidade e potencialidade para desenvolver as “virtudes da sua alma humana” – compete ao Ego assumir essa tarefa de forma consciente e ativa.

Ao longo de seus estudos e com o desenvolvimento conceitual da psicologia analítica, Jung passou a compreender a psique como uma estrutura constituída por dois grandes campos: (I) o consciente (campo 1); (II) e o inconsciente (campo 2). No caso do inconsciente, subdivide-se em: (I) inconsciente pessoal, que contém o conjunto de conteúdos individuais, as representações ou impressões penosas mais ou menos intencionalmente reprimidas percebidas pelo campo dos sentidos; enquanto o (II) inconsciente coletivo¹⁰ pode ser compreendido com base nos conteúdos manifestados que apresentam uma maior amplitude, sendo eles universais e que reaparecem na psique regularmente.

O campo psíquico do inconsciente tem como centro atuante e regulador das atividades psíquicas o *Self*, sejam elas em estado de sono ou vigília. Para Jung, este centro não foi desde o seu início compreendido da forma como o mesmo nos apresenta em sua teoria amadurecida. Foi ao longo de seus estudos e após se debruçar sobre os escritos da história do mundo, das religiões, da filosofia, da mitologia, da arqueologia, entre outras áreas, que ele encontrou um fio condutor e passou a considerar o *Self* como uma entidade não psicológica transcendente que atua sobre o sistema psíquico e produz símbolos de integridade, totalidade e unidade. Dentre eles, pode-se observar e analisar a presença da imagem de Cristo na cultura do Ocidente.

⁹ Em sua etimologia, a palavra *indivíduo* deriva de duas raízes: *in* = não e *dividere* = dividir. Assim sendo, seu significado básico é: algo indivisível (EDINGER, 1972, p. 222).

¹⁰ Constituído de algo semelhante a temas ou imagens de natureza mitológica, e, por esta razão, os mitos dos povos são os verdadeiros expoentes do inconsciente coletivo. Toda a mitologia seria uma espécie de projeção do inconsciente coletivo. Por isso, podemos estudá-lo de duas maneiras: na mitologia ou na análise do indivíduo (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 325, p. 97).

Dedicar-se à investigação da natureza psíquica e ao *Self* se tornou um grande desafio para Jung, mas este se constituiu em uma categoria fundamental para toda a sua teoria. Deste modo, esta dissertação tem por escopo abordar as considerações de Jung quanto a esse centro e conseqüentemente a respeito da imagem de Cristo, que ocupa a categoria central na psique humana e coletiva da cultura do Ocidente. Nesse sentido, a presente dissertação busca ressaltar, em consonância com a psicologia junguiana, uma possível compreensão da manifestação do *Self* segundo a perspectiva psicológica presente nas linhas textuais do autor. Para corroborar este estudo, apresenta-se a partir da figura de linguagem, a metáfora, o excerto joanino “Aparição a Maria Madalena”, como um exemplo de experiência *numinosa*, de manifestação do *Self*, que válida a importância de tornar-se um ser consciente da função anímica e religiosa na psique humana.

No que se refere à constituição psíquica, o campo 1 (consciente) tem como centro regulador o Ego¹¹, que representa a consciência¹² individual e contém tudo aquilo que o indivíduo conhece e se relaciona ao longo de sua vida de forma consciente – e que irá se caracterizar como uma personalidade inata de atitude extrovertida ou introvertida. É o Ego quem irá, ao longo da vida adulta, desempenhar as tarefas determinadas pelo *Self*, por isso suas bases precisam ser bem construídas e alicerçadas, o que significa dizer que a criança necessita de um indivíduo de personalidade desenvolvida para lhe dar todo suporte desde a sua concepção até que este alcance a segunda metade da sua vida, a vida adulta. Do contrário, enquanto estiver neste estágio de dependência, é como se vivesse em estado de participação mística, tal fenômeno psíquico pode perdurar ao longo de sua vida adulta, isto por si só exemplifica como se dá a atuação do inconsciente, seja ele em nível pessoal ou coletivo (FREEMAN *et al.*, 2008).

O campo 2, cujo centro é o *Self*, é responsável pela totalidade da psique humana, tanto em estado de vigília quanto em estado de sono. É deste campo,

¹¹ Jung percebeu-o como o centro da consciência, porém também sublinhou as limitações e a incompletude do Ego como algo menor que a *personalidade* inteira. Embora o Ego tenha a ver com assuntos tais como identidade pessoal, manutenção da *personalidade*, além do tempo, mediação entre campos conscientes e inconscientes, conhecimento e testes da realidade, também deve ser considerado como uma instância que responde às necessidades de uma outra que lhe é superior, o *Self* (cf. SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003, p. 30-31).

¹² “A consciência, é um fenômeno efêmero, responsável por todas as adaptações e orientações de cada momento, e por isso seu desempenho pode ser comparado muitíssimo bem com a orientação no espaço” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 342, p. 103).

inconsciente coletivo e arquetípico, que emanam as manifestações dos fenômenos psíquicos que, em geral, são de natureza irracional. Surgem de modo espontâneo, sobretudo em tempos de grandes necessidades psíquicas de adaptação e evolução. Sua manifestação pode revelar-se por meio de uma imagem onírica que surge, em princípio e na maior parte das vezes, como simbólica (STEIN, M., 2006). A compreensão dessa imagem no seu valor simbólico dependerá do estágio de desenvolvimento da personalidade em que se encontra a psique do indivíduo.

Na concepção da comentadora Jolande Jacobi¹³ (2016), o inconsciente coletivo

não é o conteúdo da experiência, mas a correspondência com esta e com o mundo na sua totalidade. Não se percebe que o inconsciente coletivo é de natureza completamente distinta, porque abrange em si todos os conteúdos da experiência psíquica humana, tanto os mais valiosos como os mais inúteis, os mais belos e os mais feios; do mesmo modo, também não se percebe que ele é, em si mesmo, de todos os pontos de vista, absolutamente 'neutro' e que os seus conteúdos só recebem determinação de valor e colocação após a confrontação com o consciente (JACOBI, 2016, p. 75-76).

Isso vai ao encontro daquilo que Jung preconiza em sua psicologia quanto à estrutura da psique:

Devemos, todavia, habituar-nos ao pensamento de que entre a consciência e o inconsciente não há uma demarcação precisa, com uma começando onde o outro termina. Seria antes o caso de dizer que a psique forma um todo consciente-inconsciente (JUNG, 2013, OC. 8, § 397, p. 148).

Eis que a Psicologia se depara com a importância e hipótese do inconsciente. E a Alma “já não era mais aquilo que se sabia e se conhecia diretamente e acerca da qual nada mais encontrávamos do que definições mais ou menos satisfatórias” (JUNG, 2013, OC. 8/2 § 356, p. 113). Ela ressurgiu sob uma dupla e estranha forma, como algo conhecido e ao mesmo tempo desconhecido pela ciência e este fato marca o início de uma nova epistemologia, reconsiderando a possibilidade de uma “psicologia com alma”, conforme será abordada no primeiro capítulo.

¹³ Nascida em 25 de março de 1890, veio a falecer em 1 de abril de 1973. Psicóloga suíça, conheceu Jung em 1927, trabalhou e foi influente no estabelecimento do Instituto em Zurique em 1948. Produziu diversos escritos sobre psicologia junguiana.

No segundo capítulo, analisaremos o ponto central da psicologia de Jung: o centro da psique, denominado *Self*, que na cultura do Ocidente traz como imagem tradicional a figura do Cristo, ocupando, assim, o lugar de arquétipo central segundo a psicologia analítica. Para embasar e aprofundar a compreensão sobre os conceitos analíticos, foram selecionados os seguintes ensaios: *O conceito de arquétipo* (OC. 9/1, § 148-155), *A função do arquétipo* (OC. 9/1, § 276-277), *O caráter futuro do arquétipo* (OC. 9/1, § 278). No intuito de contribuir na ampliação dos respectivos conceitos que permeiam a escrita desta dissertação, o estudo também se fundamenta no livro *Complexo, Arquétipo e Símbolo na Psicologia de C. G. Jung*, que apresenta um estudo mais detalhado e compreensivo sobre o respectivo termo — arquétipo, de autoria da Jolande Jacobi (2016).

Ainda para contemplar o segundo capítulo, dentre os escritos de Jung que embasarão as características do arquétipo cristão como *Self* encontra-se a obra intitulada *Éon*, em grego *Aiôn*¹⁴, que tem como significado no português: “Era Cristã”. Nessa obra, Jung busca se apropriar, de modo empírico e científico, do seu objeto de estudo para demonstrar de que maneira Cristo se revelou progressivamente ao longo do éon cristão. Constituirão também parte deste estudo os seguintes ensaios de Jung: *O si-mesmo* (OC. 9/2, § 43-67); *Cristo, símbolo do si-mesmo* (OC. 9/2, § 68-126). Além disso, *Estrutura e dinâmica do si-mesmo* (OC. 9/2, § 347-421) e *Os símbolos do si-mesmo* (OC. 12, § 323-331) são alguns dos ensaios a serem considerados pela presente dissertação.

Para enriquecer o presente estudo abordaremos o comentador e analista junguiano Edward F. Edinger¹⁵. Dentre suas obras uma atenção especial será dedicada aos *Seminários Aion. Explorando o Self no Aion de C. G. Jung* (2014), em que cada parágrafo da obra de Jung é examinado. Outra obra a ser citada é *O Arquétipo Cristão: Um comentário junguiano sobre a vida de Cristo* (1987), bem como a obra *Ego e Arquétipo: Uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung* (1972). Para o constructo exposto pela dissertação ambas as obras auxiliam a fim de estabelecer uma compreensão da definição conceitual e

¹⁴ No idioma grego antigo temos três palavras para expressar o tempo: *Chronos*, *Kairós* e *Aion*. *Aion* é mais difuso e ambíguo, mas passou a significar um período muito longo de tempo, algo como uma era, ou mesmo a eternidade ou o para sempre (EDINGER, 2014, p. 10).

¹⁵ Edward F. Edinger (1922-1998) foi presidente do Instituto da Fundação C. G. Jung de Nova York, médico psiquiatra, analista junguiano e autor de vários livros.

simbólica que a imagem arquetípica de Cristo ocupa na psique individual, assim como qual a sua finalidade na atualidade.

No terceiro capítulo, a dissertação contemplará, utilizando-se da linguagem metafórica, a manifestação do arquétipo de Cristo experimentado pela personagem de M. Madalena, com base no excerto joanino (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20, 1-18, p. 1411). Propõe-se contextualizar a partir da psicologia analítica que a finalidade maior e primeira da humanidade é “abrir os olhos” para a vida interior da alma, desvelando as suas riquezas para alcançar o real e verdadeiro sentido e significado que o indivíduo pode vir a encontrar por meio do arquétipo Cristo, mediado pela experiência consciente entre o Ego e o *Self*. Visto que tal vivência o conduz a um novo estado de ampliação e amadurecimento de sua consciência, despertando no indivíduo a via espiritual, que objetiva *humanizar-nos*, aguçando o indivíduo a buscar sua verdadeira essência, transformando seus instintos, ou seja, até mesmo toda dor ou sofrimento pode vir a ter um novo olhar e sentido de existir.

Antes de experienciar essa etapa psíquica em seu processo, é válido ressaltar que é fundamental ao indivíduo realizar um árduo e demorado processo de assimilação, principalmente dos conteúdos psíquicos e arquetípicos da sombra e do animus, assim como se deu com a personagem de M. Madalena, ou seja, para vivenciar a experiência do *numinoso* ela já havia purificado e domado seus instintos selvagens, que podem ser compreendidos pelo leitor estabelecendo-se uma relação com os sete pecados capitais, quais sejam: gula; avareza; luxúria; ira; inveja; preguiça e soberba, que são encontrados no agir humano em graus leves, moderados e graves e necessitam ser domados no sentido analítico de ser transformado e não domesticado. Nesta dissertação, não abordaremos em linhas gerais essas etapas que antecedem a manifestação do *Self*, de modo que apenas serão mencionadas e situadas ao longo da dissertação.

Portanto, trata-se de uma peregrinação do indivíduo que se dispõe a percorrer o caminho de viver e olhar para si, para o seu processo psíquico inconsciente e buscar torná-lo consciente, especialmente a partir da segunda metade da vida. É com base nesse posicionamento que a psicologia analítica pode fornecer respostas para o problema circunscrito na psique da cultura do Ocidente, desse modo é como se todos os indivíduos vivenciassem o mito cristão na sua forma inconsciente; o que pode vir a se diferenciar psiquicamente é a atitude do Ego a partir da segunda metade da vida, o qual irá buscar, de maneira individual, tornar esse processo de desenvolvimento

consciente. Destaca-se que seu início será marcado pelos conteúdos de matéria-prima da sombra, manifestada através dos sintomas, ações, opiniões, afetos, fantasias e sonhos em cada indivíduo, variando em grau – leve, moderado ou grave. Quando em processo de análise com o auxílio desse material, o profissional pode retirar conclusões indiretas acerca da constituição e do estado momentâneo do processo inconsciente do indivíduo, bem como em qual nível de desenvolvimento psíquico sua personalidade se encontra. No entanto, vale lembrar que: “jamais conseguiremos ultrapassar o hipotético, *como se*” (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 272, p. 66).

Nesse capítulo, portanto, busca-se expressar a manifestação do arquétipo cristão, aludindo-o a partir da perícopa joanina, como uma metáfora, o qual tem potencial de *vir-a-ser* um referencial imaginativo, carregado de simbologia, que aponta numa direção intrapsíquica. Tal experiência pode variar entre uma vivência consciente ou inconsciente, de modo que o estudo pretende clarificar para o leitor, por meio desse excerto, a manifestação do arquétipo cristão na psique, na sua forma consciente, ressaltando a importância do indivíduo em realizar a busca pelo centro de sua alma.

Ao estabelecer estas relações com base no excerto joanino, o leitor poderá, conseqüentemente, observar um caminho de transformação e de integração entre o humano e o divino, consciência e inconsciência, alma e corpo, sombra e luz. Jung revela ao leitor que existe um efeito arquetípico e cultural transformador contido no símbolo vivo e manifestado pelo *Self*, que é Cristo, ao estabelecer sua atual finalidade ético-metafísica de transformação integral para o indivíduo do Ocidente. Sob o pressuposto de que o objetivo do indivíduo na condição de “Ser humano” é alcançar a sua totalidade (o *vir-a-ser*, sua essência verdadeira), propõe-se ampliar a consciência do indivíduo do Ocidente de uma ciência para a sapiência.

1 A NOÇÃO DE PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG

A alma é o ponto de partida de todas as experiências humanas e todos os conhecimentos que adquirimos acabam por levar a ela. A alma é o começo e o fim de qualquer conhecimento. Realmente, não é só o objeto de sua própria ciência, mas também o seu sujeito (Carl Gustav Jung. A Natureza da psique).

O assunto estudado neste capítulo é desenvolvido pelo fundador da Psicologia Analítica – Carl Gustav Jung, talvez um dos primeiros pensadores a abrir um espaço significativo e empírico para o conceito antropológico e psicoterapêutico da função anímica e religiosa na psique. Encontra-se na obra *Memórias, sonhos e reflexões* (MSR, 2016) um diálogo que Jung trava com o seu inconsciente evidenciando um questionamento que continua presente na atualidade e passível de ser colocado em análise e reflexão filosófica pelo atual indivíduo:

- ‘Mas em que mito vive o homem de nossos dias?
 - No mito cristão, poder-se-ia dizer.
 - Por acaso vives nele? [algo perguntou em mim].
 - Respondendo com toda honestidade, não! Não é o mito no qual vivo.
 - Então não vivemos mais um mito?
 - Não. Parece que não vivemos mais um mito.
 - Mas qual é o mito para ti, o mito no qual vives?
- Sentia-me cada vez menos à vontade e parei de pensar. Atingira um limite (JUNG, MSR, 2016, p. 177-178).

É importante salientar que Jung advém de uma tradição protestante, sendo, desde muito cedo, confrontado com o fenômeno religioso. E este estudo consiste em retomar os conceitos – *Alma e Deus* – presentes no questionamento do autor e tão atuais ao indivíduo que busca desenvolver-se psiquicamente, sendo eles: “*Em que mito vive o homem do Ocidente? No mito cristão?*”. E não se Jung “viveu o mito cristão”. A partir da presente explanação dos conceitos como constituintes da psique humana, ao longo de suas pesquisas, Jung observa que os fenômenos psíquicos que englobam os respectivos conceitos foram rejeitados pelo pensamento moderno em sua transição para a contemporaneidade. Por isso, Alma e Deus teriam sido progressivamente afastados como temas da atenção científica, inclusive pela psicologia, o que, de certa forma, perdura ainda hoje. Desse modo, a atual sociedade encontra-se caracterizada por uma cisão da dimensão anímica e religiosa em sua psique, derivando um grande e crescente número de patologias psíquicas. O que, de

certa maneira, Jung definiu em suas obras como “perda da alma” e, ao longo de sua vida e de seus estudos, ele buscou compreender e recuperar para a civilização moderna a capacidade de compreensão simbólica da função psíquica e anímica denominada por ele dimensão religiosa no homem.

E atualmente como estaria o homem moderno? Estaria ele vivendo uma vida sem significado e sentido, em constante sofrimento psíquico e perdendo o pouco que lhe resta de sua “alma”? Pressupõe-se que em sua psique poderia ser encontrado um mal disfarçado de “bem ou de bom” que há muito tempo pode estar sendo disseminado e cultivado em seus corações pelos meios sociais e culturais desde a sua tenra infância, de modo que muitos indivíduos nem se dão conta dessa pequena dose de “veneno diário” da qual estão alimentando sua alma.

Verifica-se que já em seu tempo Jung cita que era possível observar e descrever muitos sinais de uma contrarrevolução do espírito humano, visto que um número considerável de pessoas não conseguia encontrar um significado para sua vida e, segundo Jung: “não houve nenhum indivíduo, cujo problema não fosse, em última instância, o de encontrar uma perspectiva religiosa” para sua vida psíquica, levando-o a concluir que o psicólogo deve procurar, junto com o paciente, “o *fator eficaz*¹⁶ – ou seja, a coisa *verdadeira*” (JUNG, 2013, OC. 16/1, § 95, p. 57), que visa “produzir um estado de fluidez, de transformação e de *vir-a-ser*” (JUNG, 2013, OC. 16/1, § 99, p. 59).

Mais adiante, Jung ainda declara que:

Por mais abstrata que possa parecer, é uma realidade encontrada na prática que a causa de inúmeras neuroses está principalmente no fato de as necessidades religiosas da alma não serem mais levadas a sério, devido à paixão infantil do entendimento racional. Afinal o psicólogo dos nossos dias deveria saber que o que importa já não são os dogmas e credos, mas sim toda uma atitude religiosa, que tem uma função psíquica de incalculável alcance. A continuidade histórica é imprescindível justamente para esta função religiosa (JUNG, 2013, OC. 16/1, § 99, p. 59).

¹⁶ Em sua obra *A prática da psicoterapia*, Jung apresenta uma questão fundamental ao profissional: “Qual a única coisa que posso oferecer ao paciente individual e legitimamente?” E sua resposta é: ‘um efeito’ (JUNG, 2013, OC. 16/, § 95, p. 57). Ao ampliar a condição do *efeito* para *eficaz*, Jung remete-se ao trabalho de Lehmann, que trata de um *efeito extraordinariamente eficaz ou mana*, como expressão do criativo, da força da medicina e da fecundidade, sendo considerado ainda como ‘pura e simplesmente aquilo que impressiona’ independente do que pensemos ou deixemos de pensar a respeito, o que funciona é o impacto, e isso é o que há de decisivo, um fator que promove a mudança de atitude, que provoca uma saída do estado de estagnação da energia psíquica (LYRA, 2018, v. 14, p. 144).

Jung sinaliza ao leitor que tanto o indivíduo quanto os profissionais das áreas humanas, aqui de modo especial aquele cujo desígnio é “cuidar da alma humana”, perderam o real e verdadeiro sentido do seu objeto de estudo – o Ser Humano. Ou seja, “O que é ser humano? Qual a razão de ser humano? Qual o propósito disso?” são questionamentos que ficam sem respostas na cultura do Ocidente em virtude da forma histórica como a psicologia, na condição de ciência empírica, se desenvolveu em torno do seu objeto de estudo, distanciou-se, pois, da psique; assim, atribuiu valor apenas ao comportamento do homem, reduzindo-o aos seus comportamentos instintuais, visto que as ciências comportamentais são mensuráveis pelo campo racional. Dado este contexto e o distanciamento da psicologia do seu real objeto de estudo, observa-se, conseqüentemente, que o homem também se distanciou de seu centro psíquico – o *Self* –, ocasionando, então, o que Jung compreende como “perda da alma”, que será contextualizado no capítulo seguinte.

1.1 O objeto de estudo da psicologia

Neste primeiro momento é importante situar o leitor quanto aos elementos e aos conteúdos do campo psíquico consciente/inconsciente que compõem e constituem a estrutura psíquica no Ocidente. Dentre eles se destacam, inicialmente, os instintos humanos, considerados pela psicologia analítica a existência de vestígios arcaicos e modos primitivos de funcionamento que são herdados e estão presentes de maneira inata, cuja finalidade de manifestação é sentida e percebida como parte constituinte da matéria-prima que será transformada ao longo do desenvolvimento humano – estes conteúdos psíquicos fazem parte do campo inconsciente, em âmbito pessoal e coletivo.

Segundo Murray Stein (2006, p. 90), Jung argumenta que os instintos humanos têm suas raízes no físico e emergem na psique sob a forma de pulsão, pensamento, memória, fantasia e emoção. E o homem contém em si a potencialidade de vir a ter e desenvolver as chamadas competências e virtudes da alma, para, então, escolher, refletir, agir ou não agir de acordo com as chamadas pulsões instintivas, que incluem: as paixões, a fome, o sexo e o poder. Compreender a atuação dos instintos humanos na vida psíquica e dar-se ao trabalho de domá-los, como se doma um boi selvagem, contribui para o desenvolvimento e ampliação da consciência, ou seja, a busca do homem moderno pelo centro de sua alma passa da transformação instintual do Ego

para uma via espiritual, como se fosse uma espiral ascendente, e se tudo der certo é possível ao indivíduo alcançar o desenvolvimento pleno e totalitário da dimensão anímica e religiosa que constitui o ser em si, o *Self*.

Para a psicologia analítica o indivíduo é capaz de desenvolver sua psique, até porque, se levarmos em consideração que a estrutura do corpo apresenta vestígios de uma evolução:

seria de espantar que a psique fosse o único fenômeno biológico a não mostrar vestígios claros da história de sua evolução, e é sumamente provável que estas marcas se achem intimamente relacionadas justamente com a base instintiva. Instinto e forma arcaica coincidem no conceito biológico de *pattern of behaviour* (forma comportamental). De fato, não há instinto amorfo, pois cada instinto reproduz a forma de sua situação. Ele realiza sempre uma imagem que possui qualidades fixas. O instinto da formiga-cortadeira (saúva) realiza-se na imagem da formiga, da árvore, da folha, do corte, do transporte e no pequeno jardim de fungos, cultivado pelas formigas. Se falta uma dessas condições, o instinto não funciona, porque não pode existir sem sua forma total, sem sua imagem. Uma imagem desta natureza constitui um tipo apriorístico. É inato na formiga, antes de qualquer atividade, porque está só tem lugar quando um instinto de forma correspondente oferece motivo e possibilidade para isto. Este esquema vale para todos os instintos e apresenta forma idêntica em todos os indivíduos da mesma espécie. O mesmo se aplica ao homem: ele traz dentro de si certos tipos de instintos *a priori* que lhe proporcionam a ocasião e o modelo de sua atividade, na medida em que funcionam instintivamente. Como ser biológico, ele não tem outra alternativa senão a de se comportar de maneira especificamente humana e realizar o seu *pattern of behavior* (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 398, p. 149).

No contexto clínico da psicologia analítica realiza-se junto ao paciente o caminho inverso, denominado amplificação, partindo-se do instinto, manifestado nos sonhos, emoções, sintomas ou fantasias, em busca de uma imagem que subjaz. De forma resumida, este é também chamado processo de amplificação, no qual Jung baseia seu método de determinação que contribui com o analista para encontrar, juntamente com o paciente, o fator eficaz, a coisa verdadeira carregada de significado e sentido, quando realizada a análise da matéria-prima no contexto clínico. Da mesma forma que os chamados arquétipos intervêm no processo de formação dos conteúdos conscientes, regulando-os, modificando-os e motivando-os, ou seja, atuando como instintos. Portanto, é natural supor que estes princípios formadores coletivos são idênticos às formas instintivas e em sua forma comportamental (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 404, p. 154).

Para Jung, a contrarrevolução do desenvolvimento humano, à qual ele faz referência, defende que o homem possa ter acorrentado dentro de si o poder ameaçador que jaz ao se distanciar de sua base instintiva, domesticando-a para permanecer em um mundo caótico de inconsciência coletiva, impedindo-o de acessar e compreender profundamente esses fatores internos e desenvolvê-los a ponto de alcançar a sua totalidade, o centro da psique. Significa exprimir que viver uma vida sem sentido e significado ao longo dos anos tem levado a humanidade a manifestar as mais variadas patologias físicas e psíquicas. Isso acaba por se tornar um problema psíquico para o homem moderno, e esta é:

[...] uma das questões indefinidas, exatamente por sua modernidade. Moderno é o homem que surgiu há pouco, e um problema moderno é uma questão que surgiu, mas cuja resposta ainda está no futuro. Por isso, o problema psíquico do homem moderno é, na melhor das hipóteses, uma interrogação que talvez se apresentasse de modo bem diferente, se tivéssemos ligeira ideia da resposta que o futuro trará (JUNG, 2013, OC. 10/3, § 148, p. 84).

Diante dessa assertiva apresentada por Jung, caberia ao homem moderno o seguinte questionamento: *“Estariam as pessoas na modernidade percebendo e reconhecendo quais são as necessidades da dimensão anímica e religiosa da sua psique?”*. Em consonância com a psicologia analítica pode-se inferir que as necessidades da dimensão religiosa têm ampla relação com o surgimento dos problemas psíquicos ou das chamadas patologias psíquicas, por se tratar do mundo interno, intrapsíquico, ainda pouco conhecido e explorado pelos indivíduos e muitos se encontram a ponto de perderem o pouco que lhes resta de suas almas para as coisas banais e passageiras do mundo. *“É como se”* o homem moderno, por não perceber e não integrar as necessidades religiosas e anímicas da sua psique, perdesse sua essência, sua alma. Assim sendo, a presente dissertação visa ampliar no capítulo três a ideia de que uma experiência consciente com o *numinoso* pode gerar transformações significativas na psique individual. Oferecendo uma possibilidade de análise a partir da Aparição à M. Madalena.

1.2 O fenômeno psíquico e o efeito de ampliação de consciência no indivíduo da cultura do Ocidente

Na cultura do Ocidente, o fenômeno psíquico a ser investigado neste estudo possui sua prefiguração no arquétipo de Cristo. No entanto, no que diz respeito à ampliação de consciência, o indivíduo possui a responsabilidade e livre-arbítrio, bem como exige-se uma atitude do Ego de total comprometimento, pois entende-se que a busca pelo desvelamento, pela coisa verdadeira se dá por meio de uma experiência ou vivência intrapsíquica, com valor afetivo real e concreto. Assim, o fator eficaz, a coisa verdadeira, o encontro com Deus, ocorre em seu aspecto interno e psíquico em cada indivíduo, podendo ser denominado e nomeado de inúmeras maneiras na atualidade, inclusive em termos técnicos na psicologia analítica esse processo faz referência à religação intrínseca que se dá entre os eixos Ego - *Self*. Todavia, neste estudo opta-se preferencialmente pelo termo ampliação de consciência, e que, se tudo der certo, poderá ser alcançado pelo indivíduo que assumir as respectivas responsabilidades de forma consciente, na medida que lhes forem impostas as tarefas pelo centro da psique – o *Self*.

Empreender tamanha tarefa vai além dos próprios interesses pessoais, é necessário avançar no nível racional e objetivo, ao invés de ficar preso às preocupações e aos bens materiais e mundanos da vida cotidiana e racional, somente questionando e esperando respostas sobre: qual o interesse do outro em me oferecer isso? O que ele ganha com isso? O que ele ganha ao fazer isso? É preciso avançar, sendo indispensável ao indivíduo um pleno conhecimento do seu Ego; o amadurecimento psíquico tem suas bases próximas do desenvolvimento biológico, o que, segundo Edinger, significa que:

[...] de início, a jovem criança refere-se a si mesma na terceira pessoa, mas então, por volta dos três anos, começa a usar o pronome 'eu'. Porém isso não significa que a criança tenha consciência do eu [Ego], pois isto só se dará mais tarde, [...] cujo objetivo é levar à uma plena noção de ser um indivíduo isolado e consciente, portador de uma consciência separada do restante do mundo (EDINGER, 2014, p. 19).

Desse modo, quando o indivíduo alcançar a segunda metade de sua vida, ele deve avançar para as profundezas da alma e do seu inconsciente e suas indagações surgirão do mais íntimo do seu Ser, como indivíduo. Deve se situar, como descrito na

introdução, em uma posição de atitude filosófica de observação, reflexão e que faz questionamentos e inferências mediante os fatos que lhe acontecem, principalmente levando-se em consideração a pergunta proposta pela dissertação e sua prefiguração no mito cristão. Isto, conseqüentemente, tende a contribuir com a ampliação de consciência, de forma que ocorra a desidentificação das projeções que se repercutem nos relacionamentos [com o mundo, com os outros e com os objetos que nele existem], para que, de modo subsequente, tudo possa se reintegrar e religar-se a ele, mas, dessa vez, de forma única, individual, verdadeira e psiquicamente transformado. Nesse sentido, Jung salienta:

Quem chega a esta consciência do presente, necessariamente é *solitário*. O homem ‘moderno’ sempre foi solitário. Cada passo em direção a uma consciência mais elevada e mais abrangente afasta-o da participação mística primitiva e puramente animal com o rebanho, e da submersão num inconsciente comum. Cada passo à frente representa uma luta para arrancá-lo do seio materno universal da inconsciência primitiva, no qual permanece a grande massa do povo (JUNG, 2013, OC. 10/3, § 150, p. 85).

Haja vista o pressuposto de que o homem contém em si a capacidade de adquirir, ampliar e desenvolver sua consciência, isto é, o que lhe difere dos outros animais, assim espera-se que ele explore, amplie e busque tornar isso, ao longo da sua vida adulta, em algo consciente, sendo esta uma tarefa de responsabilidade do ser humano. Em virtude disso, Jung propõe ao homem moderno que “não podemos [e não iremos] apropriar-nos das imagens arquetípicas [como o Cristo] por aprendizagem, sugestionamentos ou meras interpretações” (LYRA, 2018, v. 14, p. 141), ou seja, é preciso sair da posição dogmática que acredita num Deus que você não ousa questionar, discutir e compreender seus símbolos. Desse modo, será destinado ao capítulo três contemplar e abordar a real importância desta experiência psíquica, isto é, quais os sentimentos, as emoções e as reações que a personagem de M. Madalena pode nós revelar diante do fenômeno psíquico de Aparição do Self na sua prefiguração do Cristo.

É preciso estabelecer uma abordagem e um método experimental e vivencial junto ao mito cristão para que possa haver uma possível compreensão e integração deste conteúdo na psique consciente e individual. Naturalmente, “ele encontra-se projetado no mundo externo e apenas o retraimento [recolhimento] dessa projeção pode torná-lo uma experiência real” (LYRA, 2018, v. 14, p. 141), cheia de significado

e sentido para o homem moderno. Nessa direção, comunica-se ao leitor que este é um dos caminhos possíveis para se responder ao questionamento proposto por Jung e apresentado ao indivíduo do Ocidente – “Vives o mito cristão?”. Quanto a isso, Jung assim discorre:

Só o homem que conseguir galgar os degraus da consciência do passado ou, em outras palavras, cumprir satisfatoriamente as tarefas que encontrou em seu mundo pode chegar à plena consciência do presente. Deverá ser, por conseguinte, [SER] um homem virtuoso e eficiente no melhor dos sentidos, um homem de eficiência ou capacidade igual e até mesmo superior à dos outros. Essas qualidades torná-lo-ão, capaz de galgar o próximo degrau de consciência imediatamente superior (JUNG, 2013, OC. 10/3, § 152, p. 86).

Dessa maneira, por meio de suas pesquisas e de modo experiencial, Jung propõe que este é o modo como se desenvolvem e se expressam as aspirações da alma, uma vez que o ser humano possui potencial e capacidade para tornar consciente em si os aspectos que habitam sua alma inconsciente pessoal e coletiva. Nesse sentido, entende-se que o homem contém em si, em algum lugar – “*dentro de si*” –, todas as capacidades que lhe são inatas. Para o psiquiatra suíço, “tudo reside na *psique*, tudo se encontra no *lado interno*” (JUNG, 2013, OC. 10/3, § 158, p. 88); no inconsciente, o homem apenas experiêcia isto de uma nova forma e com uma nova consciência, que, no entanto, depende da capacidade do Ego individual para tornar a transformação possível, assim como se deu com M. Madalena, que necessitou domar seus instintos enraizados na biologia do seu ser para, então, alcançar o centro de sua alma e receber a manifestação do *Self*.

Entre as capacidades inatas que estão contidas no mundo interno e psíquico do homem encontram-se as chamadas “virtudes da alma”: a coragem, a generosidade, a justiça, a contemplação, a reciprocidade, a motivação, a fidelidade, a caridade, a paciência, a bondade, a temperança, a fortaleza, a prudência, a humildade, a simplicidade etc. Todas elas visam contribuir para o indivíduo alcançar a *felicidade*, a maior e mais importante virtude da alma humana, e na sua forma instintual são ditos como os sete pecados capitais (gula, avareza, inveja, ira, orgulho, preguiça, luxúria), dos quais todos os indivíduos são portadores, o que os diferencia é o grau de manifestação (leve, moderado ou grave).

Para isso, segundo Jung, compete ao homem desenvolver os instintos a ponto de alcançar a união dos opostos. No capítulo três utilizaremos da linguagem metafórica apresentando como exemplo o excerto joanino, a partir do qual é como se a personagem de M. Madalena pudesse contribuir na atualidade, fornecendo material e elementos constituintes de sua jornada individual, que culminaram na união dos opostos, entre os eixos *Ego* e *Self*, resultando na experiência de um encontro genuíno com a *Imago Dei*. No entanto, compete ao indivíduo cultivar, desenvolver e tornar o amadurecimento psíquico frutífero, pois, do contrário, sua contraparte é capaz de destruir sua psique quando este ignora as influências reguladoras que o inconsciente lhe envia dada sua autonomia (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 164, p. 26).

A ampliação de consciência, na linguagem da psicologia analítica, constitui em si um movimento ascendente em forma de espiral, no qual o indivíduo busca desenvolver em si suas potencialidades, capacidades e virtudes ocultas à sua personalidade consciente, que nada mais são do que as características que compõem o ser e são da natureza humana. Como seres humanos, nascemos e agimos de forma instintual e ao longo do desenvolvimento e amadurecimento psíquico busca-se alcançar o centro, a partir dos dogmas religiosos, estabelecendo sua correspondência ao arquétipo de Cristo e desvelando-se a vida de Cristo, “que em termos psicológicos representa as vicissitudes do *Self* em sua encarnação num *Ego* individual” (EDINGER, 1987, p. 15).

Nessa perspectiva, para Jung,

[...] a sequência lógica naquilo que concerne ao símbolo central. É difícil nos livrar da impressão de que o processo inconsciente como que se move em espiral em torno de um centro, do qual o paciente se aproxima lentamente. Neste processo, as características do ‘centro’ tornam-se cada vez mais nítidas. Poderíamos talvez dizer inversamente que o centro – em si mesmo incognoscível – age como um ímã sobre o material e os processos disparatados do inconsciente, capturando-os pouco a pouco em sua teia de cristal (JUNG, 2012, OC. 12, § 325, p. 234).

Ao se posicionar em atitude de reflexão e de busca, permitindo-se vivenciar e tornar consciente as experiências introspectivas, por meio das imagens oníricas, que emergem dos sonhos ou visões, o indivíduo pode vir a sofrer uma manifestação do arquétipo central, que, na cultura do Ocidente, é prefigurado por Cristo. E ao sofrer uma experiência por meio do campo das percepções sensoriais e dos sentidos (tato,

olfato, paladar, audição, visão), ou seja, de forma instintual, não lhe restam dúvidas de que se trata de um fenômeno psíquico de amplitude arquetípica que visa gerar uma ampliação de consciência e, conseqüentemente, ocasiona a integração dos opostos ou dos chamados conteúdos psíquicos.

E assim é dado ao indivíduo o conhecimento sobre a sua verdade, a partir do conteúdo manifestado no campo psíquico da consciência, que gera um novo ciclo de informação e conexão entre os eixos – Ego e *Self*. Para exemplificar o efeito que o fenômeno psíquico de amplitude arquetípica causa na consciência do indivíduo, o terceiro capítulo será destinado a isto, o qual visa analisar, com base na psicologia analítica, a manifestação do fenômeno psíquico, isto é, a atuação do arquétipo Cristo sofrida por M. Madalena conforme o excerto joanino da Bíblia Ave Maria (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20,1-18, p. 1411).

Para contribuir com o entendimento teórico-prático de como se dá a vivência da manifestação do fenômeno psíquico segundo a psicologia analítica pode-se, de forma similar, observar como se dá o desenvolvimento psíquico de aprendizado de uma criança. Percebe-se que sua capacidade de conhecer as coisas tem início quando ela entra em contato com os objetos que constituem o seu entorno e ao explorá-los primordialmente pelo campo dos cinco sentidos, caracterizados pelo psiquiatra suíço como as funções: sensação e intuição, ou também chamadas de funções perceptivas, porque se referem a fatos físicos imediatos a nossa volta. Tais funções contribuem para que seja possível analisar e observar de que forma acontece a manifestação dos conteúdos inconscientes nos dias atuais, de modo que a função perceptiva dos sentidos ilumina o sistema corporal e intelectual, porque, de acordo com Jung:

[...] ‘o intelecto só contém o que passou pelos sentidos’. Parece que o consciente flui em torrentes para dentro de nós, vindo de fora sob a forma de *percepções sensoriais*. Nós vemos, ouvimos, apalpamos e cheiramos o mundo, e assim temos consciência do mundo. Estas percepções sensórias nos dizem que algo existe fora de nós. Mas elas não nos dizem o que isto seja em si. Isto é tarefa não do *processo de percepções*, mas do *processo de apercepção*¹⁷ (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 287-288, p. 84).

¹⁷ É um processo psíquico pelo qual se articula um novo conteúdo com conteúdos semelhantes e já existentes, de modo que se considere entendido, apreendido ou claro (JUNG, 2013, OC. 6, § 763, p. 430).

Assim sendo, com o passar do tempo e graças ao seu crescimento, ao chegar na vida adulta muito conhecimento será adquirido por ela, em decorrência do convívio primeiramente com seus pais e familiares e, em seguida, com os meios sociais, entre eles: a escola e a sociedade de um modo geral. É nesta relação consigo e com os outros no seu entorno que Jung identifica e estabelece a diferenciação entre os campos psíquicos inconscientes. Segundo a psicologia analítica, todo o conhecimento sobre a história de vida pessoal constituída com os laços sanguíneos e afetivos iniciais da vida do bebê e até mesmo na fase adulta da vida, em que o indivíduo busca formar novos laços afetivos e sanguíneos, compõe aspectos do seu campo inconsciente pessoal. E tudo aquilo que diz respeito a grupos e instituições sociais com as quais o indivíduo se identifica e atribui valor passa a fazer referência ao seu campo de inconsciência coletiva. É importante salientar que tal divisão não se dá de forma nítida na psique, esta é meramente uma definição teórica para auxiliar o leitor na compreensão dos termos.

Adiante, o presente estudo visa aprofundar-se na delimitação do conceito de inconsciente coletivo, que tem como centro regulador da psique o *Self*, e na cultura do Ocidente encontra-se prefigurado no mito cristão pela figura arquetípica de Cristo.

1.2.1 O Inconsciente Coletivo

O inconsciente coletivo, no modo como parece manifestar-se, é uma formidável herança espiritual do desenvolvimento da humanidade e da cultura do Ocidente que se encontra sob o princípio universal e coletivo denominado *participation mystique*¹⁸. Este nasce de novo na estrutura cerebral e psíquica de todo ser humano e pode ser facilmente percebido pelo indivíduo adulto ao observar uma criança recém-nascida, que necessita de outro ser como fonte de sua sobrevivência (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 342, p. 103). De modo semelhante, entende-se que o inconsciente coletivo na cultura do Ocidente, de modo duplo e generalizado, se encontra em estado de *participation*

¹⁸ Termo retirado da obra do antropólogo Lévy-Brühl. Usado para se referir a uma forma de relacionamento com um objeto (significando “coisa”) em que o sujeito não pode distinguir-se da coisa. Apoia-se na noção, que pode prevalecer numa cultura, de que a pessoa e a coisa – por exemplo, um objeto ou artefato sagrado – já estão ligados. Jung usou o termo a partir de 1912 para se referir a relações entre *peçoas*, em que o sujeito, ou parte dele, obtém uma influência sobre o outro, ou vice-versa. Por exemplo: a relação mãe-bebê, que se encontra em estado de *participation mystique*, a ligação ganha vida (cf. SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003, p. 70).

mystique com o mito cristão, ou seja, a psique contém em si tal material arquetípico, e todo aquele que aceitar o chamado, em busca de ser autêntico e verdadeiro, retirando as projeções do mundo externo, despertará dentro de si a função anímica e religiosa de nível arquetípico:

A participação mística refere-se a uma identificação entre a consciência do indivíduo e o seu mundo circundante, sem que ele tenha conhecimento de que se encontra nesse estado; a consciência e o objeto com o qual o indivíduo está identificado são misteriosamente a mesma coisa. Há uma ausência de conhecimento de uma diferença entre o próprio indivíduo e as suas percepções, por um lado, e o objeto em questão, por outro. Em certa medida, as pessoas permanecem nesse estado de participação mística durante a vida inteira. [...] estamos inconscientemente vinculados ao mundo que nos cerca. A maioria das pessoas estão ligadas a suas famílias, pelo menos no começo da vida, a qual se baseia em identificação, introjeção e projeção. Esses termos descrevem a mesma coisa: uma entremistura de conteúdos internos e externos. No começo, o bebê é literalmente incapaz de distinguir onde ele termina e onde a mãe começa. O mundo do bebê é sumamente unificado. É neste sentido que essa etapa da consciência antecipa a etapa final: a unificação suprema das partes num todo. No começo, porém, é uma totalidade inconsciente, ao passo que no final [da vida] o sentido de integração e totalidade é consciente [se tudo der certo] (STEIN, M., 2006, p. 160-161).

É como se, a cada nova etapa de ampliação psíquica, uma nova camada surgisse para ser desvelada pelo indivíduo até que seu Ego esteja integrado em sua totalidade com o *Self*. É válido apenas situar o leitor de que as etapas do desenvolvimento psíquico consistem em: encontrar-se com o eu (Ego) em si mesmo e nos outros, o que contribui para que o indivíduo estabeleça uma diferenciação entre si (sujeito) e o mundo (objeto), o que conseqüentemente já lhe sinaliza a característica da segunda etapa: o contato com a sombra, que se constela em si mesmo e a sua volta. Neste estágio sombrio, o indivíduo se depara com os conteúdos negativos de sua personalidade, ela é a soma de todas aquelas qualidades desagradáveis que ele gostaria de esconder, juntamente com sua infantilidade residual (EDINGER, 2014, p. 22).

A terceira etapa que irá ocorrer após o indivíduo assimilar e integrar em sua psique as projeções da sombra são as manifestações dos princípios masculinos e femininos que se encontram na psique humana. Estes princípios são representados pela *anima* na psique masculina e pelo *animus* na psique feminina. Este campo é composto por três fatores: “as qualidades contra sexuais do indivíduo, a imagem

arquetípica e as experiências pessoais da pessoa com o sexo oposto” (EDINGER, 2014, p. 25). Os dois primeiros fatores, segundo a psicologia analítica, são inatos; já o terceiro é adquirido ao longo das experiências concretas da vida do indivíduo.

É válido salientar, conforme Edinger e Jung, na psicologia analítica, que os fatores inatos não se encontram discriminados, mas sim superpostos e misturados, bem como o terceiro fator, que tem como ponto de partida a experiência com os pais, embora eles não sejam os únicos a contribuir com as características que serão adquiridas pelo indivíduo. A partir desse estágio, “tanto o Ego masculino quanto o feminino, podem entrar em contato com o *Self* por meio de seus componentes contra sexuais, de maneira a serem os mediadores nesta relação” (EDINGER, 2014, p. 25). Ou seja, na psique masculina para se conectar com o *Self* quem realiza a ação mediadora é a *anima*, enquanto que na psique feminina esta ação mediadora é realizada pelo *animus*.

É a partir deste ponto, ou seja, a partir da segunda metade da vida que o indivíduo adulto poderá, segundo a compreensão da psicologia analítica, sofrer “experiências pessoais e específicas de fatores arquetípicos que se expressam sob a forma de uma orientação divina ou como fonte de inspiração” ou na sua forma negativa “sob a forma de uma sedutora maldosa, ou mesmo como a personificação do destino na própria vida, e finalmente como o princípio de Eros ou Logos” (EDINGER, 2014, p. 25). Enfim, este tópico será retomado no capítulo três da presente dissertação, que tem o objetivo ampliar a manifestação arquetípica vivenciada por M. Madalena na sua forma de uma orientação divina ou como fonte de inspiração.

Na psique feminina o mediador será o animus que será experimentado nas relações externas por meio das figuras masculinas, entre elas:

Primeiramente, o pai biológico, e a seguir o irmão, o filho, o amante, o marido, o atual companheiro, todos estes pertencem ao nível adquirido. A nível arquétipo pode também ser encontrado sob a forma de um guia espiritual ou fonte de inspiração, e na sua forma negativa como o estuprador malvado, ou então na personificação do significado espiritual, e finalmente no princípio de Logos (EDINGER, 2014, p. 25).

Em síntese, observa-se que “existe uma atitude religiosa que desempenha um papel decisivo no que diz respeito à terapêutica dos males da alma”, por isso “a alma cria espontaneamente imagens que se manifestam por meio dos sonhos e visões de conteúdo religioso e que são, portanto, ‘de natureza religiosa’” (JUNG, 2013, OC. 8/2,

§ 405, p. 154). Esse aspecto dos arquétipos, ou seja, quando eles surgem, possui um caráter intrinsecamente *numinoso*, que Jung define como ‘espiritual’, e este fenômeno é de maior importância para a psicologia da religião. Porém, “o seu efeito não é claro, pode ser curativo ou destrutivo, mas jamais indiferente, pressupondo-se, naturalmente, um certo grau de clareza” ao indivíduo (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 405, p. 154).

Na linguagem de M. Stein, o efeito intrapsíquico dessa manifestação significa que o Ego pode sofrer pela imagem arquetípica: “possuído, sobrepujado, ou render-se-lhe, mesmo querendo resistir-lhe, pois a experiência é percebida como algo sumamente fecundo e significativo” (STEIN, M., 2006, p. 94). Isso torna a manifestação e atuação do *Self* diferente de um indivíduo para outro, assim como o modo como cada ser vivenciará o self por meio do seu campo de sentidos e das funções psíquicas, o que torna a jornada única e singular para cada ser humano.

Este estudo, ao analisar como se desenvolvem tais proposições sobre o fenômeno psíquico da manifestação do arquétipo de Cristo na atualidade, busca, de certo modo, apresentar uma contribuição antropológica e filosófica a ser reconsiderada pelos profissionais de psicologia e, em especial, pelo indivíduo que busca despertar em si este caminho interior de cura da alma, compreendendo sua estrutura psíquica e a função anímica e religiosa que se encontra no nível inconsciente na psique e ao longo do caminho busca tornar-se consciente com o auxílio do Ego.

Considera-se que o indivíduo pode vir a ter contato com o transcendente e divino e não reconhecer a presença do *numinoso*. Por exemplo: no início de sua vida, a criança encontra-se em estado de *participation mystique*, ou seja, ela vive em estado de unicidade e não possui capacidade de reconhecer conscientemente tal estado de presença numinosa. No entanto, o que se espera é que na vida adulta este estado volte a ocorrer como será analisado com base no excerto joanino, no qual M. Madalena vivencia e experencia o efeito do fenômeno psíquico *numinoso* em sua alma, em virtude de encontrar-se em um estado de consciência reflexiva e sua estrutura psíquica ser capaz de reconhecer o “Mestre” que a chama pelo “Nome”, denotando, assim, que o indivíduo também estava a sua busca, ou seja, já havia intimidade entre as instâncias psíquicas – Ego/consciência e *Self* /inconsciente.

Resumidamente pode-se concluir que Cristo já era “gestado” por M. Madalena e, por isso, a manifestação psíquica do *Self* acontece e seu efeito é único, singular e individual, diferindo-se dos demais discípulos que subiram até o sepulcro com ela e

não realizaram a mesma experiência de vida, ou seja não realizam um encontro com o *Self*/Cristo. Este aspecto da manifestação do fenômeno psíquico que tem poder de vir a ocorrer em um Ego estruturado é narrado pelo evangelista João, o qual será abordado no capítulo três da presente dissertação.

1.3 O contexto histórico-filosófico da psicologia

A constituição histórico-filosófica da psicologia encontra-se em curso, delineando-se sob diversos enfoques teórico-conceituais. No século XXI, dada a diversidade de teorias psicológicas, pode-se encontrar nos livros (manuais) de psicologia geral argumentos que por objeto e método pouco têm em comum. Neste cenário, a palavra “psicologia” designa direções de pesquisa distintas, procedentes de um modo paralelo desde os primórdios gregos e dos quais predominou uma vez uma, outra vez outra, de acordo com o período histórico-filosófico (STEIN, E., 2003). De todo modo, identificou-se a ausência de um consenso no que tange ao objeto e método da psicologia (MENDES, 2022).

Historicamente, Edith Stein¹⁹ (1891-1942) – filósofa contemporânea alemã, discípula de Edmund Husserl – elenca três tipos de psicologia: (I) psicologia metafísica ou racional (doutrina da essência da alma); (II) psicologia empírica (doutrina dos fatos da consciência); (III) caracterologia (antropologia prática) (STEIN, E., 2003).

No campo da psicologia metafísica investigam-se os enigmas da vida: sonho, morte etc., e pergunta-se pela essência da alma: o que é a alma? Na psicologia metafísica da alta escolástica, Edith Stein elege como mestre São Tomás de Aquino, porque, de acordo com a autora, o fio condutor tomista guia-nos pelo labirinto das várias direções. Esquematiza, então: (I) essência da alma; (II) potências; (III) atos.

Partindo do tomismo, eis, pois, o entendimento steiniano de alma:

A alma é, segundo sua essência, algo simples [não composto], espiritual [imaterial]; mas segundo suas funções apresenta um duplo

¹⁹ Edith Stein nasceu em Breslávia (na atual Polônia, antigo Reino da Prússia), em 12 de outubro de 1891. Ao estudar psicologia e germanística na Universidade da Breslávia, decepcionou-se com o que considerava uma falta de fundamentação filosófica nas ciências humanas (as ciências do espírito, segundo a nomenclatura da época). Mudou-se, então, em 1913, para Gotinga, a fim de estudar fenomenologia em Edmund Husserl, de quem se tornou umas das mais fiéis seguidoras. Converteu-se do judaísmo ao cristianismo em 1917; em 1933, tornou-se carmelita, recebendo o nome de Teresa Benedita da Cruz, até ser presa pela Gestapo e assassinada em Auschwitz, em 1942 (STEIN, 2022, Título: Uma investigação sobre o Estado. Coleção Obras de Edith Stein).

aspecto: por um lado, é a forma do corpo, isto é, o que lhe dá vida, o que faz de um corpo morto um corpo vivo e de onde se fundamentam todas as atividades da vida; por outro lado, se radica nela toda vida sensitiva e espiritual [...]²⁰ (STEIN, E., 2003, p. 91).

Nos círculos científicos validou-se, desde a Renascença, a tendência a fazer tudo diferente da escolástica. Nos séculos XVI e XVIII nota-se uma psicologia que não reflete mais sobre a essência da alma: a psicologia empírica. No século XIX ficou conhecida como uma “psicologia sem alma”, pois seu interesse de estudo reside nos dados da consciência. Teve seu início com os empiristas ingleses (Locke, Hume etc.) e celebrou seu triunfo na Alemanha do século XX (STEIN, E., 2003).

Partindo da Antiguidade, junto à reflexão religioso-filosófica que conduziu a psicologia metafísica ou racional e a experiência interior que conduziu a psicologia empírica caminhou a experiência da vida prática da diversidade dos caracteres humanos, sua individual e típica peculiaridade, desvelando vestígios de uma caracteriologia. No terreno da psicologia, os esforços por construir uma “ciência” eram, indubitavelmente, esporádicos e sempre caíam no esquecimento. No século XX começaram a tomar formas sólidas (STEIN, E., 2003).

Neste contexto, situa-se o médico Carl Gustav Jung erigindo suas pesquisas nas interfaces da psicologia acadêmica com a psiquiatria, a psicoterapia, a psicologia popular e as psicologias da Nova Era. No desenvolvimento de sua teoria, buscou elementos para dar uma fundamentação sólida à psicologia como ciência, para que fosse resgatado o seu objeto de estudo, bem como que a questão central dos estudos em psicologia voltasse a ser a essência da alma humana.

Do contrário, a psicologia que se encontrava sob a influência do materialismo científico, ou seja, de que tudo provém de causas materiais, foi acusada de:

assimilar a atividade psíquica a uma secreção glandular, ou seja, o pensamento seria apenas uma secreção cerebral; nesta concepção a alma não é um *ens per se*, uma entidade subsistente por si mesma, mas uma simples expressão de processos do substrato físico. Que estes processos tenham a qualidade de consciência é, segundo este ponto de vista, um fato que não se pode negar, porque, se assim não fosse [...], não poderíamos falar de psique em geral: não se poderia

²⁰ El alma es, según su esencia, algo simple [no compuesto], espiritual [inmaterial]; pero según sus funciones presenta un doble aspecto: por un lado, es la forma del cuerpo, es decir, lo que le da vida, lo que hace de un cuerpo muerto un cuerpo vivo y donde se fundamentan todas las actividades de la vida; por otro lado, se radica en ella toda vida sensitiva y espiritual [...] (STEIN, E., 2003, p. 91, tradução nossa).

falar de nada, porque a própria linguagem deixaria de existir. A consciência, portanto, é considerada a condição *sine qua non* da vida psíquica; é a própria alma. Por isto, todas as 'psicologias sem alma' modernas são psicologias da consciência para as quais não existe vida psíquica inconsciente (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 658, p. 300).

Nesta citação Jung apresenta sua compreensão e definição que dá fundamentação, valor e sentido ao campo do inconsciente pessoal e coletivo, que se difere das teorias "sem alma" que levam apenas em consideração o campo da consciência e do Ego, não atribuindo valor à vida psíquica, anímica e religiosa vivenciada a partir do campo inconsciente.

De acordo com Jung, a grande diversidade de psicologias existe assim como o extenso número de filosofias,

Porque entre a Filosofia e a Psicologia reina uma conexão indissolúvel, conexão esta que se deve à inter-relação de seus objetos; em resumo: o objeto da Psicologia é a alma, e o objeto da Filosofia é o mundo. [...] a semelhança interior das duas disciplinas provém de que ambas consistem em uma formação sistemática de opiniões a respeito de objetos que se subtraem aos passos de uma experiência completa e, por isto, não podem ser adequadamente apreendidos pela razão empírica. Por isso elas incitam a razão especulativa a elaborar conceitos e opiniões, em tal variedade e profusão, que, tanto na Filosofia como na Psicologia seriam necessários numerosos e grossos volumes para caber todas elas. Nenhuma dessas duas disciplinas pode subsistir sem a outra, e uma fornece invariavelmente à outra as premissas tácitas e muitas vezes também inconscientes (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 659, p. 300-301).

Ao buscarmos referências no contexto histórico e cultural do Brasil, a psicologia analítica pautada como preconizou Carl Gustav Jung, embasada numa ciência com alma, demonstra um grande avanço e aplicação com os estudos de Nise da Silveira (1905-1999). Silveira formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1926, dedicou-se à psiquiatria e a luta da Reforma Psiquiátrica, não aceitando as formas agressivas de tratamento psiquiátrico da época, tais como: a internação, os eletrochoques, a insulino-terapia e a lobotomia. Estes métodos de "cura" eram pautados na ciência empírica considerando apenas o campo da consciência, o Ego, e a ideia de que nele estariam contidos os "defeitos" da psique humana (LEAL, 1994).

Em sua atuação (Nise), ao buscar novas formas terapêuticas para os internos do Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro, fundou a Seção Terapêutica Ocupacional em 1946, instituição esta que hoje leva seu nome. E desenvolveu um

método que consistia em proporcionar diversas atividades de caráter predominantemente expressivo e não exclusivamente pragmático, o que lhe permitiu, ao longo de sua atuação, deparar-se com a manifestação das imagens psíquicas desenhadas pelos pacientes esquizofrênicos. Nesse ínterim, ao buscar compreender essas imagens, encontrou na teoria de Jung, assim como na mitologia, a compreensão necessária para auxiliar no tratamento psíquico de seus pacientes esquizofrênicos (LEAL, 1994).

Com tais produções artísticas e suas variações, abriu-se a possibilidade de pesquisar mais profundamente o processo esquizofrênico com base na teoria da psicologia analítica; e o termo “arquétipo” ganhou uma ampla compreensão e conceituação, sendo este um elemento ordenador da natureza psíquica no ser humano.

Isto se confirma com os escritos do pesquisador e historiador Sonu Shamdasani, o qual reitera: “como psiquiatra, Jung teve um papel crucial na formação do conceito moderno da esquizofrenia, e na concepção de que as psicoses têm uma origem psicológica, tornando-se, portanto, tratáveis pela psicoterapia” (SHAMDASANI, 2011, p. 15). E dentre as áreas de grande interesse de Jung, o autor destaca que ele se dedicou a reconciliar a ciência (razão/empírico) e a religião (fé/metafísico) por meio da psicologia analítica.

Jung era um pensador e procurou trazer de volta à vida consciente os fatores dinâmicos e vivificantes da psique, entre eles os termos “alma” e “espírito”, que, segundo ele, eram conceitos dos quais a mente racional fugiu assustada. Na condição de terapeuta, Jung penetrou na estrutura psíquica do indivíduo e ali encontrou, além de complexos, neuroses e o nó da energia psíquica, ou seja, as forças universais que denominou arquétipos (TACEY, 2022, p. 13).

Jung acreditava que a própria modernidade corria um sério risco se não procurasse compreender as forças arquetípicas, que, na cultura primitiva, eram personificadas como deuses e demônios. Ele enfatiza em suas obras, continuamente, a importância de o indivíduo, em âmbito individual e coletivo, recuperar o contato consciente com as forças arquetípicas contidas na psique inconsciente:

[O arquétipo] [...] constrói uma ponte entre a consciência do presente, ameaçada de desenraizamento, e a totalidade natural inconscientemente instintiva dos tempos originários. Através dessa mediação, a unicidade, a singularidade e a unilateralidade da atual

consciência individual é conectada sempre de novo com a condição prévia natural e da raça (JUNG, 2014, OC. 9/1, § 293, p. 176).

Inicialmente, no campo individual, sua teoria preconiza e enfatiza que todo e qualquer indivíduo é autorresponsável pelo seu desenvolvimento psíquico e deve, assim, buscar o conhecimento sobre si mesmo e sobre seus conteúdos psíquicos inconscientes, ou seja, ampliar seu conhecimento sobre a sua verdade, realizando a meta de união entre os campos consciente [Ego] e inconsciente [*Self*] e, se tudo der certo, tornar-se um indivíduo único. Este trabalho é árduo e laborioso e exige, principalmente na atualidade, daqueles que são chamados a cuidar e educar outra alma humana – o psicólogo – que cuide impreterivelmente primeiro da sua alma, pois para poder contribuir, auxiliar e conduzir outro indivíduo na ampliação de consciência é preciso já ter percorrido um longo caminho.

No transcorrer dos séculos, a psicologia passou por um período de perda de sentido, ou seja, muitas abordagens encontram-se pautadas no comportamento humano, as chamadas “ciências comportamentais”. No entanto, para a filosofia e a fenomenologia, assim como para a psicologia analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung, o objeto de estudo está para além do comportamento manifestado, pois o homem não se reduz a isso, ele tem uma “alma”. E sendo o homem a imagem e semelhança de Deus, tem ele dentro de si a matéria-prima para alcançar a totalidade da psique que precisa ser desenvolvida ao longo de sua existência terrena, na sua humanidade, singularidade e subjetividade, intermediada pela sua relação com o outro e com o mundo, recolhendo suas projeções e suas sombras.

1.3.1 A psicologia a partir de Jung

No interior da cultura alemã, materialista e organicista, na qual a psicologia era “destituída de alma”, Jung passa a considerar que o sofrimento da alma tem suas origens devido à falta da vivência religiosa ou numinosa no plano individual e até mesmo coletivo (HALL; NORDBY, 2014).

Tais questões abordadas pelo psiquiatra suíço tornaram-se de grande relevância para a psicologia e para a sociedade até os dias atuais. Jung já observava que os pacientes que procuravam pela psiquiatria não estavam doentes no sentido habitual dessa palavra, pelo contrário, eram indivíduos angustiados, insatisfeitos e

infelizes e os remédios e as cirurgias não auxiliavam na sua recuperação. Ao invés de reunir informações de laboratório, era preciso, então, ouvir, observar, questionar e analisar tudo o que os pacientes faziam e diziam em sessão. E, ao se chegar a alguma interpretação, era preciso testá-la, confrontando-a com as próprias observações (HALL; NORDBY, 2014).

Enquanto isso, do outro lado do mundo, a estudiosa Nise da Silveira, ao buscar por conhecimento e embasamento na psicologia analítica para sua atuação no contexto clínico e psiquiátrico, torna-se uma ilustre referência para a área no Brasil. Em sua obra *O mundo das Imagens* (1992), a autora inicia sua fala apresentando, com tristeza, a realidade dos tratamentos realizados nas clínicas psiquiátricas e fundamenta sua crítica ao modelo médico que estava presente na medicina científica:

No qual o corpo seria uma complexa máquina e, conseqüentemente, as doenças resultariam de perturbações no funcionamento dos mecanismos que compõem essa grande máquina. A função do médico seria, portanto, atuar por meios físicos ou químicos para consertar enguiços mecânicos.

A Razão, privilégio do homem, estaria muito acima hierarquicamente, funcionando independentemente do corpo e comandando emoções e sentimentos. O médico pouco teria que se ocupar desses fenômenos. Foi sobre essa estrutura básica que se construiu o modelo médico. Entretanto, acontecia muitas vezes que a própria Razão desvairava, o homem a perdia. Era a loucura. Surgiram médicos especialistas nesses fenômenos. Apressaram-se eles a submeterem-se aos princípios do modelo médico. A Razão, agora a psique, passava a ser vista como mero epifenômeno da máquina cerebral. Cobia-lhes, por bem ou por mal, consertar descarrilhamentos dessa máquina que sairá dos trilhos da Razão.

Passaram-se séculos. Mas é ainda tão forte o clima de opinião cartesiana que, [...], os psiquiatras, 'em vez de tentarem compreender as dimensões psicológicas da doença mental, concentraram seus esforços na descoberta de causas orgânicas para todas as perturbações mentais' (SILVEIRA, 1992, p. 11-15).

Torna-se evidente para o leitor que a autora está fazendo referência ao modelo médico tradicional de base cartesiana, o qual se caracterizava por considerar o indivíduo uma máquina e sua psique constituída apenas pelo campo da racionalidade, utilizando-se de tratamentos agressivos, como o eletrochoque, a fim de consertar a máquina humana. Segundo a autora, o fazer da psicologia e da psiquiatria trouxe novas contribuições para o profissional ampliar o olhar sobre a psique humana, ou seja, sobre o fenômeno psíquico que se manifesta no indivíduo por meio das mais

variadas patologias e que se tornam significativas para o seu processo de cura. Isto foi possível de ser observado por Nise em sua área de atuação:

O tratamento por meio de substâncias químicas controla os sintomas, mas não os cura. E está ficando cada vez mais evidente que esse tipo de tratamento é contra-terapêutico. [...] Os sintomas de um distúrbio mental refletem a tentativa do organismo de curar-se e atingir um novo nível de integração. A prática psiquiátrica corrente interfere nesse processo de cura espontânea ao suprimir os sintomas. A verdadeira terapia consistiria em facilitar a cura, fornecendo ao indivíduo uma atmosfera de apoio emocional (SILVEIRA, 1992, p. 16).

Ao criticar o modelo vigente de tratamento psiquiátrico como médica, Nise se viu diante de um novo cenário para desenvolver a terapêutica ocupacional, um método que usava pintura, modelagem, música, trabalhos de artesanato, etc. Este método deveria ser desenvolvido em um ambiente cordial, centrado na personalidade de um monitor sensível que funcionaria como um catalisador. E neste espaço seguro, através das atividades verbais e não verbais, os sintomas encontravam a oportunidade de se expressar livremente e o tumulto emocional tomava forma e se despotencializava (SILVEIRA, 1992).

O método de trabalho desenvolvido pela psiquiatra Nise da Silveira permitiu-lhe resgatar os estudos nos campos da antropologia, arqueologia, literatura, filosofia, psicologia, estudos religiosos e mitologias, ajudando significativamente na ampliação do alcance da psicologia “com alma” e, principalmente, acompanhar os desdobramentos intrapsíquicos dos pacientes esquizofrênicos (SILVEIRA, 1992). Aproximando-se das obras de Jung, pode-se observar que o estudo sobre mitologia tornou-se de grande relevância para o profissional contribuir de forma efetiva e significativa, cooperando com o processo de cura da dissociação ou desenraizamento psíquico, restabelecendo o equilíbrio e a união entre os eixos Ego e *Self* no paciente.

Estas descobertas na área da psique, segundo Jung (2013, OC. 10/3, § 158-159, p. 88-89), “se restringem às últimas décadas, embora os séculos anteriores já tivessem introspecção e inteligência suficientes para reconhecer as realidades psicológicas”. Como exemplo, ele elenca as antigas culturas, principalmente a do Egito, pois, segundo ele, é difícil imaginar se por detrás de seus túmulos e de suas pirâmides existiu algum problema ou desenraizamento psíquico. Diferente das últimas décadas, nas quais se constata uma necessidade psíquica no homem que faz surgir

a psicologia e a manifestação dos fenômenos psíquicos, e os médicos são os primeiros a reconhecerem isso.

Em contribuição à psicologia analítica, destaca-se a compreensão da estrutura psíquica que se dá por meio de dois aspectos, um que se refere ao inconsciente pessoal e um que expõe os arquétipos do inconsciente coletivo. No entanto, antes de chegar a essa compreensão, o entendimento que se tinha era de que: “a psique não passava de algo que se devia adaptar à forma já reconhecida para assegurar uma função sem distúrbios” (JUNG, 2013, OC. 10/3, § 160, p. 89). O que, segundo Jung, sofre mudanças à medida que o homem ultrapassa o horizonte da sua fé, depositando toda sua energia na razão empírica, de modo que sua dimensão anímica e religiosa não consegue conter toda a plenitude de sua vida e, então, a psique começa a tornar-se o fator com o qual não era possível lidar por meios ordinários.

Enfim, isso justifica o fato de termos uma psicologia que se baseia nos fatos empíricos, assim como o surgimento da psicologia é sintoma de profundo estremecimento da psique em geral: “Pois acontece com a psique geral o que acontece com a psique individual” (JUNG, 2013, OC. 10/3, § 160, p. 89).

1.3.2 O conceito de Alma em Jung

O empenho do autor por um posicionamento científico mobilizou a construção da teoria de modo geral, como é possível perceber por meio das reformulações que o conceito de alma recebe ao longo dos escritos de Jung, porém seria impensável para esta dissertação traçar todas essas sutilezas e as mudanças que ocorreram ao longo de sua escrita. Assim, para uma investigação mais objetiva sobre o termo, alguns ensaios presentes nas obras coligadas recebem uma atenção especial, entre eles: *Estrutura da alma* (2013, OC. 8/2, p.83); *Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo* (2014, OC. 9/1, p.11); *O problema fundamental da psicologia contemporânea* (2013, OC. 8/2, p. 295); *O problema psíquico do homem moderno* (2013, OC. 10/3, p. 84) e *A importância da psicologia para a época atual* (2013, OC. 10/3, p. 145). Nesses ensaios é possível encontrar elementos fundamentais para a psicologia analítica e que auxiliam como ponto de partida, delimitando inicialmente o que o autor preconiza para o conceito de Alma.

É com base na sintomatologia das doenças, como a histeria, a neurose compulsiva, a fobia e a esquizofrenia, que Jung se sente habilitado para discorrer

sobre a existência de uma alma inconsciente, dada a atividade psíquica que se manifesta nestes estados patológicos (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 297, p. 88).

Considera-se que a psique se manifesta como um amplo campo de fenômenos, em parte consciente e em parte inconsciente. Mesmo que o campo inconsciente não nos seja diretamente acessível à observação “[...], mas que podemos *deduzi-lo* a partir dos efeitos exercidos sobre o consciente [...]. E nossas conclusões jamais podem ir além do ‘é como se’” (JUNG, 2013, OC. 10/3, § 51, p. 39).

O termo alma é, de modo geral, associado a “um ser vivo, alma é o que vive no homem, aquilo que vive por si só gera vida; por isso Deus insuflou em Adão um sopro vivo a fim de que ele tivesse vida” (JUNG, OC. 9/1, 2014, § 56, p. 35). A partir desse entendimento, Jung remonta à doutrina dos nossos ancestrais, porque foram eles que conceberam semelhantes hipóteses, para observar sem preconceito o que tal concepção contém empiricamente, porquanto para os primitivos:

a alma era essencialmente a vida do corpo, o sopro de vida, uma espécie de força vital que entrava na ordem física, espacial, durante a gravidez, o nascimento ou a concepção, e de novo abandonava o corpo moribundo com o último suspiro. A alma em si era um ser que não participava do espaço e, sendo anterior e posterior à realidade corporal, situava-se à margem do tempo, gozava praticamente da imortalidade (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 662, p. 302).

Já outra concepção define a alma como fogo ou uma chama, porque o calor também é um sinal de vida; outros, ainda, identificam-na com o nome dado ao indivíduo na hora de seu nascimento – este ponto de vista, conforme Jung (2013, OC. 8/2, § 665, p. 302-303), admite que a consciência do eu é expressão da alma.

Em relação aos vocábulos para designar alma, temos, por um lado: *Seele* (alemão), *soul* (inglês), *Saiwala* (gótico), *Saiwalô* (antigo germânico). São etimologicamente semelhantes ao grego *Aiolos*, que significa móvel colorido, iridescente. No grego, a palavra *Psyche* significa borboleta. Por outro lado, *Saiwalô* está ligado ao antigo eslavo *Sila*, que representa ‘força’. Estas relações iluminam a significação original da palavra alemã *Seele*, ou seja, a alma é uma força que se move; uma força que gera movimento (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 663, p. 302).

No latim o termo alma encontra-se atrelado ao ar, encontramos *Animus* (espírito) e *Anima* (alma) com o mesmo significado da palavra grega *Anemos*, traduzida por ‘vento’; que recebe na língua grega o nome de *Pneuma*, ou seja, espírito.

Nos escritos góticos encontramos o mesmo termo sob a forma de *Us-anan*, *Ausatmen* (expirar), e no latim *An-helare* (respirar com dificuldade). Já no árabe, *Rih*, designa 'respiração ou vento', enquanto *Ruh*, 'alma e espírito'. No grego, a palavra *Psyche* tem um parentesco muito próximo com estes termos descritos anteriormente, e está ligada a *Psycho*, soprar, a *Psychos*, fresco, a *Psychros*, frio.

Estas conexões nos mostram claramente que os nomes dados à alma no latim, no grego e no árabe estão vinculados à ideia de ar em movimento, de 'sopro frio dos espíritos'. É por isto, talvez, que a concepção primitiva atribui um corpo etéreo e invisível à alma (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 664, p. 302).

Compreende-se facilmente que a respiração, por ser um sinal de vida, serve também para designá-la, da mesma forma que o mover e a força que produz o movimento. Estas foram algumas das maneiras pelas quais o homem primitivo experimentou a alma, por isso, ele sabe conversar com sua alma; ela não se identifica com ele, nem com sua consciência, pelo contrário é algo objetivo e subsistente em si mesmo e possuidor de vida própria (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 666, p. 303). Neste sentido, em consonância com Jung:

Esta concepção se justifica perfeitamente, porque não somente no estágio primitivo como no homem civilizado o psíquico se revela como qualquer coisa de objetivo, subtraído em larga escala ao controle de nossa consciência. Assim não somos capazes, por exemplo, de reprimir a maior parte de nossas emoções, de transformar o mau humor em bom humor, de dirigir ou não dirigir nossos sonhos (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 667, p. 303).

Trata-se da alma como uma realidade autônoma, objetiva, imediata e perigosamente arbitrária; e a suposição simultânea de que esta entidade é misteriosa e temível e, ao mesmo tempo, a fonte de vida. Isso se torna psicologicamente compreensível, porque a própria experiência nos mostra que o sentido do eu, ou seja, a consciência se manifesta a partir da vida inconsciente. Que pode ser verificável, por exemplo, em uma criança que apresenta uma vida psíquica sem ter consciência perceptível do seu eu, e é por isto que os primeiros anos da sua vida quase não deixam traços de lembranças e memórias (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 668, p. 304).

Ainda sobre este árduo processo de emancipação da área da filosofia, observa-se que a área da psicologia transformou o conceito de alma em um objeto de estudo

e reduziu seu sentido a dois polos opostos, o (I) associado a uma ênfase de conotação metafísica, confundindo os conceitos de alma e espírito, enquanto um intelecto superior e divino. E (II) dando a ele uma vinculação ao campo materialista, que restringe a alma às funções sensoriais e cerebrais, aproximando-a aos termos de mente ou psique (PORTELA, 2013).

É com base neste cenário que o autor Carl Gustav Jung propõe ao profissional de psicologia a busca pelo equilíbrio entre as noções de alma, que ultrapassam em profundidade as meras funções sensoriais e não se enquadram totalmente na noção de uma mente orgânica, pois a psicologia não é biologia nem fisiologia, nem outra ciência. Por outro lado, Jung também salienta que o profissional não pode se perder em pressupostos metafísicos e filosóficos (PORTELA, 2013).

Portanto, na psicologia analítica, a Alma

com sua astúcia e seu jogo de ilusões seduz para a vida a inércia da matéria que não quer viver. Ela [a alma] convence-nos de coisas inacreditáveis para que a vida seja vivida. A alma é cheia de ciladas e armadilhas para que o homem tombe, caia por terra, nela se emaranhe e fique preso, para que a vida seja vivida. Assim como Eva, no paraíso, não sossegou até convencer Adão da excelência da maçã proibida. Se não fosse a mobilidade e iridescência da alma, o homem estagnaria em sua maior paixão, a inércia (JUNG, 2014, OC. 9/1, § 56, p. 35).

Para melhor compreensão dos conceitos, Jung apresenta uma definição deles, passível de ser encontrada na obra *Tipos Psicológicos* (2013, OC. 6). Há no verbete psique “ver alma”, e no verbete alma o próprio Jung enfatiza que ao longo de suas investigações necessitou fazer uma distinção conceitual entre os termos:

Por psique entendo a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes. Por alma, porém, entendo um complexo determinado e limitado de funções [são elas: racionais, sentimento e pensamento, e duas irracionais: intuição, sensação] que poderíamos caracterizar melhor como ‘personalidade’ [extrovertida ou introvertida] (JUNG, 2013, OC. 6, § 752, p. 424).

Na alma do indivíduo estão contidas todas as suas potencialidades e virtudes, o “*vir-a-ser*”, que, na concepção de Jung, refere-se ao fato de o homem ter a responsabilidade de buscar e desenvolver ao longo de sua vida, tornando consciente em sua psique, tais características psíquicas, até atingir sua totalidade, o centro de sua alma, a *imago Dei*.

De uma forma mais crítica, encontra-se no dicionário de análise junguiana, de autoria de Andrew Samuels, Bani Shorter e Alfred Plaut, publicado primeiramente em 1986 e recentemente numa versão eletrônica (2003), uma descrição dos termos alma e psique aos quais Jung faz referência na discussão sobre a totalidade dos processos psíquicos e a análise, mas pode-se observar que existem outros usos mais específicos para o termo *alma*:

- (1) Usada por Jung [e por psicólogos junguianos] em lugar de psique, sobretudo quando se deseja sublinhar um movimento na sua profundidade, enfatizando a pluralidade, a variedade e a impenetrabilidade da psique em contraste com qualquer padrão, ordem ou significado ali discerníveis. Com referência à pluralidade, Jung descreve as culturas em que se fala de “almas múltiplas”.
- (2) Usada em lugar de espírito quando se deseja referir o aspecto imaterial dos humanos – seu âmago, coração, centro.
- (3) Usada por alguns autores pós-junguianos para indicar uma perspectiva particular sobre o mundo, que se concentra em imagens profundas e no modo como a psique converte os eventos em experiências – ‘fazer alma’ (cf: SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003, p. 7).

No que diz respeito ao uso que Jung faz do termo, observa-se que ele destaca a existência da função religiosa como natural da alma, em sua teoria, e a tarefa do homem é transpor para a sua consciência o arquétipo da imagem de Deus, suas irradiações e efeitos. Para Jung, o estudo do termo se dá porque:

[...] os valores supremos depositados na alma, tal como mostra a experiência, [...] a psicologia não me interessaria absolutamente, pois nesse caso a alma não passaria de um miserável vapor. Ela [a alma] contém e corresponde a tudo quanto o dogma formulou a seu respeito e mais ainda, aquilo que torna a alma capaz de ser um olho destinado a contemplar a luz. Isto requer de sua parte uma extensão ilimitada e uma profundidade insondável. Já fui acusado de “deificar a alma”. Isto é falso, *não fui eu, mas o próprio Deus quem a deificou!* Não fui eu que atribuí uma função religiosa à alma; simplesmente apresentei os fatos que provam ser a alma “naturaliter religiosa”, isto é, dotada de uma função religiosa: função esta que não inventei, nem coloquei arbitrariamente nela, mas que ela produz por si mesma, sem ser influenciada por qualquer ideia ou sugestão (JUNG, 2012, OC. 12, § 14, p. 24-25).

Nesta perspectiva, é válido ressaltar que há um posicionamento e compreensão que o profissional de psicologia deve ter sobre o termo alma:

[...] se trata de ensinar o homem a enxergar. Porque a maioria das pessoas é incapaz de estabelecer uma relação entre as imagens sagradas e sua própria alma, isto é, não conseguem perceber a que ponto tais imagens dormitam em seu próprio inconsciente. E para tornar possível esta visão interior, é preciso desimpedir o caminho [assumir as responsabilidades] que possibilita essa faculdade de ver. E esta é a tarefa do psicólogo junguiano, por isso trata-se do ato de ver, e não da construção de novas verdades religiosas. Em matéria de religião é sabido que não se pode entender [compreender] o que não se experimentou interiormente. É apenas a partir da experiência interior que se revela a relação da alma com aquilo que é apresentado e pregado exteriormente (JUNG, 2012, OC. 12, § 14, p. 25-26).

Dessa forma, por meio da experiência interior vivenciada, o indivíduo passa a ter conhecimento da presença de tais imagens arquetípicas manifestadas em sua consciência pelo *Self*, que lhe abrem o campo de visão e o intelecto, possibilitando novas conexões e ampliando o sentido dos dogmas religiosos. Assim, os estudos de Jung em torno da imagem tradicional de Cristo lhe permitem responder de forma afirmativa que Ele engloba as características de um arquétipo e que elas são idênticas às do *Self*. Ou seja, a figura do Cristo é carregada de símbolos com poder de *vir-a-ser* símbolos vivos na vida psíquica do homem do Ocidente. Isso significa que, ao sofrer interiormente uma experiência psíquica, o dogma não é destruído, pelo contrário, surgem novos habitantes numa casa vazia. Como explica Bryant (1996), trata-se de dizer, de acordo com a teoria de Jung, que muitos cristãos, na atualidade, ao se abrirem para essa experiência de vida interior, podem resgatar a influência transformadora e renovadora da realidade abrangente da função anímica e religiosa que engloba a fé, em Deus.

Nas palavras de Jung:

Apenas na experiência interior se revela a relação da alma com aquilo que é apresentado e pregado exteriormente, [Jung está se referindo à religião] a modo de um parentesco ou correspondência de tipo 'sponsus – sponsa' [esposo – esposa]. Ao afirmar, como psicólogo, que Deus é um arquétipo, eu me refiro ao tipo impresso na alma; a origem da palavra tipo vem do grego *τύπος*, que significa batida, algo que imprime. Assim, a própria palavra arquétipo já pressupõe alguma coisa que imprime (JUNG, 2012, OC. 12, § 15, p. 25-26).

Com base na contextualização teórica dos termos propõe-se, a partir desse momento, uma explanação do centro psíquico, o *Self*, elaborada por Jung ao longo de suas pesquisas e por meio de sua práxis, pois, ao se defrontar com pacientes

cristãos, a figura de Cristo desempenha um papel decisivo como ilustração do Centro profundo e supremo de integração ao *Self*, para o qual tendem todas as energias vitais de um indivíduo, no qual essa união dos opostos representará a saúde da alma por excelência.

Esta dissertação não pretende expor, nem mesmo em linhas gerais, todo o complexo sistema que engloba o centro do campo psíquico inconsciente, o *Self*, visto que este não é um sistema sobre o qual possamos nos informar objetivamente e teoricamente apenas, por assim dizer, de forma conceitual. Este é, antes, um processo que exige uma análise interior, a qual o leitor deve experimentar como uma transformação de si mesmo.

2 O CAMPO PSÍQUICO INCONSCIENTE: O *SELF*, SUA PREFIGURAÇÃO NO ARQUÉTIPO CRISTO

A totalidade da psique abarca a consciência e o campo inconsciente, tendo como centro o *Self*, que não pode ser conhecido de maneira direta, mas, apenas, experimentado e sentido pela consciência por meio de símbolos que surgem em sonhos e devaneios (Carl Gustav Jung, Tipos Psicológicos).

Neste capítulo, como citado na introdução, explanaremos, em linhas gerais, o conceito do arquétipo Cristo desenvolvido por Jung ao longo de suas práxis. Apresentaremos ao leitor a relação psicológica que Jung encontra entre a imagem arquetípica e o centro da psique denominado *Self*.

Para introduzir este conceito, Jung declara que o *Self* também pode ser chamado “o Deus em nós, desde os primórdios toda a nossa vida psíquica parece surgir desde ponto e nossas metas parecem dirigir-se-á a ele ao longo da vida” (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 399, p.129).

Na perspectiva da teologia cristã revelada ao homem, Deus é trino e Cristo ocupa o lugar de centralidade nessa trindade por representar o elo entre Deus Pai e os homens, de modo que no indivíduo do Ocidente o *Self* é quem ocupa esse lugar central, sendo este correspondente a Cristo. E na medida em que o indivíduo se lança no mundo externo em busca das conquistas terrenas, assim também deve ele lançar-se a partir da segunda metade da vida num processo que exige um retornar para dentro, um voltar-se para si, um buscar a si mesmo internamente para desenvolver as necessidades e as virtudes da alma humana.

Adentrar neste tópico exige tanto do leitor quanto de quem o escreve a devida atenção e cuidado. Poder-se-ia perguntar por que o *Self* deseja despertar no homem esse processo de desenvolvimento da personalidade, o que haveria de surgir psiquicamente no indivíduo a partir da segunda metade da vida? Nesta dissertação pretende-se, de modo geral, apresentar e ressaltar para o leitor o lugar que a figura de Cristo ocupa e o papel que desempenha no processo de desenvolvimento da potencialidade das virtudes da alma ou da personalidade do indivíduo.

Como já salientado, este é um processo que exige do indivíduo uma análise interior, a fim de que os efeitos do fenômeno psíquico possam ser integrados à psique

na sua forma consciente e positiva, como será possível observar partindo-se do excerto Joanino como um possível exemplo.

2.1 O centro psíquico: O *Self*

Em conformidade com o quadro teórico, este estudo tem por objetivo destacar a posição e função psicológica que o *Self* ocupa na psicologia analítica para o desenvolvimento da personalidade individual na atualidade e, num segundo momento, sua prefiguração no Cristo, que representa ser o arquétipo²¹, talvez, de maior destaque para a cultura do Ocidente. Em sua teoria, Jung busca resgatar os tesouros espirituais que o grande mito, quando prefigurado na vida do homem cristão, pode revelar, de modo que “Cristo elucida o arquétipo do *Self* e representa uma totalidade de natureza divina ou celeste, um homem transfigurado, um Filho de Deus *sine macula peccati*, que não foi manchado pelo pecado” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 70, p. 52).

Essa configuração confere a ele unidade de modelo no plano ético e unidade ontológica, cosmológica e metafisicamente falando, o que gera uma contribuição com o desenvolvimento psíquico do indivíduo ou, ainda, auxilia o homem na busca pelo centro de sua alma. Na psicologia analítica essa busca interna válida e ressalta a importância da realização plena do estado psíquico de felicidade, ou seja, a realização plena de *Self* saindo de sua forma animalesca e instintual até alcançar a essência divina e espiritual contida e adormecida no mais profundo da psique humana e que pode ser despertado pela manifestação do arquétipo central.

Considerando-se o contrário, o indivíduo viveria segundo seus instintos, ou seja, preso aos vícios ou pecados mundanos, escravo das suas paixões e, conseqüentemente, com um vazio em sua alma, que o levaria a manifestar em forma de sintomas físicos e psíquicos as doenças da alma.

Antes de qualquer referência ao *Self*, é preciso esclarecer o leitor sobre o uso e definição do termo “arquétipo”. E, antes disso, é importante ter claro que Jung, ao elaborar sua teoria, parte do princípio e pressuposto de que “há um fator apriorístico para as atividades humanas, que é a estrutura individual inata da psique, constituída de um campo consciente e outro inconsciente” (JUNG, 2014, OC. 9/1, § 151, p. 85).

²¹ A imagem primordial que Jung também chamou de arquétipo é sempre coletiva, ou seja, é, no mínimo, comum a todos os povos e tempos. Provavelmente são comuns também a todas as raças e épocas, os principais motivos mitológicos (JUNG, 2013, OC. 6, § 832, p. 459).

Isto, por si só, já nos antecipa que a todo indivíduo é dada, mesmo antes de seu nascimento, tal estrutura psíquica, de modo que a característica primordial dos arquétipos é que “eles não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar sem influência de uma transmissão externa” (JUNG, 2014, OC. 9/1, § 155, p. 86). E “situam-se além do alcance da percepção humana, ou seja, só podemos percebê-los indiretamente, observando as suas manifestações” (STEIN, M., 2006, p. 117).

Para melhor compreendermos o termo arquétipo, Jacobi (2016) expõe, em sua obra *Complexo, arquétipo e símbolo*, a seguinte definição:

[...] é impossível oferecer uma definição exata de arquétipo; porque o mesmo representa um profundo enigma que supera nossa capacidade de apreensão racional; ‘o que um conteúdo arquetípico sempre expressa é, antes de tudo, uma metáfora’, ele contém sempre algo que permanece desconhecido e informável. [...] Os arquétipos são, por definição, fatores e temas que ordenam elementos psíquicos, formando determinadas imagens (a ser designadas como arquetípicas), mas de uma maneira que só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. Eles existem pré-conscientemente e, supostamente, formam os dominantes estruturais da psique em geral [...]. Como condição a priori, os arquétipos representam o caso especial psíquico do ‘padrão de comportamento’ familiar ao biológico e que empresta a todos os seres vivos seu tipo específico. Assim como as manifestações desse plano básico biológico podem se alterar no curso do desenvolvimento, as do arquétipo também o podem. Empiricamente, contudo, o arquétipo nunca surgiu dentro do alcance da vida orgânica. Ele entra em cena com a vida (JACOBI, 2016, p. 43-44).

Verifica-se, assim, que todo arquétipo, como o arquétipo de Cristo, pode vir a prefigurar-se na psique humana, manifestando conteúdos latentes, ocultos e desconhecidos. Neste caso, as imagens farão referência à vida terrena de Jesus Cristo; na concepção de Edinger (1987, p. 18), significa dizer que: “o destino terreno do Homem como corpo de Cristo toma como modelo o destino terreno do próprio Cristo. Deste modo o indivíduo, no curso de sua história, dirige seu Ego para a morte”. Esse movimento de assimilação dos conteúdos psíquicos manifestados pelo arquétipo de Cristo na psique humana pode ser representado ou simbolizado por um fio que se movimenta em formato de uma espiral ascendente e descendente, por meio da qual o homem amplia sua consciência, alcançando, dessa maneira, um novo degrau ou um novo estado de consciência. Ainda observando as obras de Jung na busca por uma compreensão do termo arquétipo, analisemos o trecho adiante:

[...] o homem ‘possui’ muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasceu *tabula rasa*, apenas nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana; e isto se deve a milhões de anos de desenvolvimento humano. Da mesma forma como os instintos dos pássaros de migração e construção do ninho nunca foram aprendidos ou adquiridos individualmente, também o homem traz do berço o plano básico de sua natureza, não apenas de sua natureza individual, mas de sua natureza coletiva. Esses sistemas herdados correspondem às situações humanas que existiram desde os primórdios: juventude e velhice; nascimento e morte; filhos e filhas, pais e mãe, uniões, etc. Apenas a consciência individual experimenta essas coisas pela primeira vez, mas não o sistema corporal e o inconsciente. Para estes só interessa o funcionamento habitual dos instintos que já foram pré-formados de longa data. [...] Denominei este modelo instintivo, congênito e preexistente, ou respectivamente o ‘*pattern of behaviour*’, (padrão de comportamento) de *arquétipo* (JUNG, 2013, OC. 4, § 728-729, p. 312-313).

Como citado, a maneira de analisar ou definir o conceito de arquétipo parte da própria fundamentação na biologia [como *pattern of behavior* – padrão de comportamento], ou como um *a priori*, uma função psíquica aos moldes de uma categoria kantiana. Desse modo, com base nos predecessores históricos da religião cristã, Jung busca dar a fundamentação fenomenológica do *Self* bebendo na mais rica fonte para seu estudo, pois ela contém as inúmeras representações que o homem faz da divindade (EDINGER, 1972, p. 22).

Segundo Jung, a imagem arquetípica da totalidade, denominada *Selbst*²², traduzido para o inglês, é nomeado *Self*, que significa o mesmo, de modo que no português é encontrado como *Si-mesmo* (LYRA, 2012, p. 120). Em seus estudos, Jung descobriu a realidade da psique e sua fenomenologia por meio das imagens oníricas que o inconsciente envia à consciência, por meio de sonhos e visões, de modo que ele também reconheceu este mesmo fenômeno sendo expresso nos produtos culturais da humanidade, como na religião cristã, que tem como expressão simbólica Cristo (EDINGER, 1972, p. 22).

Diante disto, é importante salientar que os arquétipos são:

[...] determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo, no caso de tornar-se consciente e, portanto, preenchida

²² O *Self*, como um princípio unificador dentro da psique humana, ocupa a posição central de autoridade com relação à vida psicológica e, portanto, do destino do indivíduo (cf. SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003, p. 97).

com o material da experiência consciente. Sua forma, por outro lado, [...] poderia ser comparada ao sistema axial de um cristal, que pré-forma, de certo modo, sua estrutura no líquido-mãe, apesar de ele próprio não possuir uma existência material. Esta última só aparece através da maneira específica pela qual os íons e depois as moléculas se agregam. O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. Provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto os mesmos não são postos em ação *in concreto* (JUNG, 2014, OC. 9/1, § 155, p. 87).

Como todo arquétipo, Jung (2014, OC. 9/1, § 155, p. 87) defende que o *Self* possui uma variedade incalculável de aspectos simbólicos que podem apresentar um sentido positivo e favorável ou negativo e nefasto. E, ao consagrar-se ao estudo do simbolismo do *Self*, em sua obra intitulada *Éon*, em grego *Aiôn*, que significa “Era Cristã”, Jung busca apropriar-se do seu objeto de estudo para demonstrar de que maneira Ele, o Cristo, se revelou progressivamente ao longo do *éon* cristão.

Ao estabelecer uma relação entre a figura tradicional de Cristo e os símbolos naturais da totalidade, isto é, do *Self*, Jung nos alerta dos riscos que essa tarefa desperta, entre eles: “de acrescentar uma ampliação psicológica de âmbito muito maior em relação às minhas ampliações simbólicas da figura de Cristo, ou de reduzir, o símbolo de Cristo a uma imagem psíquica da totalidade” (JUNG, 2013, OC. 9/2, p. 10). Portanto, especial atenção e cuidado se fazem necessários, pois o objetivo deste estudo consiste em conduzir o leitor a refletir sobre o fenômeno psíquico por meio do qual o *Self* prefigurado na imagem arquetípica de Cristo se manifesta na psique à luz da consciência moderna, principalmente no que diz respeito a seu sentido positivo e favorável, contribuindo para o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Para a psicologia analítica, toda a meta do desenvolvimento psíquico visa alcançar a consciência do *Self*, o centro regulador da psique. Essa compreensão Jung concretiza após avaliar os dados empíricos e históricos. Nesse contexto, ele entende que:

O *Self* só pode ser expresso simbolicamente através de sua fenomenologia, o que aliás ocorre com qualquer objeto da experiência empírica. Entre as características particulares do ‘centro’ o que mais me impressionou foi o fenômeno da *quaternidade*. [...] Numa interpretação materialista poder-se-ia afirmar que o ‘centro’ *nada mais é do que* aquele ponto em que a psique se torna incognoscível, por

ser lá que se funde com o corpo. Enquanto que 'no entendimento espiritualista, inversamente, afirmar-se-ia que o *Self nada mais é do que* o espírito, o qual anima a alma e o corpo, irrompendo no tempo e no espaço através desse ponto criativo' (JUNG, 2012, OC. 12, § 327, p. 235-237).

Logo, para o autor, de forma empírica, o *Self* designa:

O âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global. Mas, na medida em que está, devido a sua participação inconsciente, só pode ser consciente em parte, o conceito de *Self*, na verdade potencialmente empírico em parte e, por isso, um *postulado*, na mesma proporção. Em outras palavras, engloba o experimentável e o não experimentável, respectivamente o ainda não experimentado. [...] na medida em que a totalidade que se compõe tanto de conteúdos conscientes quanto de inconscientes for um postulado, seu conceito é *transcendente*, porque pressupõe, com base na experiência, a existência de fatores inconscientes e caracteriza, assim, uma entidade que só pode ser descrita em parte e que, de outra parte, continua irreconhecível e indimensionável. Uma vez que, na prática, existem fenômenos da consciência e do inconsciente, o *Self* como totalidade psíquica tem aspecto consciente e inconsciente (JUNG, 2013, OC. 6, § 902 p. 485-486).

E sua personificação ou manifestação na psique pessoal ou coletiva ocorre por meio de:

Sonhos, mitos e contos de fadas, na figura de 'personalidades superiores' como reis, heróis, profetas, salvadores, etc., ou na figura de símbolos de totalidade como o círculo, o quadrilátero, a *quadratura circuli* (quadratura do círculo), a cruz, etc. Enquanto representa uma *complexio oppositorum*, uma união dos opostos, também pode manifestar-se como dualidade unificada, como, por exemplo, no Tao, onde concorrem o yang e o yin, como irmãos em litígio, ou como herói e seu rival (dragão, irmão inimigo, aqui-inimigo, Fausto e Mefisto etc.). Empiricamente, pois, o *Self* aparece como um jogo de luz e sombra, ainda que seja entendido como totalidade, por isso, como unidade em que se unem os opostos (JUNG, 2013, OC. 6, § 902, p. 486).

Nessa direção, de acordo com Murray Stein (2006), para falar sobre o *Self*, Jung enumera uma série de possíveis imagens que podem servir como receptáculo para a manifestação dele, seja por meio dos sonhos ou visões, seja nas relações e interações com o mundo, sendo elas:

[...] estruturas geométricas, como o círculo, o quadrado e a estrela, são ubíquas e frequentes. Podem aparecer em sonhos sem atrair para si especial atenção: por exemplo: pessoas sentadas em volta de uma mesa redonda, quatro objetos dispostos num espaço quadrado, a planta de uma cidade, uma casa. Números, especialmente o número quatro e múltiplos de quatro, indicam estruturas da quaternidade. Outras imagens do *Self* são as pedras preciosas, como diamantes e safiras, gemas que representam um elevado e raro valor. Entre outras representações incluem-se castelos, igrejas, vasos e recipientes, e, é claro, a roda, que tem um centro e raios que se projetam do centro para fora e terminam num aro circular. Tem-se também a representação em figuras humanas que são superiores a personalidade do Ego, como os pais, tios, reis, rainhas, príncipes e princesas. Assim como também existem animais que simbolizam o *Self*: o elefante, o cavalo, o touro, o urso, o peixe e a serpente. E imagens orgânicas, como árvores e flores, e imagens inorgânicas, como lagos e montanhas (STEIN, M., 2006, p. 146).

Para concluir, Murray Stein (2006) salienta que o *Self* contém opostos e tem um carácter paradoxal e antinômico (amoral), ou seja:

É, ao mesmo tempo, masculino e feminino, velho e criança, poderoso e indefeso, grande e pequeno, bom e mau. É muito possível que o aparente paradoxo nada mais seja do que um reflexo das mudanças enantiométricas ocorridas na disposição da consciência, as quais podem ter um efeito favorável ou desfavorável sobre o todo. Em outras palavras, a forma como o *Self* é representada, é influenciada pela disposição consciente da pessoa que o olha. Mudanças na disposição consciente podem provocar mudanças nas características do símbolo do *Self* (STEIN, M., 2006, p. 146).

Dentre as inúmeras personificações acima citadas, de que o *Self* pode se utilizar, destacam-se como principais delas para o presente estudo: a manifestação em sonhos, na qual as imagens de igrejas e as figuras humanas com características de superioridade e de salvador se apresentam como na cultura do Ocidente, prefigurando no Cristo; e a igreja, simbolizando o corpo humano, ou seja, o indivíduo em sua estrutura psíquica, que necessariamente irá passar – sofrer na carne e na alma – o processo de desenvolvimento e assimilação dos conteúdos psíquicos, de maneira que estes se tornem conscientes.

Assim sendo, se o indivíduo da cultura do Ocidente é chamado a viver simbólica e interiormente a vida de Cristo, parte-se do pressuposto de que “somos a imagem e semelhança de Deus”; por isso, um segundo conceito a ser analisado nas obras de

Jung que faz referência ao *Self* é a noção de “*Imago Dei*”²³ que faz alusão ao símbolo da unidade e da totalidade da psique e pode ser alcançado de diferentes maneiras, em épocas e culturas distintas.

Se cada indivíduo traz dentro de si a imagem de Deus – o cunho do *Self* –, significa dizer a potência como se fosse a marca do arquétipo em suas origens, visto que seu termo *typos* denota um cunho impresso numa moeda, e *arché* representa a matriz ou espécime original. Assim, cada indivíduo possui em potência uma impressão do arquétipo do *Self* que é inato e dado a cada ser (STEIN, M., 2006, p. 143-144). Ainda sobre a imagem de Deus na psicologia analítica:

Tudo o que se diz sobre a imagem de Deus pode ser aplicado sem nenhuma dificuldade aos símbolos da totalidade. Mostra-nos a experiência que os mandalas individuais são símbolos ordenadores, razão pela qual se manifesta em pacientes, sobretudo em épocas de desorientação ou de reorientação psíquica. Eles exorcizam e esconjuram, sob a forma de círculos mágicos, as potências anárquicas do mundo obscuro, copiando ou gerando uma ordem que converte o caos em cosmos. O mandala se apresenta à consciência primeiramente como algo de vago e puntiforme; em geral, é necessário um trabalho demorado e meticuloso, bem como a integração de muitas projeções, até que se possa compreender de modo mais ou menos completo as proporções do símbolo (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 60, p. 46).

Jung afirma que na atual era histórica na qual se encontra a humanidade, nos últimos dois mil anos, começou uma ênfase sobre essa quaternidade espiritual. E o homem passou a ser visto como um ser espiritual de acordo com essa imagem ideal cristã que foi projetada na figura histórica de Jesus de Nazaré. Logo, a união de Jesus (Ego) ao Cristo (*Self*) é o resultado de as pessoas projetarem nessa figura seu próprio *Self* espiritual superior, projeção esta que necessita ser recolhida, internalizada pelo indivíduo ao longo da segunda metade da sua vida, que resulta na ampliação da sua consciência (STEIN, M., 2006, p. 148).

Portanto, se o homem moderno do Ocidente está em busca do centro da sua alma (*Self*/Deus) por meio da sua verdade, de acordo com a psicologia analítica isso demonstra que o processo de ampliação e assimilação dos conteúdos inconscientes

²³ Em termos psicológicos, Jung postulava a realidade de uma imagem de Deus como um símbolo unificador e transcendente capaz de reunir fragmentos psíquicos heterogêneos ou unir opostos polarizados. É uma imagem de totalidade e “como valor máximo e dominante supremo na hierarquia psíquica, a imagem de Deus está imediatamente relacionada com o *Self* ou é idêntica a ele” (cf: SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003, p.48).

se encontra ativo e que isto acontece ao longo da sua vida terrena, ou seja, aqui e agora, enquanto Ser no mundo que se relaciona consigo e com seus semelhantes.

Se a função psíquica do *Self* consiste em emanar de seu núcleo uma ação reguladora para todo o conjunto do sistema psíquico, que visa à união dos pares de opostos, denota-se que o *Self* contém em si todas as possibilidades para o indivíduo “vir-à-ser”. E, por meio disso, ele cria um esquema sinuoso em que temas e tendências parecem se desvanecer e tornam a aparecer. Além disso, isto constitui como uma das premissas que torna a manifestação do arquétipo cristão atemporal e atual, isto é, com poder de acontecer “*como se fosse*” uma atualização do mito cristão, de modo intrapsíquico. Nesse sentido, Freeman *et al.* (2008) assim destacam:

E ao observar esse desenho sinuoso ao longo da vida o indivíduo poderá constatar a presença de uma tendência reguladora ou direcional oculta, que gera um desenvolvimento lento e imperceptível de crescimento psíquico, ampliando a sua consciência (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 211).

Trata-se de um desenvolvimento psíquico produzido pelo conflito de duas realidades anímicas fundamentais, de modo que a jornada tem dois aspectos fundamentais: “por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, torna-se objeto da relação com o outro, sendo ambos indispensáveis. Logo, um não pode existir sem o outro” (JUNG, 2012, OC. 16/2, § 448, p. 121). Este processo ocorre no homem de maneira espontânea e inconsciente e subsiste à sua natureza humana inata. No entanto, “[...] só é real se o indivíduo estiver consciente dele, e conseqüentemente, mantendo uma ligação viva com ele” (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 213).

Este argumento de Jung contribui para responder ao questionamento apresentado na problemática desta dissertação, sendo ele: “*Em qual nível psíquico vive o homem do mito cristão?*”. Compreende-se que, segundo a psicologia junguiana e dada a participação mística na qual se encontra inserida toda a humanidade do Ocidente, o mesmo ocorre de modo espontâneo e inconsciente, no entanto a partir da segunda metade da vida este processo tem por objetivo tornar-se consciente e real, se o indivíduo estiver disposto a buscar estabelecer as relações e o significado da manifestação dos símbolos na sua psique.

Jung enfatiza que este é um dos aspectos do arquétipo que é mais óbvio para aqueles que possuem alguma prática com esta matéria. O que, ao longo deste estudo, busca-se evidenciar é que:

O arquétipo, quando surge, tem um caráter pronunciadamente *numinoso*, que pode ser definido como 'espiritual', para não dizer 'mágico'. Conseqüentemente este fenômeno é da maior importância para a psicologia da religião. O seu efeito, porém, não é tão claro. Pode ser curativo ou destruidor, mas jamais indiferente, pressupondo-se, naturalmente, um certo grau de clareza. Este aspecto merece a denominação de 'espiritual' por excelência. Isto é, acontece não raras vezes que o arquétipo aparece sob a forma de espírito nos sonhos ou nos produtos da fantasia, ou se comporta inclusive como um fantasma. Há uma aura mística em torno de sua *numinosidade*, e esta exerce um efeito correspondente sobre os afetos. Ele mobiliza concepções filosóficas e religiosas justamente em pessoas que se acreditam a milhas de distância de semelhantes acessos de fraqueza. Frequentemente ele nos impele para o seu objetivo, com paixão inaudita e lógica implacável que submete o sujeito ao seu fascínio, de que este, apesar de sua resistência desesperada, não consegue e, finalmente, já não quer se desvencilhar, e não o quer justamente porque tal experiência traz consigo uma *plenitude de sentido* até então considerada impossível (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 405, p. 154-155).

Em relação à *plenitude de sentido*, Jung faz referência ao sentido da vida, o indivíduo desperta em si e se move na direção interna, em busca de transformação e ampliação de consciência. Isto é, para o autor, de fácil verificação, ao observar um indivíduo que está sob o domínio dos instintos e ainda necessita domá-los, como se fosse domar um boi selvagem, e outro que é governado pela totalidade psíquica.

Até o presente momento, tratou-se de alguns dados empíricos que Jung desenvolveu sobre a psicologia analítica e sobre o arquétipo central – o *Self*, que rege o campo e a totalidade da estrutura psíquica do indivíduo. Na subseção seguinte, o objetivo é apresentar ao leitor a ampliação teórica que Jung realiza quanto ao tema do arquétipo Cristo.

2.2 O arquétipo Cristo

Aquilo que ocorre na vida de Cristo ocorre em todos os momentos e locais. No arquétipo cristão, todas as vidas dessa espécie estão prefiguradas (Carl Gustav Jung, Psicologia e Religião).

No que se refere aos fatos históricos, Cristo passa a ocupar o centro regulador da psique humana, o *Self* na cultura do Ocidente. Isso ocorre, segundo Jung, porque:

Ele é o mito ainda vivo de nossa civilização. É o herói de nossa cultura, o qual, sem detrimento de nossa existência histórica, encarna o mito do homem primordial [Urmensch], do Adão mítico. É Ele quem ocupa o centro do *mandala* cristão; é o Senhor do Tetramorfo, isto é, dos símbolos dos quatro evangelistas que significam as quatro colunas de seu tempo. Ele está dentro de nós e nós estamos nele. Seu Reino é a pérola preciosa, o tesouro escondido no campo, o pequeno grão de mostarda que se transforma na grande árvore; é a cidade celeste. Do mesmo modo que Cristo, assim também o seu reino está dentro de nós (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 69, p. 51-52).

Jung descreve uma série de enunciados que expressam mitologicamente o arquétipo no âmbito cristão e que exprimem mais ou menos por intermédio desse simbolismo sua manifestação na psique. No caso, a linguagem dos símbolos acerca de Cristo consiste, sobretudo:

Nos atributos que caracterizam a vida do herói, tais como: origem improvável, pai divino, nascimento ameaçado de perigo, pronta salvação, amadurecimento precoce (crescimento do herói), superação da própria mãe e da morte, milagres, fim trágico e prematuro, tipo de morte simbolicamente significativo, efeitos póstumos (aparições), sinais miraculosos. Como *Logos*, Filho do Pai, *Rex gloriae* (Rei da Glória) *Judex Mundi* (Juiz do mundo), *Redemptor et Salvator* [Redentor e Salvador], Jesus é o próprio Deus, uma *totalidade universal* expressa iconograficamente, como a própria definição da divindade, pelo círculo, o *mandala*. Lembro aqui apenas a representação tradicional do *Rex gloriae* no *mandala*, onde aparece acompanhado da quaternidade dos símbolos dos quatro Evangelistas [...]. Uma simbólica parecida é a formação coral dos santos, dos anjos e dos anciãos em torno do Cristo (ou Deus) como centro. Ele representa a *integração* dos reis e profetas da Antiga Aliança. Como *pastor* Ele é o condutor e o centro do rebanho. É a videira, enquanto os que O seguem são os ramos. Seu corpo é pão que se come, e seu sangue é vinho que se bebe. Ele é também *Corpus Mmysticum* formado pela união dos crentes. Como manifestação humana, é o *Herói* e o Homem-Deus sem pecado, por isso mais completo e mais perfeito do que o homem natural, que Ele ultrapassa e abrange, e que está para Ele na mesma relação de uma criança para o adulto, ou do animal (ovelha) para o homem (JUNG, 2013, OC. 11/2, § 229, p. 60-61).

A linguagem simbólica acima descreve mitologicamente o surgimento de um arquétipo que se exprime mais ou menos através deste simbolismo e que tem poder de se revelar nos sonhos individuais e em projeções. A questão que se apresenta ao

leitor é que ao estabelecer essa relação com o Cristo, espera-se que o indivíduo reconheça o verdadeiro sentido que engloba tais dizeres que continuam aparecendo nos sonhos individuais, pois, conforme Jung, é com base nestas referências que Cristo foi assimilado pelo arquétipo constelado e, portanto, Cristo realizou a ideia de *Self*, que também vale para o reino de Deus. Por isso:

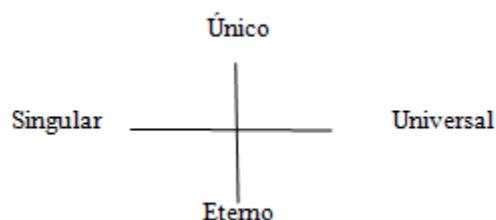
Cristo e seu reino são uma só e mesma coisa. Naturalmente, houve sempre quem contestasse esta dissolução da personalidade de Cristo, não advertindo, porém, para o fato de que ela representa, ao mesmo tempo, a assimilação e a integração de Cristo na alma humana. O resultado aparece na projeção da personalidade humana e no desenvolvimento da consciência. Por isto, estas aquisições específicas se encontram seriamente ameaçadas, agora, na era do Anticristo, não só por utopias político-sociais, como principalmente, e em primeiro lugar, pela *hybris* racionalista, que separa violentamente a consciência de suas raízes transcendentais, propondo-lhes metas imanentes (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 346, p. 263).

Conclui-se, assim, que no universo das concepções cristãs a imagem tradicional e arquetípica da totalidade psíquica do homem que engloba e representa o *Self* é Cristo, porque, para o mesmo autor:

Ele possui, como encarnação da individualidade, os atributos da unicidade e da singularidade. Como, porém, o *Self* psicológico é um conceito transcendente, pelo fato de exprimir a soma dos conteúdos conscientes e inconscientes, ele só pode ser descrito sob a forma de uma antinomia, isto é, os atributos acima mencionados devem ser completados por seus respectivos contrários, para que possam caracterizar devidamente o fato transcendental (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 115, p. 79-81).

E o modo mais simples de explicitar a antinomia é sob a forma de um quaternio de contrários, conforme ilustra o esquema na Figura 1, a seguir:

Figura 1 - Fórmula da figura dogmática de Cristo

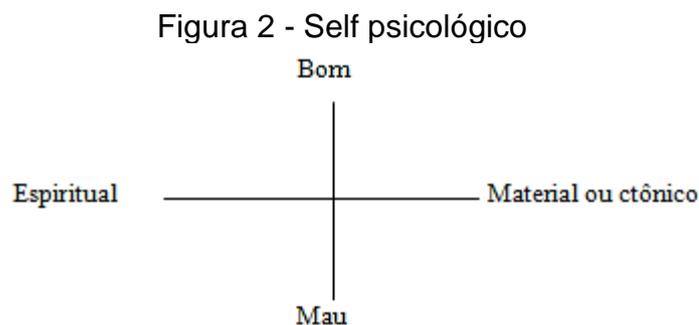


Fonte: Edinger, F. Edward. *Ego e Arquétipo* (1972).

O presente esboço representa a fórmula não somente do *Self*, como também da figura dogmática de Cristo. Diante disso, Jung salienta:

Como homem histórico, Cristo é único; como Deus, é universal e eterno. Como individualidade, o self é único e singular, mas como símbolo arquetípico é uma imagem divina, e, conseqüentemente, também universal e 'eterno'. Se a teologia diz que Cristo é absolutamente bom e espiritual, então é forçoso que, do lado contrário, tenha-se também um 'mau' e 'ctônico' ou 'natural' que venha representar justamente o Anticristo. Daí resulta um quatérnio de contrários, o qual se unifica no plano psicológico, justamente pelo fato de o *Self* não ser considerado simplesmente como 'bom' e espiritual (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 116, p. 80-81).

Neste entendimento, sua contraparte, sua sombra²⁴ apresenta um aspecto muito menos sombrio. Além disto, já não se faz necessário que se mantenha a separação entre 'bom' e 'espiritual', como mostra a Figura 2, seguinte:



Fonte: Edinger, F. Edward. *Ego e Arquétipo* (1972).

Este quatérnio caracteriza o *Self* psicológico que, como totalidade, deve, por definição, incluir também os aspectos luminosos e obscuros da mesma forma que o self os abrange:

Sem dúvida, os aspectos masculino e feminino sendo simbolizados pelo quatérnio de matrimônios. [...] É por este motivo que a individuação [jornada] é um *mysterium coniunctionis* (mistério de unificação), dado que o *Self* é percebido como uma união nupcial de duas metades antagônicas e representado como uma totalidade

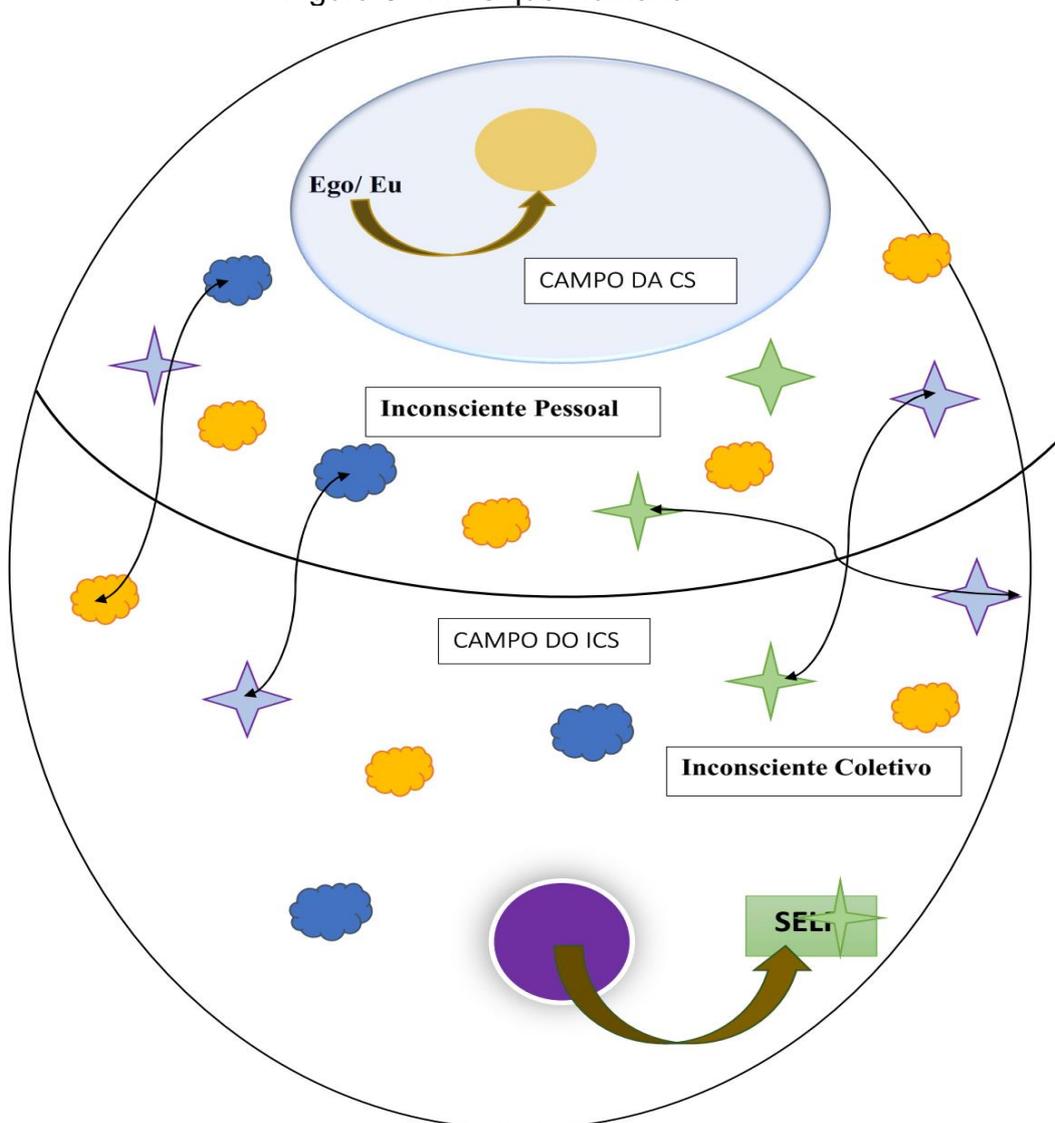
²⁴ Em 1945, Jung deu uma definição mais direta e clara da sombra: “a coisa que uma pessoa não quer ser” (OC. 16/2, § 470, p. 148). Nesta simples afirmação estão incluídas as variadas e repetidas referências à sombra como o lado negativo da personalidade, a soma de todas as qualidades desagradáveis que o indivíduo quer esconder, o lado inferior, sem valor e primitivo da natureza do homem, a “outra pessoa” em um indivíduo, seu próprio lado obscuro. Jung era perfeitamente consciente da realidade do mal na vida humana (cf. SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003).

composta, nos mandalas que se manifestam espontaneamente (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 117, p. 81).

Desse modo, o *Self* (Cristo) não se encontra inteiramente contido na dimensão espaço-tempo, mas é onipresente e com frequência aparece sob uma forma que sugere estar constantemente presente, isto é, manifesta-se como um ser humano gigantesco e simbólico que envolve e contém o cosmos inteiro (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 266).

Para exemplificar ao leitor, na sequência, encontra-se a Figura 3, que, de forma ilustrativa e imagética, busca fazer referência à delimitação da estrutura psíquica, de modo que podemos fazer uma alusão à estrutura psíquica, “*como se fosse*”.

Figura 3 - A Psique Humana



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ao observarmos a imagem e tendo como pressuposto “*como se fosse*”, compreende-se que ela é constituída de dois campos principais, sendo estes: a consciência (1) e a camada mais profunda, o inconsciente (2), subdividido em: inconsciente pessoal e inconsciente coletivo; neste campo psíquico toda a humanidade possui os mesmos arquétipos e instintos (STEIN, M., 2006). O campo psíquico inconsciente “é o repositório de todas as experiências humanas desde os seus mais remotos inícios: não um repositório morto; [...] mas um sistema vivo, de reações e aptidões, que determinam a vida individual” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 339, p. 102).

No campo 1, encontramos um centro regulador denominado Ego, que representa a consciência individual e contém tudo aquilo que o indivíduo conhecerá ao longo da vida e com o qual se relacionam de forma consciente. O campo 2, por sua vez, tem como centro o *Self*, responsável por toda a psique humana, independente do estado de atividade psíquica em que o indivíduo se encontra. Dele emanam todas as manifestações dos arquétipos que irão acessar a consciência por meio dos sonhos, fantasias e visões. É deste centro psíquico que emergem as manifestações do mito cristão, sendo as imagens arquetípicas de natureza irracional e isso significa que o homem não possui nenhum tipo de controle ou poder de manipulação sobre elas (FREEMAN *et al.*, 2008).

No campo da consciência, encontram-se os conteúdos como o próprio nome já diz: que o indivíduo tem consciência, ou seja, conteúdos psíquicos conhecidos, claros e possíveis de serem discernidos, por exemplo, seguir regras e leis para bem viver em sociedade, mas também são características de indivíduos egoicos, ou seja, uma pessoa orgulhosa e insolente, “dona da razão”, é um homem cujo comportamento não questiona a providência Divina, e por se considerar independente não julga necessário o auxílio sobrenatural, tornando-se inflexível e intransigente, ao ponto de não abrir mão do seu lado racional e esquecer seu lado irracional, destacando-se como um indivíduo com uma *hybris* racionalista.

Sendo o Ego o centro responsável pela consciência, é como se o homem, por um momento, não mais reconhecesse o agir da *imago Dei*, divina e sobrenatural, sobre sua vida, de modo que poderíamos elencar inúmeros males ocasionados à alma devido a sua *hybris* racionalista. O principal deles seria o desenraizamento entre os eixos psíquicos, levando o indivíduo a um desligamento de si com Deus, visto que muitos cristãos encontram-se baseados em uma fé intelectual, dissociada de qualquer

experiência intrapsíquica, ou seja, muitos indivíduos na atualidade negligenciam ou ignoram o caminho para alcançar uma verdadeira fé, eles apenas consideram isto como algo irrelevante ou até mesmo que não funciona na prática e não tem nenhuma influência em suas vidas (BRYANT, 1996); estas características egoicas podem ser percebidas no campo individual e, conseqüentemente, no âmbito coletivo, na sociedade do Ocidente.

Ainda em relação à psique humana, no campo 2 encontra-se o inconsciente pessoal, portador dos complexos de tonalidade afetiva do ser humano, que, neste caso, são manifestados pelos indivíduos de forma variada, pois cada ser em si é afetado de uma maneira única e particular pelos fenômenos psíquicos e acontecimentos da vida humana. Sendo assim, a forma como o indivíduo recebe e assimila a informação aciona dentro de si o que Jung denominou como os “complexos”, que encontram sua raiz originária no campo inconsciente e coletivo, ou seja, a imagem primordial e arquetípica tem suas bases no inconsciente. Assim, Jung informa que a base somática do inconsciente pessoal é constituída por fatores conscientes e inconscientes. De um lado, ele se assenta sobre o campo da consciência global; de outro, sobre a totalidade dos conteúdos inconscientes que se dividem em três grupos: o 1º inclui os conteúdos temporariamente subliminares, isto é, voluntariamente reproduzíveis; o 2º abrange os conteúdos que não podem ser reproduzidos voluntariamente; e o 3º fundamenta-se nos conteúdos que a seu tempo eram totalmente incapazes de se tornarem conscientes (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 4, p. 15).

Dada a impossibilidade de se descrever minuciosamente a estrutura psíquica, visto que uma parcela do inconsciente não pode ser captada, Jung propõe que a personalidade global seja denominada *Self*. Este campo consiste em conteúdos que a psicologia qualifica como “*impessoais*, ou de *coletivos* que representam a base da psique em geral, universalmente presente e sempre idêntica a si mesma” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 12, p. 17-18).

Na mesma linha de raciocínio, ao longo de seus estudos e experiências, Jung constata que havia uma semelhança universal entre os processos psíquicos, e que isso se devia ao fato de uma regularidade igualmente universal, isto é: “os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os

conteúdos do inconsciente coletivo são *arquétipos*²⁵ que existem sempre e *a priori*”, como exemplificado neste estudo (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 13, p. 19).

Nesta breve apresentação textual, fez-se menção a alguns conceitos-chave e fundamentais da psicologia analítica no que diz respeito à concepção da estrutura psíquica do ser humano. Para que possamos aprofundar e ampliar o estudo, é preciso que o leitor compreenda que estes são os pressupostos básicos que compõem a estrutura psíquica de todos os indivíduos e que a realização consciente de tal percurso constitui a meta do *Self*.

Isso contribui para o objetivo do ser humano enquanto tal, pois, conforme a psicologia analítica, visa à união dos opostos, a unificação do Ego ao *Self*, tornando-se um ser autêntico e único. Este é um caminho possível, segundo Jung, para o indivíduo que busca, fundado na manifestação dos fenômenos psíquicos que se revelam à psique, consciente de que existe uma ideia antropológico-filosófica da essência do Ser Humano, um ideal de humanidade plenamente realizável que está para além da razão.

2.2.1 A imagem primordial²⁶: Cristo

No intuito de aprofundar a compreensão do conceito teórico e metafísico – o Cristo, vale observar inicialmente, o seguinte excerto bíblico:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu pai, cheio de graça e verdade. [...] Todos nós recebemos da sua plenitude graça sobre graça. Pois a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Ninguém jamais

²⁵ Jung responde em nota de rodapé: Já me perguntaram muitas vezes donde procede o arquétipo. É um dado adquirido ou não? É-nos impossível responder diretamente a esta pergunta. Como diz a própria definição, os arquétipos são fatores e temas que agrupam os elementos psíquicos em determinadas imagens, mas de um modo que só pode ser conhecido pelos seus efeitos – quando estes se tornam conscientes, caracterizam-se pelo *aspecto numinoso*. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam as dominantes estruturais da psique em geral, [...]. Como condições *a priori*, os arquétipos representam o caso psíquico especial do *'pattern of behaviour'* (esquema de comportamento), familiar aos biólogos e que confere a cada ser vivente a sua natureza específica. Assim como as manifestações deste plano biológico fundamental podem variar no decurso da evolução, o mesmo ocorre com as manifestações dos arquétipos (JUNG, 2013, OC. 11/2, p. 54).

²⁶ Qualifico a imagem como primordial quando ela possui caráter arcaico. E só falo disso quando a mesma apresenta uma concordância explícita com motivos mitológicos. E neste caso expressa matérias derivados do inconsciente coletivo (JUNG, 2013, OC. 6, § 830, p. 458).

viu Deus. O filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou (BIBLIA, 2001, JOÃO, 1, p. 1384).

No excerto joanino, acima, podemos identificar que o verbo divino se encontra, de certa forma, distinto e unido, como se fizesse referência às três pessoas da Trindade Santa. E eis que “o verbo se fez carne”, então ocorre a encarnação divina, como se fosse em uma quarta pessoa – o *Ser Humano*, que permite metaforicamente inferir que o ser humano se encontra constituído como “imagem de Deus”. Lepargneur e Silva (1997, p. 22) advertem que é a partir disso que se constata uma polarização através do simbolismo das religiões e das figurações dos mandalas e das variantes quaternárias desenvolvidas nos estudos de Jung.

Segundo Bryant (1996, p. 54), nesta respectiva passagem, o evangelista declara ao indivíduo que: o Verbo divino tornou-se homem na carne e sangue de Jesus Cristo, e Deus falou com o homem pela mediação dessa vida humana, além disso que: “o Verbo é a luz de todos os homens de toda parte. Todos os homens, ao menos em potência, contêm em si a capacidade de responder ao divino” (BRYANT, 1996, p. 54). Isso significa que a influência do Verbo se dá mediante as tradições religiosas em que é criado ou inserido o indivíduo e, em outra medida, por meio da ação do *Self* sobre a personalidade consciente, lançando luz do Verbo divino que brilha na mente e no coração do indivíduo.

Entende-se, assim, que o conceito de embasamento na teoria da psicologia analítica que engloba as reflexões acerca do Verbo divino – Cristo – situa-se na expressão ‘*imago Dei*’, como um postulado explicativo para Jung formular sua teoria cientista, conforme a afirmativa abaixo:

A expressão ‘*imago Dei*’ [imagem de Deus] é embasamento de fé revelada para o crente, objeto de experiência indizível para o místico, postulado explicativo para o cientista. Mais do que a divergência das aproximações é notável a convergência das perspectivas: o místico e o terapeuta, ambos aceitam que têm, cada um com os recursos próprios de sua arte, o alvo de desobstruir o pleno acesso ou a plena irradiação desta ‘imagem de Deus’ no ser humano (LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 23).

A expressão contribui para a descoberta de Jung de que existe no homem um arquétipo central (o *Self*) criando uma ponte entre a psicologia como ciência da alma e a experiência numinosa ou mística (de cunho teológico), pois a característica fundamental de ambas é religiosa, tomando-se o termo como processo de *re-ligar*,

para o *vir-a-ser*, resultando no religar a pessoa à *imago Dei*, que é o próprio Deus. Na psicologia isso representa o processo de religar o Ego (consciente) ao *Self* (inconsciente) e, simultaneamente, à dimensão misteriosa da qual o *Self* é reflexo ou imagem e, desse modo, ambas as experiências (psicológica e mística) coincidem-se e se explicam uma à outra (LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 9).

Na psicologia analítica, a imagem arquetípica de Cristo é um símbolo do *Self*, pois engloba as características do respectivo arquétipo e, na modernidade, este pode *vir-a-ser* um símbolo vivo de redenção para a humanidade. Isso ocorre porque o destino do indivíduo cristão é o Cristo, e a realização desses propósitos não deve ser compreendida como um possível acontecimento de ordem exterior, ou seja, não significa que o mundo externo irá se dissolver um dia no Cristo, mas sim que a orientação psíquica do tipo extrovertido do Ego há de desaparecer para dar lugar ao *Self* e “isso acontece quando o Ego se incorpora submetendo-se ao *Self*” (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 270).

Jung destaca que o arquétipo Cristo ocupa simbolicamente o centro da psique cristã, como enunciado pela sua teoria, visto que ele é o mito ainda vivo de nossa civilização e elucida o arquétipo do *Self*, representando uma totalidade de natureza divina ou celeste, um homem transfigurado, um Filho de Deus *sine macula peccati* “que não foi manchado pelo pecado” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 70, p. 52). É como se a presente dissertação, em linhas gerais, realizasse um estudo em forma de espiral em torno do arquétipo Cristo, descrevendo sua posição psicológica como símbolo e sua manifestação como fenômeno psíquico, segundo a psicologia analítica.

De acordo com Jung, Orígenes faz uma descrição minuciosa sobre a posição psicológica que Cristo ocupa:

A *imago Dei* impressa na alma e não no corpo é uma imagem da imagem, ‘pois minha alma é uma imagem de Deus, não de modo singular, mas criada à semelhança de uma imagem precedente’. Cristo, ao invés, é a verdadeira *imago Dei*, cuja semelhança foi criada nosso homem interior: invisível, incorporeal e imortal. A imagem divina manifesta-se em nós através da *prudencia*, da *justiça*, da *moderatio*, da *virtus*, da *sapientia* e da *disciplina* (ORÍGENES, 185-254 apud JUNG, 2013, OC. 9/2, § 70, p. 53).

O objetivo do ser humano, ao longo da sua vida, será o de realizar conscientemente a integração dos conteúdos do seu inconsciente pessoal e coletivo, desenvolvendo em si as virtudes que conseqüentemente contribuem com o

desenvolvimento da função religiosa e anímica da psique. Logo, a citação de Orígenes permite estabelecer uma correlação aos dons do Espírito Santo, que são eles: Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade, Temor de Deus, ou seja, a manifestação do *Self* se dá de forma gradual à medida que o indivíduo desenvolve sua personalidade da via instintual para uma via espiritual, que culmina no encontro com Deus.

Este processo é marcado inicialmente pela descida de Cristo aos infernos, que para a psicologia analítica é representado pela “descida deliberada do Ego ao reinado inconsciente [...]. A luz do Ego é temporariamente extinta no mundo superior; sendo levada para o mundo inferior, onde resgata conteúdos valiosos do inconsciente até conquistar a própria morte” (EDINGER, 1987, p. 114). Na mesma linha de raciocínio, Jung faz menção a Agostinho, afirmando que:

O âmbito da integração é indicado pela *descensus ad inferos*, descida de Cristo aos infernos, descida cujos efeitos redentores abrangem inclusive os mortos. O seu equivalente psicológico é a integração do inconsciente coletivo, parte constitutiva e indispensável da individuação: ‘Nosso fim deve ser, portanto, diz Agostinho, nossa perfeição, mas nossa perfeição é Cristo’, porque Ele é a imagem perfeita de Deus (AGOSTINHO, 354-430 *apud* JUNG, 2013, OC. 9/2, § 72, p. 55).

Essa imagem simbólica é representada no ritual do cristianismo pelas núpcias sagradas e corresponde ao matrimônio de Cristo com a Igreja (esposa/Ser Humano), a união dos contrários ou união dos opostos, por isso, “a imagem divina do homem, danificada pelo pecado, pode ser restaurada [‘reformada’] com a ajuda de Deus [com a graça divina]” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 73, p. 55). Nesse caminho, ao longo da jornada da vida humana: “as imagens produzidas pelo *Self*, representam as transformações, ou seja, tais ‘reformas’ de um arquétipo [do mandala] existente *a priori*” que objetiva o desenvolvimento da personalidade humana (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 73, p. 55-56).

Segundo Jung, a figura de Cristo acabou sendo identificada com essa personificação do *Self*, pois dentre os símbolos, cujo início remonta à Igreja Primitiva, Cristo tem uma série de símbolos ou alegorias em comum com o demônio:

Por exemplo: o leão, a serpente, (*serpens*, víbora, *coluber*), a ave, (demônio = *nocturna avis*, ave noturna), o corvo, (Cristo = *nyctcorax*, corvo noturno), a águia e o peixe; acrescentemos que Lúcifer, a *stella*

matutina (a estrela da manhã), designa tanto Cristo como o demônio. Ao lado da serpente, o peixe é certamente uma das mais antigas *allegoriae* (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 127, p. 90).

A *imago Dei* encarnada por Cristo expressa uma totalidade universal que contém em si o lado animal do homem (os instintos), mas na doutrina do cristianismo falta ao símbolo de Cristo o lado noturno e sombrio das coisas. A exclusão do poder maligno pela consciência cristã (pelo Cristão) conferiu ao mal a fisionomia de um bem apenas diminuído, privando-o, assim, de toda substância. Isso já se anunciava em Orígenes e de acordo com a doutrina da igreja cristã: “o mal é meramente a ‘carência acidental de uma perfeição’” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 74, p. 56-57).

Como exemplo, tem-se alguns conceitos: em cima/embaixo; direita/esquerda; céu/terra; mãe/pai; invisível/visível; mal/bem; mau/bom. Pode-se observar que cada conceito em si apresenta um lado oposto; bem como ao reconhecer que a manifestação do *Self* se dá na figura de Cristo, tem-se no Anticristo o seu correspondente, sua contraparte, “à sombra do *Self*, isto é, a metade obscura da totalidade do homem que não deve ser julgada com demasiado otimismo” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 76, p. 58).

Jung traça esse paralelo do *Self* ao Cristo porque sua experiência revela que a totalidade psicológica está dividida em luz e sombra. De forma que se apresenta espontaneamente nos produtos do inconsciente pessoal e coletivo e no conhecimento do homem total, não se pode negar que a sombra pertence à figura luminosa e sem esta não terá corpo nem conteúdo humano. A luz e a sombra formam uma unidade paradoxal no *Self* empírico (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 76, p. 58).

Para o indivíduo que mantém uma atitude positiva em relação ao cristianismo, este compreende que a manifestação do Anticristo é uma refutação do demônio provocado pela encarnação de Deus. Em termos psíquicos, a figura dogmática de Cristo é tão excelsa, unilateral e sem mácula que seu complemento psíquico requer que se estabeleça o devido equilíbrio. Neste entendimento, pode-se afirmar que:

A vinda do Anticristo não é apenas uma predição de caráter profético, mas uma lei psicológica inexorável, cuja existência levou o autor das Cartas [João], sem que ele o soubesse, à certeza da enantiodromia vindoura. E é sobre isto que escreve como se tivesse consciência da necessidade interior desta transformação, acreditando que a ideia era pura revelação divina (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 77, p. 58-59).

Cristo é imaculado como o ideal de espiritualização, enquanto o Demônio constitui a vertente oposta da tremenda tensão existente no interior da alma humana: “Por isso, o encontro entre Cristo [Luz] e Satanás [Sombra] deve significar muito mais do que um simples acaso: é uma conexão” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 78, p. 60).

O valor psicológico que atribuímos à figura de Cristo é coletivo, efetivo e subsistente por si mesmo. Ele desenvolve sua atividade, quer o indivíduo tome ou não conhecimento dele. Cristo corresponde apenas a uma das metades do arquétipo, sua outra metade se manifesta no Anticristo. Tanto um como o outro são símbolos cristãos que perfazem a imagem do Salvador crucificado entre os dois malfeitores:

Este grandioso símbolo indica que a evolução e a diferenciação produzidas na consciência levam-nos a um conhecimento cada vez mais ameaçador da contradição, e significa nada menos que uma *crucificação do eu*, isto é, sua suspensão dolorosa entre dois opostos inconciliáveis (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 79, p. 60-61).

Sugere-se que ao longo do desenvolvimento psicológico o psicólogo examine cuidadosamente, sob a luz da tradição cristã, tais aspectos da jornada no indivíduo, pois ela pode revelar em qual estágio psíquico a manifestação do *Self* se faz presente (construtiva/Cristo ou destrutiva/Demônio) na psique do indivíduo, ou seja, “ela conhece sua descrição, a qual supera, e muito, nossa fraca tentativa individual, tanto em exatidão quanto em expressividade” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 79, p. 61-62). Caso contrário, quando sua atividade é destrutiva o processo pode não gerar um *individuum* psicológico, uma unidade indivisível.

Os estudos de Jung perpassam pela Teologia e Filosofia e, ao beber nessas fontes, o autor apresenta uma vasta ampliação e compreensão acerca de Deus e do porquê Cristo corresponde a uma das metades do arquétipo; enquanto a outra se manifesta no Anticristo. Com isto, o autor desejava entender as experiências psicológicas que testemunhou e estudou a partir de seus pacientes, porquanto acreditava que: “uma análise das profundidades da psique tem por finalidade facilitar e desobstruir a evolução da alma que aspira à ‘verdade’, isto é, a integração dos conteúdos psicológicos, e assim alcançar a experiência direta com Deus” (LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 18).

Assim como a árvore que cresce em direção ao céu e também precisa que suas raízes se estendam até o inferno, esse movimento é duplo e inerente à natureza do pêndulo. Dessa mesma forma, o Cristo é imaculado, mas logo no início de sua vida

pública se dá seu encontro com Satanás. Tal contraposição constitui a vertente oposta da tremenda tensão existente no interior da alma do mundo (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 78, p. 59). Nesse viés, Jung disserta:

Percebe-se que o bem e o mal não derivam um do outro, como duas metades coexistentes de um julgamento moral, mas existem desde sempre de forma autônoma. O mal é como o bem, uma categoria humana de valor, e nós somos os autores de juízos de valor morais e também, embora somente em grau limitado, daqueles fatos que são submetidos ao julgamento moral. Esses fatos são qualificados de bons por uns e de maus por outros. [...]. Mas, o homem, antes de tudo, é autor de um mero julgamento (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 84, p. 64).

Diante disso, Jung destaca o fato de a imagem do mal ter sido negada enfaticamente desde cedo. Este fato se mantém vinculado a uma tomada de posição da Igreja em relação ao dualismo maniqueísta. Há na teologia cristã duas doutrinas que abordam esta problemática:

O *Summum Bonum*, concepção de que Deus é totalmente bom, representando o sumo bem; e a *Privatio Boni*, doutrina que teria surgido como consequência da primeira e segundo a qual: o mal é entendido como uma diminuição ou ausência do bem procedente do Deus totalmente bom (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 74, p. 56-57).

Todo estudo de Jung acerca do bem e do mal visa apresentar dados empíricos que se tratam de um par de contrários, e que a ideia de bem e mal é a principal premissa do julgamento moral: “Trata-se de um par de contrários logicamente correlativo, os quais constituem, como tais, uma *conditio sine qua non* (condição sem a qual não é possível) de qualquer ato de conhecimento” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 84, p. 63).

Assim, ao longo da jornada, declara Jung:

Um contrário se conhece pelo outro, como as trevas pela luz. Por isso é a partir da natureza do bem que se deve deduzir em que consiste o mal. Ora, já dissemos acima que o bem é tudo o que é apetecível. Por isso, como toda a natureza busca seu próprio ser e sua perfeição, necessariamente se há de afirmar que o ser e a perfeição de cada criatura têm natureza de bondade (*rationem bonitatis*). Por conseguinte, é impossível que o mal signifique algum ser, uma certa forma ou natureza. Assim, só nos resta concluir que, com a palavra ‘mal, designa-se uma certa ausência de bem’. ‘O mal não é um ente; o bem, sim, é um ente’. ‘De igual modo, todo agente opera por causa ou em razão do bem. Aquilo para o qual o agente tende de maneira

determinada deve ser-lhe apropriado (*conveniens*). O que, porém, lhe convém (ao agente), é um bem para ele, e por isso todo agente opera em vista do bem' (*Quod autem conveniens est alicui est illi bonum. Ergo omne agens agit propter bonum*) (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 91, p. 67-68).

Na condição de ciência empírica, a psicologia analítica deve ignorar o que é bom e o que é mau em si mesmo. Ela só conhece essas coisas como juízos de relação: “bom é o que parece conveniente, aceitável, ou valioso sob um determinado ponto de vista; mau é o inverso disto. Se o que se denomina como bom que é ‘realmente’ bom, então, conseqüentemente, existe algo de mau, um mal que é ‘real’ para nós” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 97, p. 69-70).

Ainda, de acordo com Jung, pode-se concordar com a seguinte afirmativa:

A psicologia lida com um julgamento mais ou menos subjetivo, isto é, com um contraste psíquico imprescindível para a definição de determinadas relações de valor: bom é o que não é ruim, e ruim o que não é bom. Existem coisas que são extremamente más, isto é, perigosas, sob um determinado ponto de vista. Existem também coisas desta espécie na natureza humana, que são muito perigosas e, por isso mesmo, parecem más àquele que está situado no eixo do tiro. Não tem sentido dissimular este mal sob cores atraentes, pois isso só serviria para nos embalar numa segurança ilusória. A natureza humana é capaz de uma maldade sem limite e as ações más são tão reais quanto as boas, tão vasto é o campo da experiência humana; o que significa que é de forma espontânea que a alma emite o julgamento decisivo. Só a inconsciência desconhece o bem e o mal (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 97, p. 70).

O que Jung salienta neste trecho e busca tornar evidente ao leitor é que ele não feche os olhos para o perigo do mal (para a sua sombra e sua *hybris* racionalista) que está à espreita dentro de si mesmo, pois este perigo é demasiadamente real. Por conta disso, a psicologia deve insistir na realidade do mal e refutar qualquer definição que deseje conceber o mal como algo sem importância ou mesmo como não existente.

A expressão “fechar os olhos”, na perspectiva analítica, remete o leitor a uma espécie de desligamento dos fatos externos e mundanos, porque, ao buscar conhecimento sobre si mesmo a partir da manifestação dos conteúdos psíquicos, o indivíduo é capaz de identificar que o mal e o lado sombrio existem dentro de si, e tudo aquilo que vê no mundo, ou seja, os fatos externos, são apenas um reflexo daquilo que existe dentro de si. À medida que ocorre a transformação e assimilação desses conteúdos no campo da consciência, sendo lapidada essa matéria-prima,

assim como uma pedra de diamante que ao ser encontrada em estado bruto precisa ser submetida a um processo doloroso e árduo para revelar sua beleza interior, é de modo semelhante que ocorre o desenvolvimento psíquico do homem.

Até mesmo aquele indivíduo que possui uma *hybris* racionalista é chamado a realizar uma experiência *numinosa*, silenciando as vozes do mundo externo e permanecendo em silêncio, para, então, se tudo der certo, ser-lhe possível encontrar Deus dentro de si e possivelmente ao seu entorno. Caberá ao indivíduo a responsabilidade de colocar-se em atitude de humildade diante dos fatos naturais e sobrenaturais, reconhecendo sua pequenez e pedindo tamanha graça a Deus, para compreender, aceitar e assimilar a vontade divina e principalmente discernir as manifestações do *Self* por meio dos sonhos que lhe chegam à consciência.

Tal leitura psicológica contribui para que o leitor compreenda que até mesmo as desgraças, sejam elas doenças físicas ou psíquicas ou sintomas patológicos que afligem a alma humana, são meios pelos quais o *Self* caminha buscando despertar o indivíduo para realizar os anseios de sua alma. O que nos permite concluir que Deus consente que o mal exista para transformar e converter o coração de pedra do ser humano.

Quanto à origem do bem e do mal no campo das experiências, elas são pares de contrários e uma sempre pressupõe a outra. Na coleção de escritos gnóstico-cristãos, as chamadas *Homilias Clementinas* de autoria desconhecida por Jung, o autor concebe: “o bem e o mal, respectivamente, como a mão direita e a mão esquerda de Deus, que faz da criação um conjunto de sizíguas [anima/animus], ou seja, de pares de contrários” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 99, p. 71). Entre outras concepções: “Marino, discípulo de Bardesanes, concebe o bem semelhantemente como luminoso e está à direita (*déxion*), e o mal como tenebroso e está à esquerda (*arísteron*)” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 99, p. 71).

Tal concepção, descrita nas *Homilias Clementinas*, é compatível com a ideia da unidade de Deus. “Esta maneira de conceber é indício de que a realidade do mal de modo algum leva ao dualismo maniqueísta, nem tampouco coloca em perigo a unidade da imagem divina. Ela assegura, pelo contrário, a unidade desta imagem [...]” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 99, p. 71-72).

Dessa forma, Jung assim discorre:

Na doutrina da *privatio boni*: é que encontramos, já em Basílio, a tendência de atribuir o mal, juntamente com o seu caráter de *me on* (não ente), a natureza (disposição, *diáthesis*) da alma. Segundo este autor, como o mal deve sua origem unicamente a um ato de leviandade e, por conseguinte, a uma mera negligência, ele só existe, de certo modo, graças a uma falha psicológica, e por isto é uma *quantité négligeable* [quantidade negligenciável] de tal modo que o mal simplesmente se desfaz em fumaça. [...] (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 114, p. 79).

É como se o indivíduo negligenciasse um fato concreto a fim de torná-lo tão fugaz e quase irreal, reduzindo-o a um caráter de futilidade ou de uma falha psicológica. Esse preconceito continua levando muitos indivíduos a subestimar a alma:

É preciso que alguém seja inteiramente cego, para não ver o papel quase absoluto que o mal desempenha no mundo. Foi preciso a intervenção do próprio Deus, para que a humanidade fosse salva da desgraça do mal; sem esta intervenção, o homem teria perecido. Atribuir este poder colossal à alma só poderia ter como resultado uma inflação negativa, isto é, uma pretensão igualmente demoníaca do inconsciente ao domínio e, conseqüentemente, uma intensificação do mesmo. A conseqüência inevitável deste fato é antecipada na figura do anticristo (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 114, p. 79).

A jornada solitária do personagem mítico só alcançará sua integridade, sua unidade e sua totalidade por meio da união dos aspectos conscientes com os conteúdos psíquicos do inconsciente: “Dessa união surge o que Jung chama ‘função transcendente da psique’, pela qual o homem pode alcançar sua finalidade mais elevada e sua plena realização e manifestação das potencialidades do *Self* [ou ser]” (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 197).

Uma vez que Cristo elucidada o arquétipo central em termos psicológicos, este também representa as vicissitudes do *Self* em sua encarnação num Ego individual. Isso permite observar e realizar uma analogia da figura arquetípica que é Cristo, ou seja, que Ele está presente e com grande potencial de personificação na vida intrapsíquica e atual de todo ser humano.

Destarte, para compreender em linhas gerais esse grande potencial de personificação na vida do homem do Ocidente e cristão à luz da psicologia analítica e do campo filosófico abordaremos o excerto joanino que descreve um exemplo de uma experiência *numinosa* sofrida por M. Madalena com a imagem arquetípica de Deus, dita como uma realidade psíquica experienciada simbolicamente pela personagem e

carregada de um elemento essencial denominado pelo campo teológico e pelo cristão como *Fé*, no entanto para o campo filosófico e analítico trata-se de uma mudança de atitude consciente.

3 A MANIFESTAÇÃO DO *SELF* NA PSIQUE INDIVIDUAL DE MARIA MADALENA

Fez as pazes com Deus, sacrificou a própria vontade, submetendo-se à vontade divina (Carl Gustav Jung, Psicologia e Religião).

Neste terceiro capítulo, analisar-se-á, a partir da linguagem metafórica, a manifestação de Cristo a M. Madalena, descrita no livro da Bíblia, pelo evangelista São João, capítulo 20, versículos 1-18, descrita em sequência:

No primeiro dia que se seguia ao sábado, Maria Madalena foi ao sepulcro, de manhã cedo, quando ainda estava escuro. Viu a pedra removida do sepulcro. Correu e foi dizer a Simão Pedro e ao outro discípulo a quem Jesus amava: “Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram!”. Saiu então Pedro com aquele outro discípulo, e foram ao sepulcro. Corriam juntos, mas aquele outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Inclinou-se e viu ali os panos no chão, mas não entrou. Chegou Simão Pedro que o seguia, entrou no sepulcro e viu os panos postos no chão. Viu também o sudário que estivera sobre a cabeça de Jesus. Não estava, porém, com os panos, mas enrolado num lugar à parte. Então, entrou também o discípulo que havia chegado primeiro ao sepulcro. Viu e creu. Em verdade, ainda não haviam entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dentre os mortos. Os discípulos, então, voltaram para as suas casas. Entretanto, Maria Madalena se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: “Mulher, por que choras?”. Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”. Ditas essas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”. Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar”. Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se ela, exclamou em hebraico: “Raboni!” (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele lhe tinha falado (BÍBLIA, 2001, João, 20, 1-18, p. 1411).

A utilização da perícopé como uma metáfora auxilia na compreensão e exemplificação da manifestação do *Self* na perspectiva da psicologia analítica. O *Self* tem poder de vir-a-ocorrer a partir da segunda metade da vida; este estágio da vida corresponde à vida adulta na cultura ocidental, à medida que o Ego individual começar a se desenvolver, de tal forma assimilando e integrando os fatores dinâmicos da

psique, sendo isso de suma importância, pois fornece ao indivíduo a capacidade de desenvolver uma relação mais profunda consigo mesmo e com o mundo externo. E, “*se tudo der certo*”, conforme o Ego individual desenvolver a estrutura da sua alma, reconhecendo e empreendendo um esforço consciente, de modo a se tornar um recipiente sadio para ser receptáculo dos fatores dinâmicos carregados de energia psíquica – dada a sua autonomia o *Self* poderá, quando quiser e se assim quiser, tornar-se visível ao indivíduo.

Inicialmente, apresentar-se-á alguns elementos que sinalizam a escolha da respectiva passagem bíblica, bem como a delimitação na personagem de M. Madalena, porque ela é mencionada como a primeira testemunha e apóstola enviada pelo Cristo ressuscitado para os seus próprios discípulos; e um segundo elemento importante é que neste fato, diante da morte de Jesus Cristo, M. Madalena encontra-se junto ao túmulo, chorando e cheia de questões sobre os fatos, lamentando a morte do seu amado, mas tudo isso não a paralisa, pelo contrário, a coloca em movimento e é ali, diante do sepulcro, que ela recebe o encontro com Deus e o anúncio para proferir e testemunhar a existência da Boa Nova (TOMMASO, 2020). É como se, por meio dessa imagem arquetípica, a presente dissertação buscasse desvelar o fenômeno psíquico, tornar visível o invisível sobre a manifestação do arquétipo na atualidade.

Sendo assim, estas características sinalizam por si só a sua importância e o seu destaque para a contextualização dos tópicos neste terceiro capítulo e dada a autonomia do centro psíquico inconsciente a sua manifestação pode vir-a-ocorrer em situações de intensa dor e desconforto psíquico. Desse modo, o que restaria ao profissional em contexto clínico na atualidade seria uma investigação dos efeitos e a finalidade do fenômeno na psique individual, visto que seus efeitos no contexto atual podem ser construtivos ou destrutivos e podem variar em grau (leve, moderado ou grave) e em formas (ansiedade, depressão, psicose, neurose, distúrbios etc.) de uma psique para outra, ou seja, de um indivíduo para outro (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 546, p. 228).

Outro aspecto que exige uma análise psicológica e filosófica é o posicionamento, ou seja, as atitudes conscientes de M. Madalena, em estar presente ao lado de Jesus Cristo, nos últimos acontecimentos que antecederam sua morte e ressurreição, haja vista que isso auxilia e sinaliza ao leitor quais são os sentimentos expressos e os desejos contidos no coração dela, porquanto estes são indicadores de

que sua personalidade já se encontrava muito próximo de alcançar o estágio da iluminação, o encontro com o *Self*. O que de certo modo sinaliza ao indivíduo ocidental que, segundo a psicologia analítica, sim, é possível a realização do desenvolvimento da personalidade do indivíduo, ou seja, de tornar-se um ser consciente deste percurso nos dias atuais. E que os desejos que o indivíduo nutre e traz em seu coração são o ponto de partida, mas também o ponto de chegada, funcionando como sinalizadores para o profissional de psicologia que atua como mediador na relação entre os eixos, Ego e *Self*. Nesse percurso, ao analisar os efeitos (construtivos ou destrutivos) e a finalidade (desenvolver a psique) do fenômeno psíquico junto ao paciente, pode-se alcançar o seu fator eficaz.

Com base no excerto joanino é preciso que o profissional de psicologia, ao realizar o processo psicoterápico, aprenda a ler a imagem, tornando sua linguagem inconsciente em consciente. Ao partir do exemplo, observa-se, por meio de M. Madalena, que o efeito expressado por ela é construtivo, pois ela apresenta uma mudança de atitude consciente, o que gera um processo criativo, moral, ético e de respeito e cuidado e de obediência, realizando aquilo que o Cristo lhe ordenou, ou seja, anunciar a Boa Nova, como descrito: “Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus” (BÍBLIA, JOÃO, 20, 17, p. 1411).

Em conformidade com Tommaso (2020, p. 14), M. Madalena traz em seu coração um desejo ardente; divagações que a atormentavam; angústia que permeava sua alma, seus pensamentos e todo o seu corpo; lembranças ainda da pesada cruz, dos cravos que lhe penetraram terrivelmente pés e mãos, ela sentia seu coração sangrar de tristeza, mas nutria um desejo insano de estar perto daquele que lhe apontava uma nova vida, mesmo que agora fosse só um corpo dilacerado pela brutalidade humana. Segundo a autora, é *como se* todos os questionamentos e incertezas a movessem naquela direção, ela precisava estar lá, ela buscava por respostas para tudo aquilo que estava vivendo, ela desejava compreender o sentido e o significado das coisas, enquanto todos os outros (discípulos) já haviam partido, de volta para suas casas.

Para traçar um paralelo com esta dissertação, observam-se, assim, dois tipos de indivíduos presenciando o mesmo fenômeno, com diferenças apenas nas atitudes conscientes ou inconscientes, o que pode vir a ser validado no contexto da atualidade, no qual mediante a mesma situação vivida por duas pessoas elas apresentam

comportamentos e atitudes diferenciadas, porque trazem em seu coração e em sua alma questionamentos e divagações específicas que as atormentam; bem como reflexões e pensamentos distintos que nutrem em relação a Deus; além de lembranças que carregam e que as fazem chorar de tristeza ou de alegria; todo esse conjunto de fatores as move em direção à vida ou à morte.

Tal reflexão pode auxiliar o leitor na compreensão sobre o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, haja vista que ao buscar respostas para aquilo que lhe acontece, procura viver e tornar consciente a função anímica e religiosa de sua psique, assimilando os conteúdos do campo psíquico inconsciente, à medida que estes lhe são revelados por meio de sonhos, sintomas ou imagens, de modo semelhante ao que ocorreu com a personagem de M. Madalena, inserindo-o no grupo de indivíduos que busca tornar consciente seu mito pessoal e arquétipo.

3.1 A finalidade e o efeito do fenômeno psíquico

Compreende-se a partir dessa análise que é necessário ao indivíduo no Ocidente o resgate da vida simbólica, resgatando o sentido e o significado que é permeado pela finalidade e pelo efeito da manifestação do *Self*, que tem por objetivo recuperar o valor afetivo e simbólico da existência humana, despertando no indivíduo o real sentido da vida interior e subjetiva contido na alma (EDINGER, 1972, p. 157). Nessa direção, seu efeito é intrínseco ao indivíduo e pode ser mensurado por meio de suas ações e atitudes, expressas e externalizadas através de suas tarefas diárias, assim como foi a experiência de M. Madalena. No entanto, é válido ressaltar que dado o grande número de patologias que têm surgido, ocasionando a “perda da alma” humana, cabe ao profissional, no contexto clínico, analisar se o indivíduo é um receptáculo em desenvolvimento para a manifestação dessa energia psíquica, diante da grande fragilidade em que se encontra a maioria dos Egos, sendo esta a estrutura psíquica primária e necessária para realizar este trabalho e árduo percurso de integração dos conteúdos psíquicos no mundo interno.

Pode-se ampliar tal compreensão ao estabelecer-se um paralelo com os pacientes psiquiátricos atendidos no engenho de dentro por Nise da Silveira, que sozinhos não conseguiam adquirir a compreensão e o conhecimento para percorrer esse caminho de assimilação dos fenômenos que lhes ocorria; foi apenas com o auxílio de um mediador, que funciona como um catalisador, neste espaço seguro, que

os sintomas encontraram oportunidade para se exprimirem livremente, permitindo que o tumulto emocional encontrasse forma e se despotencializasse. Do contrário, os fatores dinâmicos atuavam de forma autônoma, fazendo com que o indivíduo mergulhasse no campo inconsciente, isto é, no campo arcaico de pensamentos, emoções e impulsos, ficando fora do alcance das elaborações da razão e da palavra (SILVEIRA, 1992, p.16).

A aplicação de um método clínico que proporciona a expressividade do lado criativo, com a técnica de pinturas, contribui, segundo a psicologia analítica, com o desvelamento daquilo que subjaz, ou seja, o profissional, junto ao paciente, realizará a busca pelo fator eficaz, entregando-se ao processo criativo que lhe falta na vida adulta. Este processo de abandono consciente ao impulso do inconsciente foi, durante longos anos, empregado por Jung, sobre o qual ele mesmo revela:

[...] só me abandonei a tais brincadeiras depois de repulsões infinitas, com um sentimento de extrema resignação e experimentando a dolorosa humilhação de não poder fazer outra coisa senão brincar [...] eu pintava ou esculpia uma pedra (JUNG, MSR, 2016, p.180).

No contexto clínico este método é de grande importância para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo na atualidade, do contrário ele permanece inconsciente da dimensão anímica e religiosa da sua psique, e poderão ocorrer reativações de súbito violentas, nas qual as imagens arquetípicas irrompem do inconsciente e inundam o consciente e o indivíduo passa a experimentar as vicissitudes da vida como sintomas e patologias e não consegue transpor esse conteúdo para o campo psíquico da consciência, é o que acontece em graus variáveis na psicose enfatizada por Jung e Nise da Silveira.

A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem. [...] partindo-se desse conceito Jung sugeria que seus pacientes pintassem [...] o que importa é o indivíduo dar forma, mesmo que rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos. Somente sob a forma de imagens a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretações racionais (SILVEIRA, 1992, p. 85-86). Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior. Se tivesse permanecido no plano da emoção, possivelmente eu teria sido dilacerado pelo conteúdo do inconsciente. Ou talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo

modo. Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por detrás das emoções [afetos] (JUNG, MSR, 2016, p. 183).

A imagem que se revela ao indivíduo representa a realidade psíquica na qual a pessoa se encontra neste momento da vida e elas não podem ser explicadas ou contestadas sob o ponto de vista físico, isso também é válido para tudo aquilo que se refere ao simbolismo religioso e, neste caso, o fenômeno da “Aparição a M. Madalena” também resulta em uma imagem psíquica que pertence à categoria das realidades anímicas e psíquicas (EDINGER, 1972, p. 161).

Este fenômeno da manifestação do *Self* foi observado e estudado por Nise da Silveira em sua prática clínica com os pacientes internados por meio das oficinas terapêuticas, com a técnica da pintura como forma de expressarem suas emoções – como efeito eles demonstravam maior tranquilidade nos corredores, ou seja, Nise da Silveira compreendeu a necessidade de destacá-las (encontrar a imagem por detrás das emoções) tanto quanto possível do roldão invasor. “Pintar seria agir. Seria um método de ação adequado para defender-se contra a inundação dos conteúdos do inconsciente” (SILVEIRA, 2017, p. 16).

Em relação ao excerto joanino, assim como os enunciados religiosos, estes fazem referência a objetos que são impossíveis de se constatar do ponto de vista físico e racional, pois há algo que transcende a consciência e até mesmo no qual não tem nenhum sentido. O fato dos fenômenos religiosos se mostrarem, muitas vezes, em flagrante conflito com os fenômenos físicos observados prova que, em contraste com a percepção física, a energia psíquica (o simbólico) é autônoma e a experiência psíquica depende, até certo ponto, dos dados de natureza física. Isto clarifica ao leitor porque neste estudo não nos são relevantes os dados históricos principalmente sobre Jesus Cristo e sobre M. Madalena, pois ambos são utilizados, neste estudo, como aspectos constituintes da realidade psíquica do indivíduo na cultura do Ocidente e enquanto realidade psíquica o objetivo básico para o contexto clínico da psicologia é tornar esse processo consciente, fortalecendo o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e tornando seu efeito válido e legítimo, a fim de contribuir e modificar o estado psíquico e as atitudes do indivíduo (EDINGER, 1972, p.161).

Em outros termos, à medida em que parte da energia, ao ser catalisada, processada e assimilada pelo paciente em sofrimento, for transformada pela consciência, a cada nova sessão novas imagens podem ser descobertas, com o

auxílio do profissional conduzindo o paciente pelo mundo interior; assim, juntos irão percorrer este caminho *como se fosse* de mão dadas. Ressalta-se que é de suma importância o auxílio de um profissional para conduzir o paciente em virtude de um alto risco de o Ego ser sucumbido, vindo a ser engolido pelo campo psíquico inconsciente, dada a autonomia ao seu lado escuro e sombrio do *Self* sobre a psique individual, precisamente,

[...] porque ele é a maior força da psique, pode levar as pessoas a 'tecer' fantasias megalomânicas ou outras ilusões capazes de envolvê-las e 'possuí-las'. Uma pessoa que se encontre nesse estado poderá pensar em crescente excitação por ter aprendido e resolvido, por exemplo, os grandes enigmas cósmicos; e perde, portanto, todo o contato com a realidade humana. Um sintoma característico desse estado é a perda do senso de humor e dos contatos humanos (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 287).

É válido ressaltar que na atualidade muitos são os indivíduos que buscam, sem o devido cuidado ético e moral, a qualquer custo e preço, vivenciar uma experiência *numinosa* e, no entanto, o mais importante primeiramente é buscar compreender o que realmente isto significa e quais as consequências que a estrutura da sua alma pode desencadear mediante o uso de substâncias psicoativas de forma deliberada. Nesta dissertação, apresenta-se um exemplo de manifestação do *Self* na psique individual, considerando-se sua espontaneidade e autonomia, sem que o indivíduo fizesse uso de substâncias psicoativas para “provocar” este fenômeno, haja vista que o Ego apenas realiza o trabalho na medida em que o *Self* lhe possibilita as ferramentas e recursos para tal feito.

Retomando-se a releitura dos fatos de curiosidade, especulação e fantasia que permeavam a figura de M. Madalena para descobrir mais sobre ela, a autora Tommaso (2020) descreve que a cidade de Magdala foi onde ela viveu sua infância e juventude; aparece na literatura rabínica com diferentes nomes: Magdala (fortaleza), Migdal Sebayah (torre dos tintureiros) e Migdal Nunayah (torre do peixe).

O nome Madalena, segundo uma etimologia sugerida por Jerônimo e retomada por Raban Maur, [...] deriva do lugar de origem, a cidade próspera de Magdala, próxima ao lago de Tiberiades. Migdal, em hebraico; Magdala, em aramaico, significa a torre, de onde deriva *turris* ou *turrita*, e, em referência a Madalena, um símbolo de fé e de ortodoxia. Do alto da sua torre, Madalena vê longe. É essa acuidade de visão que, já se constatou, lhe serviu para escutar o sepulcro vazio,

‘olhos para ver’ o que os outros, homens e mulheres confusos, [ignorantes ou inconscientes] não viam (TOMMASO, 2020, p. 23-24).

Com base nesta passagem de Tommaso, pode-se estabelecer um paralelo para o significado da expressão “abrir os olhos”. Ora, a “cegueira” pode ser compreendida segundo o viés da psicologia analítica ao estado inconsciente inicial do homem. Este é o pecado do qual se deve fazer penitência (a inconsciência, a ignorância) (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 299, p. 228). O termo ignorante de conhecimento ou estado de inconsciência faz referência ao estado psíquico no qual o indivíduo nasce e cresce; ao longo da vida, ele é chamado a adquirir conhecimento, saindo do paraíso ao tomar conhecimento do bem e do mal; e a cada dia realizar essa jornada de busca pelo conhecimento e pela verdade, caminhando em direção à sapiência.

Em outro sentido, o verdadeiro e real significado dessa expressão transcende o entendimento humano e racional, ou seja, para reconhecer o Cristo ressuscitado é necessário muito trabalho interno, acessando esse canal de conhecimento transcendente, que pode ser nomeado pelo campo teológico como fé e no campo analítico e filosófico como uma mudança de atitude consciente. E somente quando (o indivíduo) ouvir o chamado num diálogo pessoal (de si, para si mesmo), desvelando suas emoções em imagens, assim como se deu com M. Madalena, é que ele será capaz de “abrir os olhos” e reconhecer, o *Self* (TOMMASO, 2020, p. 48).

M. Madalena não o abandonou na hora da crucificação e foi a primeira testemunha da ressurreição. Ela é a testemunha da ressurreição de Jesus Cristo e por Ele incumbida de levar aos outros a Boa Nova. E, na atualidade, qual a missão que o profissional de psicologia, ao realizar esse árduo trabalho interno consigo mesmo, é incumbido de levar ao próximo? Assim como M. Madalena, que não abandonou o Cristo crucificado, também o profissional precisa ficar junto ao paciente, como se fosse “de mãos dadas”, para que este possa cruzar os limites da linguagem narrada. Nise da Silveira reflete que a ciência (a psicologia) insiste na palavra. Porém a palavra não atinge as camadas mais profundas da psique. Para a autora, a significação desse conteúdo do inconsciente não vem da palavra; vem com a imagem, é preciso ler a imagem mítica do inconsciente.

Em contrapartida, a personagem de M. Madalena também poderia ser tomada pelo estudo da psicologia analítica e pelo homem do Ocidente como um exemplo do Ego a caminho da individuação, que já realizou um árduo trabalho de purificação, ou

seja, de purgação, e contém em si os atributos psíquicos necessários, assimilados e desenvolvidos plenamente, para receber a manifestação, iluminação ou esclarecimento provindo do *Self*, o Cristo. Não é o objetivo desta dissertação analisar e detalhar esmiuçadamente todo o processo de ampliação de consciência que a personagem desenvolveu ao longo de sua vida, mas é válido ressaltar que para atingir este estágio de manifestação do *Self* sua personalidade já havia vivenciado intensas mudanças psíquicas.

Para que o indivíduo alcance o estágio de manifestação do *Self* significa que ao longo da vida surgirá na sua consciência, inevitavelmente, conteúdo do inconsciente pessoal e coletivo, para que seja ampliado o âmbito de sua personalidade, mesmo que tais conteúdos, em geral, sejam desagradáveis ao indivíduo, entre eles destacam-se: desejos e prazeres, impulsos e instintos, lembranças e sentimentos, tendências, vícios e planos, que foram reprimidos ou que se encontram em estado inconsciente. É especialmente por meio dos sonhos e visões que tais conteúdos emergem na consciência, trazendo os pontos essenciais, um a um. Todo este material acrescentado à consciência determinará a ampliação do horizonte e aprofundará o nível de autoconhecimento, mas principalmente *humanizará* o indivíduo, moldando-o, tornando-o modesto, virtuoso e humilde (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 218, p. 25).

Quando o indivíduo é transformado pela experiência *numinosa* observa-se uma mudança de atitude, ou seja, o efeito do *numinoso*, além de gerar a ampliação de sua consciência, provoca uma consciência moral, ética e de respeito e zelo para consigo e com o próximo. A partir da presente investigação pode-se inferir, no estudo metafórico do excerto joanino, que M. Madalena tem sua consciência transformada pela experiência *numinosa*, culminando no cuidado e amor a seus semelhantes, *como se fosse mãe deles*.

Portanto, o primeiro tópico consiste em apresentar ao leitor, no excerto joanino, um exemplo metafórico da manifestação do *Self* experimentado pela personagem de M. Madalena. O fato, por si só, prefigura e antecipa as características do arquétipo central que é o Cristo, como descrito no capítulo dois da presente dissertação; ressalta-se que na perspectiva da psicologia analítica este fenômeno psíquico pode vir a ocorrer na modernidade, como uma atualização, visto que a ideia arcaica de Deus, ou seja, os fatores dinâmicos e a ideia psicologicamente verdadeira estão

contidos e prefigurados no campo inconsciente de todo indivíduo, que compõem a cultura do Ocidente.

Já o segundo momento da análise consiste em reforçar ao leitor que para alcançar essa etapa da iluminação, o encontro com o *Self*, é necessário que o mesmo esteja em busca de um Ego estruturado, que busque realizar a meta do desenvolvimento psíquico, alcançando as virtudes da alma, que o levam rumo ao centro, e por esta razão o indivíduo se encontra à serviço do centro (*Self*). O Ego é quem realiza as tarefas para poder, assim, receber e assimilar tal fenômeno psíquico, que tem por objetivo tornar real e autêntica a presença do *numinoso*²⁷, manifestando sua transcendência. Dessa maneira,

[...] surge no inconsciente de uma pessoa civilizada [moderna] uma imagem divina autêntica e primitiva, produzindo um efeito vivo, [...]. Nessa imagem nada há que possa ser considerado 'pessoal'; *trata-se de uma imagem totalmente coletiva*, cuja existência étnica há muito é conhecida. Trata-se de uma imagem histórica que se propagou universalmente e irrompe de novo na existência através de uma função psíquica natural. [...]. É o caso de um *arquétipo* reativado, nome com que designei estas imagens primordiais. Mediante a forma primitiva e analógica do pensamento peculiar aos sonhos, essas imagens arcaicas são restituídas à vida. Não se trata de ideias inatas, mas de caminhos virtuais herdados (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 219, p. 25-26).

Essa imagem histórica e arquetípica do mito cristão é restituída à vida psíquica consciente e faz referência à manifestação do *Self*. Na imagem de Cristo a manifestação do *Self* se revela ao indivíduo assim como se deu com M. Madalena, que se permitiu “ser penetrada e transformada por uma entidade masculina de poder criador” (EDINGER, 1972, p. 116).

Esse fato marca o início de uma nova atitude de consciência e de vida ao personagem, o que ainda pode, até os dias atuais, se revelar ao homem moderno, por meio da principal via de manifestação: os sonhos oníricos.

²⁷ *Numinoso*. Conceito de Rudolf Otto (“o Sagrado”), que designa o inexprimível, misterioso, tremendo, o “totalmente outro”, propriedades que possibilitam a experiência imediata do divino (JUNG, MSR, 2016, p. 407).

3.2 A principal via de manifestação: os sonhos

Quanto aos sonhos, é essencial refletir sobre como contribuem para o desenvolvimento da psique individual na atualidade, pois, ao buscar compreender este fenômeno psíquico, é preciso esclarecer seus aspectos constituintes e atuantes que se revelam por meio da principal via de manifestação do inconsciente, com suas visões e revelações.

O sonho é uma criação psíquica que, em contraste com os conteúdos habituais da consciência, situa-se, ao que parece, pela sua forma e seu significado, à margem da continuidade do desenvolvimento dos conteúdos conscientes. Em geral, não parece que o sonho seja uma parte integrante da vida consciente da alma, mas um fato mais de natureza exterior e aparentemente casual. A razão para a posição excepcional do sonho está na sua maneira especial de se originar: o sonho não é o resultado, como os outros conteúdos da consciência, de uma continuidade claramente discernível, lógica e emocional da experiência, mas o resíduo de uma atividade que se exerce durante o sono (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 443, p. 186).

Ainda em seus escritos, Jung pondera que os sonhos objetivam comunicar algo ao indivíduo, por meio da linguagem figurada, “isto é, por meio de representações sensoriais e imaginosas – pensamentos, julgamentos, concepções, diretrizes, tendências, etc., que se achavam em estado de inconsciência, por terem sido recalçados ou simplesmente ignorados” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 477, p.198). Para ele, “[...] o pensamento onírico é uma forma filogenética anterior do nosso pensamento” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 474, p. 197).

Destarte, só podemos empreender uma interpretação com a colaboração do sonhador, porque este ajudará a limitar a diversidade das significações verbais ao seu conteúdo essencial e convincente. Por isso, qualquer pessoa que não esteja presente na cena, assim como na Aparição a M. Madalena, pode duvidar de que a mesma representa um momento culminante e de revelação na sua vida. No entanto, a personagem não duvida, nem o seu psicólogo, por isso, a interpretação do sonho é, antes de tudo, uma experiência que só tem um significado imediato e evidente para essas duas pessoas (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 539, p. 224).

É válido, ainda, ressaltar:

Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intervenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é, portanto, um produto natural e altamente objetivo da psique, do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. Este último, como qualquer outro processo vital, não consiste numa simples sequência causal, sendo também um processo de orientação teleológica. Assim, podemos esperar que os sonhos nos forneçam certos indícios sobre a causalidade objetiva e sobre as tendências objetivas, pois são verdadeiros autorretratos do processo psíquico em curso (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 210, p. 19).

Nesse trecho observa-se a correlação que Jung faz entre os termos, ou seja, no campo filosófico e psicológico trata-se do desenvolvimento da personalidade, validada por meio da mudança de atitude consciente, enquanto no campo teleológico este mesmo desenvolvimento é observável pelo fenômeno da Fé.

Ao longo de sua teoria, Jung analisa o conteúdo manifesto à consciência, buscando o sentido, a função e o simbolismo oculto presente em imagens oníricas. Entre outros aspectos, Jung realiza a classificação dos sonhos (que não serão aqui apresentados). Mas foi com base nos seus estudos e na sua experiência que Jung concluiu que existem sonhos típicos, de modo que os motivos típicos nos sonhos são de fundamental importância, porque eles permitem comparações com os motivos mitológicos, por exemplo, o mito cristão.

Ao examinar uma grande quantidade de sonhos, Jung indica encontrar uma particularidade que os distinguiu dos demais sonhos.

Eles apresentam, com efeito, uma conformação simbólica que encontro também na história do espírito humano. [...] Esta particularidade está presente também nos sonhos do processo de individuação, estes sonhos contêm os chamados motivos mitológicos ou mitologemas, que denominei arquétipos. Este termo designa formas específicas e grupos de imagens que se encontram, sob formas coincidentes, não só em todas as épocas e em todas as latitudes, mas também nos sonhos individuais, nas fantasias, nas visões e nas ideias delirantes. Tanto sua aparição frequente nos casos individuais como sua ubiquidade étnica provam que a alma humana é singular, subjetiva e pessoal apenas por um lado, mas coletiva e objetiva quanto ao mais (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 554, p.246).

Toda a contextualização estabelecida por Jung em torno da psique sinaliza e estabelece, por um lado, o funcionamento do inconsciente pessoal e, por outro lado, o inconsciente coletivo. Sendo este último o mais profundo, é dele que provém os

sonhos mais importantes, os chamados grandes sonhos, os mais significativos, pois, além da impressão subjetiva que eles causam no indivíduo, sua importância se revela já na conformação plástica, rica de força poética e de beleza (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 554 p. 230).

Desse modo, se o sonho permite tal comparação com os motivos mitológicos, a presente dissertação pode assim retomar e responder ao questionamento apresentado no início desta dissertação ao leitor. “*Em que mito vive o homem moderno? Vive o mito Cristão?*”. Tal pergunta foi amplamente pesquisada e elaborada por Jung em seus escritos e ao longo de sua vida e continua presente na atualidade em sua forma inconsciente, no entanto busca constantemente tornar-se consciente à medida que o indivíduo desperta seu campo de sentidos e desenvolve em si as virtudes da sua alma, voltando-se para a vida interior de sua psique e cooperando com a função anímica e religiosa que preexiste em sua alma e objetiva alcançar o *Self*.

Destarte, enquanto motivo mitológico que é, o mesmo possui grande poder de *vir-a-ser* vivenciado e experienciado psiquicamente pelo homem do Ocidente, indiferente ao nível psíquico em que o indivíduo se encontra – consciente ou inconsciente. Logo, se Cristo corresponde à manifestação do *Self* como Jung propõe, por carregar todos os atributos necessários, assim também é o indivíduo, sendo este o recipiente necessário, o vaso ideal, semelhante para que a imagem e seu conteúdo arquetípico possam vir a manifestar-se e desenvolver as potencialidades da natureza humana, transformando-o em um indivíduo psicológico; uma unidade indivisível; um todo, único e verdadeiro que alcançou em si sua essência (JUNG, 2014, OC. 9/1, § 490, p. 274).

Visto que os sonhos significam uma parcela da atividade psíquica involuntária, e que possui autonomia suficiente para se reproduzir no estado de vigília, eles são os tipos de manifestações psíquicas que mais oferecem dados e material irracional (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 532, p. 236). Vale ressaltar que o “sonho constitui uma expressão extremamente frequente e normal da psique inconsciente; é ele que nos fornece a maior parte do material empírico para a exploração do inconsciente” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 544, p. 242).

No que diz respeito a uma classificação e tipologia para este tipo de sonho, Jung assinala que: “[...] nós os chamamos de sonhos ‘significativos’. [...] eles ficam gravados muitas vezes na memória por toda a vida e constituem, não raramente, a

joia mais preciosa do tesouro das experiências psíquicas vividas” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 554, p. 246).

Em virtude dos estudos examinados em conjunto na análise dos sonhos, Jung reflete que: “Tais sonhos ocorrem em momentos cruciais da vida, por exemplo, na primeira infância, na puberdade e no meio da vida, e *in conspectu mortis* [na iminência da morte]” (JUNG, 2013, OC.8/2, § 555, p. 246).

Portanto, para melhor exemplificar a magnitude de um sonho significativo, ou um grande sonho, ampliaremos o excerto joanino, que apresenta em si as características de uma experiência *numinosa* e viabiliza, em linhas gerais, uma possível compreensão da finalidade do fenômeno psíquico na vida psíquica do indivíduo na cultura do Ocidente.

3.3 O fenômeno Psíquico: Um exemplo de experiência *numinosa*

Nesta pesquisa a passagem do Evangelho de São João é empregada metaforicamente como um exemplo de uma experiência *numinosa* carregada de valor simbólico e afetivo. E quando se trata de explicar um fenômeno psicológico, é preciso que o mesmo seja abordado sob um duplo aspecto, ou seja, “do ponto de vista da causalidade e do ponto de vista da finalidade” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 456, p. 190). O fato psicológico encontra-se descrito no excerto joanino, capítulo 20, versículos de 1–18 e anuncia:

Cristo aparece a Maria Madalena
E Maria Madalena estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro. E viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazia o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. E disseram-lhe, eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. E, tendo dito isso, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia [ainda] que era Jesus (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20, 11-13, p. 1411).

Para uma possível compreensão do sentido psicológico dessa passagem, examinaremos este material do ponto de vista causal, ou seja, em outras palavras, interpretaremos este fato psicológico estabelecendo algumas considerações. Em princípio, todos os indivíduos que compõem a cultura do Ocidente compartilham do patrimônio geral do inconsciente coletivo, como exposto na dissertação por meio do

estado psíquico de *participation mystique*. Sendo assim, a manifestação dos conteúdos arquetípicos se dá inicialmente de modo inconsciente; e apenas na medida em que o indivíduo se dedica e desenvolver as virtudes da sua alma é que eles se tornarão conscientes e com poder de transformação no nível psíquico consciente – primeiramente no nível individual e posteriormente no nível coletivo (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 229, p. 33).

A partir desse exemplo pode-se compreender que o objetivo do fenômeno psíquico consiste em contribuir com o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, transformando os aspectos inconscientes em conscientes. Em contexto clínico, como já salientado pela teoria junguiana, somente após realizar o trabalho consigo mesmo é que o profissional se encontra habilitado e capacitado para auxiliar seus pacientes que buscam pelo autoconhecimento, desenvolvimento da personalidade e educação da sua psique (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 229, p. 33).

Entretanto, é observável que existem particularidades que são apresentadas na passagem do Evangelho que permitem ao leitor investigar por que a manifestação do *Self* não ocorreu com todos os indivíduos que estavam junto de M. Madalena, ou seja, este fato também pode ser analisado de forma análoga ao que ocorre na atualidade com a humanidade na cultura do Ocidente.

Destaca-se que os respectivos questionamentos podem ser aplicados a qualquer atividade psíquica, ou seja, em qualquer circunstância é possível perguntar-se “por que e para quê?”, pois “toda estrutura orgânica é constituída de um complexo sistema de funções com finalidade bem definida e cada uma delas pode decompor-se numa série de fatos individuais, orientados para uma finalidade precisa” (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 462, p. 192). Neste excerto, por exemplo é possível inferir que do ponto de vista da finalidade ele é capaz de contribuir para a educação prática da personalidade. Nesse caminho, na condição de profissionais, se queremos tratar e educar nossos pacientes para a autonomia e para uma vida plena, devemos levar em conta todos os aspectos que o material onírico oferece, viabilizando a assimilação de todas as funções psíquicas (sensação, sentimento, pensamento, intuição) que bem pouco ou mesmo nenhum desenvolvimento consciente alcançaram (JUNG, 2013, OC. 8/2, § 472, p. 196).

Assim, mediante o sonho o leitor pode fazer o seguinte questionamento: “*Por que isso ocorreu comigo? Para que eu estou passando por isso?*”. O contrário disso também seria válido, ao indivíduo se questionar: “*Por que isso não ocorre comigo, ou*

com todos os indivíduos na atualidade?”. Este segundo viés de questionamento se dá, segundo a psicologia analítica, devido ao estágio de desenvolvimento psíquico em que se encontra o indivíduo, visto que muitos indivíduos ainda se encontram nos estágios iniciais de inflação e alienação do Ego, e neste momento do processo são incapazes psiquicamente de compreender e assimilar o fenômeno, o que significa dizer que o nível de desenvolvimento de sua personalidade se encontra em um estágio considerado “não ideal” para assimilar a manifestação do *Self*, necessitando ainda “submeter-se a novas transformações para que o desenvolvimento se realize” (EDINGER, 1972, p. 143).

Para percorrer este caminho exige-se o auxílio de um mediador a fim de realizar as tarefas de educar a si mesmo, conduzindo o indivíduo a um amadurecimento e ao possível encontro com o *Self*, alcançando, assim, a união entre os eixos Ego e *Self*, ou seja, a manifestação do fenômeno psíquico em sua magnitude, completude e totalidade, como aquele que se deu a M. Madalena.

Edinger (1972) propõe, de forma semelhante, que o indivíduo faça a seguinte reflexão, partindo de uma questão universal: “*Por que isso deve acontecer comigo?*”. Se o indivíduo estiver questionando-se contra a realidade externa de sua vida, é porque pode existir psiquicamente um resíduo de inflação também denominado de *hybris* racionalista, que pode se manifestar ao longo da vida por meio das diversas formas, entre elas: “Se pelo menos minha infância tivesse sido melhor. Se pelo menos eu fosse casado(a). Se pelo menos eu não fosse casado (a). Se pelo menos eu tivesse um marido [ou uma esposa melhor], etc., etc.” (EDINGER, 1972, p. 141). Todos os tipos de conjecturas que o indivíduo fizer com esse “*se pelo menos*” são meios pelos quais ele estará se desculpendo por não buscar compreender, questionar ou discutir os símbolos anímicos e religiosos, desvelando seu significado e o sentido; isso significa que sua relação com a realidade psíquica é improdutiva e isto o enquadra no primeiro (I) grupo de indivíduos que vivem o mito cristão na sua forma inconsciente apenas.

O ideal, isto é, o que se espera ao longo da vida adulta, é que o indivíduo faça parte do (II) segundo grupo, contribuindo para desvelar os aspectos inconscientes do mito em fatores conscientes na sua psique. Isso proporciona uma mudança de atitude consciente, sendo um indivíduo questionador que se posiciona em busca de uma maior compreensão dos fenômenos psíquicos e dos efeitos das representações na sua psique. Vale dizer que viver este momento de inquietudes e reflexão significa viver

o mito na sua forma consciente, apresentando os seguintes questionamentos: “Para que eu deveria passar por esta situação? Qual o propósito de Deus ao permitir isso em minha vida?” (EDINGER, 1972, p. 141). Deste modo, o indivíduo observará que é possível emergir dele, e para ele, uma resposta, como aquela que foi dada a M. Madalena, de que isto aconteceu para que assim ela pudesse ver a vontade e o agir de Deus em sua vida (EDINGER, 1972, p. 142).

Elencamos, adiante, os principais pontos que, talvez, distanciam os indivíduos dos fenômenos psíquicos na cultura do Ocidente, entre eles: a perda de contato com a natureza, a falta de disciplina e organização e principalmente os atos de pensar, de refletir e de buscar a sua verdadeira essência, o que ocasiona um distanciamento dos processos naturais da vida (nascimento, crescimento, desenvolvimento e morte) e, conseqüentemente, isso gera uma dissociação e um desenraizamento psíquico entre os mundos externo e interno, ocasionando a perda da alma. Nesse processo houve uma certa aceleração decorrente do mal uso das ciências tecnológicas, desencadeando novas patologias e sintomas que bloqueiam o lado criativo da humanidade em crianças, adolescentes e adultos.

Retomando-se o fenômeno a partir da experiência *numinosa* de M. Madalena, desconhecemos se há registros quanto a uma possível fala de M. Madalena, mas em seus escritos Jung descreve que tal fato psíquico pode ser retratado pelo indivíduo como uma experiência impressionante. E com base nas obras coligidas, Jung apresenta uma série de sonhos (com o símbolo da quaternidade) de diferentes pacientes e, na sua grande maioria, a presença de círculos e quadrados com movimento e rotação circular “culminaram numa imagem que se apresenta como uma impressão visual repentina” (JUNG, 2012, OC. 11/1, § 109, p. 85), descrita pelos pacientes como se estivessem diante de uma experiência sumamente impressionante, que lhes causou “uma impressão da mais sublime harmonia” (JUNG, 2012, OC. 11/1, § 110, p. 85).

De modo semelhante, Edinger relata, em sua obra, que tal fenômeno psíquico é experimentado pelo indivíduo como algo “miraculoso, isto é, como algo que transcende as categorias da compreensão consciente” (1972, p. 144); este fenômeno pode ser designado pelo homem moderno pelo nome Fé, se tratado no campo teológico, enquanto no campo filosófico e analítico este fenômeno deve ser compreendido como uma mudança de atitude validada mediante o desenvolvimento da personalidade, a qual é possível de ser observada por meio das atitudes, éticas e

morais, de zelo e de respeito que o indivíduo tem consigo e com seu semelhante, ou seja, ele passa a cuidar dos outros “*como se fosse*” uma mãe que cuida de um filho recém-nascido, pois o outro necessita de cuidados.

Como citado, a manifestação do *Self* pode se fazer presente por meio dos grandes sonhos, os chamados sonhos proféticos, que se constituem em um momento decisivo do desenvolvimento psicológico do indivíduo, como quando estão em uma ocasião de dor extrema, ou na iminência da morte, como no caso de M. Madalena, ou em momentos de profundo desespero, ou de lutas intensas e a paz os invade. Tais sonhos têm a finalidade de agrupar e dar sentido aos símbolos que antes estavam fragmentados e presentes em sonhos anteriores, e que eram “caracterizados por círculo, esfera, quadrado, rotação, relógio, estrela, cruz, quaternidade, tempo, etc.” (JUNG, 2012, OC. 11/1, §112, p. 86).

Na modernidade, este fenômeno psíquico tem por finalidade promover a experiência com o centro transcendental unindo os opostos, a consciência e o inconsciente, o Humano e o Divino. Em sua obra, Jung propõe que o relato dos pacientes, ao descreverem essa experiência, assim se resume:

Elas [o indivíduo] voltaram a si mesmas; puderam aceitar-se; foram capazes de reconciliar-se consigo mesmas e assim se reconciliaram também com situações e acontecimentos adversos. Trata-se, quase sempre, do mesmo fato que outrora se expressava nestas palavras: ‘Fez as pazes com Deus, sacrificou a própria vontade, submetendo-se à vontade divina’ (JUNG, 2012, OC. 11/1, §138, p. 103).

Vale ressaltar que segundo a compreensão da psicologia analítica a principal característica da manifestação do *Self* apresentada por esta passagem do Evangelho é que: o *Self* se revela ao indivíduo quando, onde e da forma que ele assim desejar, pois este fenômeno psíquico traz em si esta característica, “seu efeito se apodera e domina o sujeito humano, [somos] mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja sua causa, o *numinoso* constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade” (JUNG, 2012, OC. 11/1, § 6, p. 19).

Consoante a psicologia analítica, a finalidade desse fenômeno consiste em gerar uma consciência transformada pela experiência *numinosa*, de modo construtivo, conseqüentemente leva o indivíduo a responder a este fenômeno psíquico com uma atitude religiosa, assim como aquela que ocorreu com M. Madalena ao experienciar o *numinoso* pelos órgãos dos sentidos internos [ver e ouvir] ela sai correndo para

anunciar a Boa Nova, ou seja, coloca-se de modo construtivo a serviço do *Self* (JUNG, 2012, OC. 11/1, § 9, p. 21).

Na linguagem da psicologia analítica essa experiência do Ego corresponde à linguagem teológica, na qual o indivíduo experimenta a “graça divina”. A partir do processo de reflexão o indivíduo alcança as respostas para suas indagações filosóficas e, ao mesmo tempo, faz com que ele perceba o sentido e o significado, o “*para que e o porquê*” do agir e a vontade de Deus sobre os acontecimentos de sua vida. E Deus lhes concede o dom de reconhecê-lo como o grande centro de sua alma, o arquétipo central – o *Self*. Compreende-se, então, que este fenômeno psíquico é expresso através do campo dos sentidos internos e por este mesmo campo será dado ao indivíduo o conhecimento de ver, ouvir, sentir e falar sobre a Boa Nova – revelada pelo *Self* na imagem de Cristo, que lhe chama pelo nome, assim como descrito no excerto joanino:

Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem procuras? Supondo, ela, que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: ‘Senhor, se tu o tiraste, diz-me onde o puseste, e eu o irei buscar.’ Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe em hebraico: *Raboni* (que quer dizer Mestre) (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20, 14-16, p.1411).

Esta passagem é rica em elementos e transborda de uma simbologia, especialmente se observarmos qual é a palavra de ordem e de destaque para a psique da cultura do Ocidente: o ato de ser chamado pelo nome. É importante salientar que este estágio, denominado iluminação, significa que o indivíduo já é capaz de reconhecer a voz de quem chama, e para que ele é chamado (qual sua missão), porquanto a voz surge do centro transcendente de sua alma, ela é inconfundível, este fato “não é uma verdade física concreta, mas uma realidade psíquica [verdadeira], pois foi e continua sendo a ponte para as maiores conquistas da humanidade” (JUNG, 2013, OC. 5, § 343, p. 276), que necessariamente inclui o ato de Ser Humano, ou seja, humanizar a cada um de nós, tornando-nos seres únicos, cada um com suas características particulares.

Ao ocupar-se em estudar este fenômeno psíquico, a psicologia analítica defende que este caso também pode ter o mero aspecto de aparições (aparição à humanidade), no entanto tal fenômeno sempre que aparece encontra-se associado ao sentimento de presença do *numinoso*. Por exemplo, um sonho arquetípico pode fascinar o indivíduo a tal ponto que ele se sente inclinado a tomá-lo como uma

iluminação, uma advertência ou uma ajuda sobrenatural (JUNG, 2012, OC. 11/2, § 222, p. 55).

Isso se explica porque:

A santidade é reveladora; é a força iluminante que dimana da forma arquetípica. O homem nunca se sente como sujeito, mas sempre como objeto de tal acontecimento. Não é ele quem percebe a santidade; é esta que se apodera dele e o domina; não é ele quem percebe sua revelação; é esta que se comunica a ele, sem que ele possa vangloriar-se de a ter compreendido adequadamente. Tudo parece realizar-se à margem da vontade do homem; trata-se de conteúdo do inconsciente, e mais do que isto a Ciência não pode constatar, pois em relação a uma fé ela não pode ultrapassar os limites correspondentes à sua natureza (JUNG, 2012, OC. 11/2, § 225, p. 57).

O fenômeno psíquico da manifestação do *Self* na psique da personagem de M. Madalena é fruto do trabalho realizado pelo indivíduo em assimilar os conteúdos psíquicos do campo inconsciente a sua consciência individual, culminando no “[...] significado íntimo de que tal visão nada mais seria que *a união da alma com Deus*” (JUNG, 2012, OC. 11/1, §124, p. 93). Torna-se o indivíduo um ser verdadeiro, que alcança o *vir-a-ser*, de um indivíduo indivisível, e sob a luz psicológica essas representações pertencem à categoria da revelação, isto significa que “a *revelatio* é, em primeira instância, uma descoberta das profundezas da alma humana”, enquanto “a ‘manifestação’ em primeiro lugar de um *modus* psicológico que como se sabe [...] nada nos diz acerca do que ela poderia ser”. Para concluir, a Trindade não é somente revelação de Deus, mas, ao mesmo tempo, revelação do homem (JUNG, 2012, OC. 11/1, § 127, p. 94-95).

Até alcançar o presente estágio de desenvolvimento a estrutura psíquica do indivíduo necessitou realizar um árduo percurso, retirando as projeções e assimilando os conteúdos à sua psique; esta é uma das tarefas que o indivíduo deve empreender neste caminho de desenvolvimento interior, gerando assimilação: da sombra, da persona, do animus (na mulher) ou do anima [no homem] até obter por meio de uma atitude consciente (linguagem analítica) ou pela graça divina (linguagem teológica) uma experiência introspectiva e direta com o *Self*. E o modo como compreende-se e vive-se a vida, ajustando-se às normas sociais, tem relação direta com a evolução e integração dos conteúdos pessoais e coletivos à consciência e assim como é fora (mundo externo) é dentro (mundo interno), um é o reflexo do outro.

[...] possuímos certas ideias sobre como deveria viver um homem civilizado, culto e moral, e de vez em quando fazemos tudo o que está ao nosso alcance para satisfazer essas expectativas ambiciosas. Mas como a natureza não favorece todos os seus filhos com bens idênticos, há alguns seres mais e outros menos dotados. Assim, existem pessoas capazes de viver 'corretamente' e de maneira respeitável, ou, em outras palavras, pessoas nas quais não se encontra o mínimo de deslize. Quando cometem alguma falta, ou se trata de pecados menores, ou não têm consciência dos mesmos (JUNG, 2012, OC. 11/1, § 130, p. 96).

Para viver em sociedade o homem ditou muitas leis e normas, mas “não se pode negar que o homem como um todo é menos bom do que ele se imagina ou gostaria de ser. Todo indivíduo é acompanhado de uma sombra [...]” (JUNG, 2012, OC. 11/1, § 131, p. 97). Ao buscar tornar consciente estes aspectos sombrios o indivíduo abre em si a possibilidade para transformá-los e integrá-los em sua psique, por exemplo, se analisarmos o aspecto primitivo e instintivo da fome, que em demasia é considerado como um pecado de gula, ao buscar transformar o instinto em uma virtude, purificando e domando em seu corpo e na alma seus apetites e emoções, ele é levado a desenvolver e experimentar em sua psique sua *humanização*, libertando-se do aspecto primitivo e instintivo, alcançando, assim, uma atitude consciente, ou seja, a virtude da prudência.

Também é importante ao longo do desenvolvimento psíquico que o indivíduo reflita sobre a atuação do campo dos sentidos, os quais contribuem em sua inteireza com o processo de aprendizagem e desenvolvimento da psique individual e coletiva da humanidade. Neste contexto, ao observar a sua manifestação através da personagem de M. Madalena, fez-se necessário ao Ego desenvolver as funções psicológicas, sendo elas divididas em quatro funções básicas: duas racionais (pensamento e sentimento) e duas irracionais (sensação e intuição), cada uma delas apresenta em sua definição suas particularidades e características que as define e delimita sua atuação no campo psíquico. Nesta dissertação não serão aprofundadas e exemplificadas as respectivas funções psicológicas, vale a pena ser consultada a obra coligida de volume seis [OC. 6] escrita por Jung sobre os tipos psicológicos.

O que importa neste momento é que o desenvolvimento das funções básicas perpassa pelo processo de assimilação dos conteúdos psíquicos ao longo da vida adulta, o que significa que o indivíduo transitará por todas elas, desenvolvendo-as à medida que experimentar novas situações, como a personagem de M. Madalena, que, ao alcançar o estágio de iluminação, recebe a manifestação do Self, como uma visão

repentina. Na atualidade, ao realizarmos uma análise do desenvolvimento das funções psicológicas básicas, a partir do artigo da folha de São Paulo, poderemos fazer a seguinte observação: “o ato de ver pode ser muito complicado”. Segundo o colunista Rubens Alves,

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física.

William Blake sabia disso e afirmou: ‘A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê’. Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo (ALVES, 2004, on-line).

Por meio desse artigo pode-se compreender que o desenvolvimento dos órgãos dos sentidos diz respeito ao mundo interno de cada indivíduo e a partir disso pode-se elencar os seguintes questionamentos: “Como estão os indivíduos na atualidade, vivenciando e experienciando tais fenômenos psíquicos? Estariam apenas experienciando aquilo que é do mundo físico, real, concreto, racional e externo? Ou pode-se considerar que a sua grande maioria tem buscado ver e sentir no seu dia a dia a presença e a manifestação do *Self* caracterizada pelo efeito do *numinoso*, mediada pelo mundo físico e internalizada ao mundo intrapsíquico? Desenvolvendo e elaborando uma apercepção, mediada a partir daquilo que lhe acontece no mundo externo, mas formada de dentro para fora, ou seja, *é como se fosse ver com os olhos da alma*.

Apresentam-se estes questionamentos ao querido e estimado leitor para refletir sobre eles, visto que os fenômenos psíquicos são concedidos de um modo geral como que a todos os indivíduos, o que difere de uma pessoa para outra se resume ao ato de ver, compreender, dar sentido e significado vivo e transformador para aquilo que lhe ocorre no dia a dia. Para os indivíduos que se deixarem, *como se fossem* conduzidos, e principalmente exercerem e realizarem as tarefas, sendo “servos”, a estes irão abrir-se os órgãos dos sentidos internos (olhos e ouvidos) e eles se tornarão “sábios”, pois compreenderão os desígnios e presenciarão a manifestação de Deus

na sua vida, assim como narrado pelo evangelista João na passagem da Ressurreição e Aparição a M. Madalena (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20, 1-18, p. 1411).

Tornar-se quem se é significa sair da massa de identificação e projeção da psique coletiva, e não estamos nos referindo a se tornar um indivíduo egocêntrico, mas tornar-se uma pessoa verdadeira, única e indivisível; é neste sentido que deve caminhar o ser humano, de maneira que se tornará um exemplo para o próximo, que também objetiva percorrer e alcançar o centro de sua alma. Assim, a educação pelo exemplo passa a ser um método que ocorre espontaneamente e de modo inconsciente, é com base neste princípio que Jung dá embasamento para o estado de *participation mystique*, no qual toda a sociedade do Ocidente se encontra estabelecida e edificada, tanto para contribuir com o desenvolvimento da personalidade quanto para a estagnação do coletivo (JUNG, 2013, OC. 17, § 253, p. 161).

Por isso, este fator contribui para explicitar porque a mesma imagem arquetípica constelada na psique de indivíduos distintos pode despertar emoções, sentimentos e afetos diferentes, e ser construtiva ou destrutiva, de modo que um deles pode estar apenas vivenciando e experienciando aquilo que sua psique é capaz de extrair por meio do campo dos sentidos, enquanto outro indivíduo pode estar se sentindo envolvido e diante do sagrado ou *numinoso*. Diante disso, observa-se que a arte de educar a si mesmo é árdua, exige renúncia, mas, ao mesmo tempo, leva o indivíduo a um humanizar-se que, conseqüentemente, transborda de dentro de si para com o mundo e com aqueles que o rodeiam em forma de sentimentos de: humildade, compaixão, gratidão, contemplação e, principalmente, obediência ao *Self* com Amor.

O ato de servir ao *Self* é possível de ser observado no excerto joanino, no momento em que M. Madalena recebe a manifestação do *Self*/Cristo, e por ele é enviada aos seus discípulos, para anunciar aquilo que Cristo ressuscitado lhe pediu. No contexto analítico, o Ego coloca-se a serviço do *Self* segundo a ordem que lhe foi dirigida: “vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20, 17, p. 1411).

Esta manifestação do *Self* segundo as palavras do evangelista São João à personagem de M. Madalena pode ser compreendida no contexto da cultura do Ocidente moderno como um exemplo de um Ego individual estruturado que realizou a árdua tarefa de assimilação dos conteúdos psíquicos até alcançar a meta do desenvolvimento psíquico, atingindo o encontro genuíno com o *Self*.

Por meio desta passagem, Jung ainda esclarece ao leitor que: “[...] o conteúdo psíquico não é inerte ou morto e estes não podem ser manipulados pelo indivíduo. Eles são entidades vivas que exercem sua força de atração sobre a consciência” (JUNG, 2015, OC. 7/2, § 230, p. 33). O que difere de um indivíduo para outro é a forma como ocorre a identificação e assimilação, isso permite ao leitor compreender analogicamente porque os demais discípulos, assim como muitos indivíduos da cultura do Ocidente, na atualidade, que também foram ou continuam indo ao “sepulcro”, não recebem a manifestação de Jesus Cristo, o *Self*, é como se eles não tivessem “olhos para ver” e não alcançassem o desenvolvimento de sua estrutura psíquica para tornarem-se receptáculo da energia arquetípica.

Com base no relato extraído do excerto joanino, essa experiência psíquica nos leva a compreender através da psicologia analítica que a ressurreição e aparição de Jesus Cristo é a grande epifania de manifestação do *Self* ao Ego estruturado, quando o indivíduo já realizou e desenvolveu em si as inúmeras tarefas impostas pelo *Self*, se este assim desejar, pode agora revelar-se ao Ego.

Sendo o excerto joanino considerado um dos textos-base do mito cristão, é possível entrever que a figura de Jesus Cristo ocupa o centro da psique como imagem arquetípica do inconsciente coletivo na cultura do Ocidente. Como examinado pela psicologia analítica, Ele (Cristo) representa a jornada do arquétipo central na psique humana, denominado *Self*, o qual “[...] constitui o pressuposto inconsciente de toda vida humana” e que revela “também a vida secreta e inconsciente do indivíduo”, a meta de toda a psique humana da cultura do Ocidente é alcançar essa totalidade (JUNG, 2012, OC.11/1, § 146, p. 111).

Logo, se considerarmos as palavras do evangelista João ao descrever a figura de Cristo como o Verbo divino: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus” (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 1, 1-2, p. 1384), observamos que o exemplo se encontra caracterizado por meio da expressão: tudo o que acontece na vida de Cristo ocorre também sempre e em toda parte. Tal expressão é equivalente do ponto de vista psicológico ao dizermos que: “toda a vida terrena e humana se encontra prefigurada no arquétipo cristão, ou volta a expressar-se nele, ou já se expressou de uma vez por todas” e todo sofrimento humano é, de certa forma, o sofrimento de Cristo (JUNG, 2012, p. 11).

Com base no entendimento de Jung de que a psique é naturalmente religiosa, propôs-se um diálogo entre a concepção de religiosidade-espiritualidade e o

cristianismo, de modo específico a analisar o conceito do arquétipo Cristão na cultura do Ocidente. Conforme os escritos de Jung, observa-se que ele não mediu esforços para trilhar o caminho da ciência e da experiência, em relação à tradição cristã, para apresentar aos seus leitores o conhecimento que está contido e subjaz ao mito cristão (FREEMAN *et al.*, 2008).

Atualmente, a área médica e clínica constata um grande número de patologias psíquicas causadas pela dissociação do homem consigo mesmo, fruto de um extremo racionalismo, que rompeu com o diálogo criativo e imaginativo entre a consciência e o inconsciente. Para o profissional clínico que objetiva resgatar no indivíduo o pouco que lhe resta de sua alma, pode-se analisar que o arquétipo Cristo ainda é de grande importância e relevância para o indivíduo na cultura do Ocidente, pois não se pode imaginar qualquer sistema que traga para um doente aquilo de que ele necessita para a vida, a saber, uma mudança de atitude, a fé, a esperança, o amor, a caridade, o conhecimento, entre outras virtudes, ou se quiser denominá-las de dons, que não seja fruto do esforço e aspirações humanas e não podem ser meramente ensinados, nem aprendidos, nem dados, nem retirados, ou transferidos para um terceiro indivíduo (JUNG, 2012, OC.11/6, § 500, p. 85).

Antes de tudo são graças que estão ligadas a uma condição que só pode ser adquirida pela experiência viva, ou seja, cotidianamente, o ato de viver a vida como um sopro, que a cada instante é único e pode vir a ser o último. Ressalta-se, assim, que toda neurose consiste no fato de que elas nascem de causas psíquicas e só podem ser curadas por meios exclusivamente psíquicos, por isso todo fenômeno psíquico possui um efeito e uma finalidade que exige que o indivíduo busque alcançar o seu significado e o sentido para a sua vida.

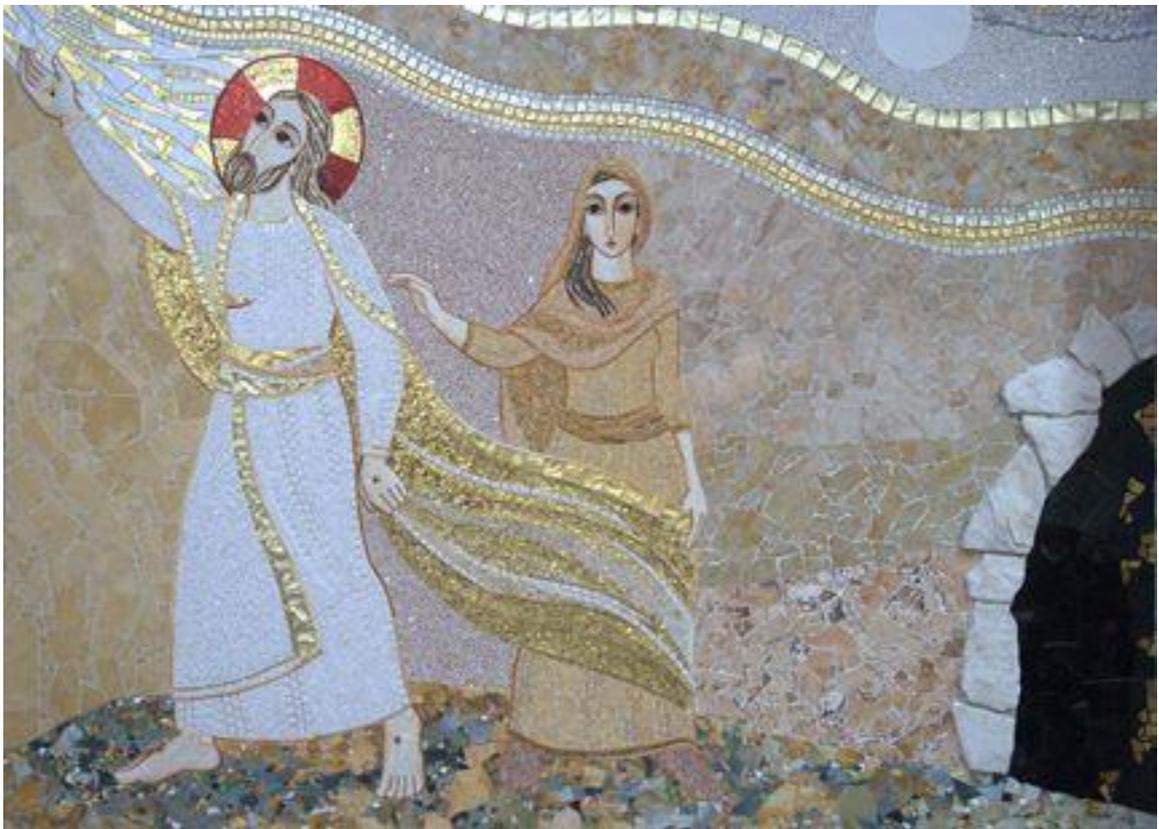
3.4 O fenômeno psíquico na atualidade

Com base na psicologia analítica a prefiguração presente no excerto joanino antecipa ao homem moderno que este deve renascer. De acordo com Jung, o renascimento se encontra ligado ao surgimento do *Self* na psique do indivíduo, o que tende a ocorrer a partir da segunda metade da vida e, em termos psicológicos, para uma possível compreensão, o artista e Padre Marko Ivan Rupnik busca expressar em uma imagem o encontro de Cristo Ressuscitado com Maria Madalena, *é como se a imagem pudesse expressar a experiência do Ego no momento em que ele se*

aproxima e experimenta a energia do centro transpessoal (do *Self*) e passa, agora, a reconhecer sua posição subordinada, no intuito de estar preparado para servir à totalidade e aos seus fins, pois eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim.

Na modernidade, a imagem que antecede e se prefigura na realidade psíquica de muitos indivíduos poderia ser a representada pela arte sacra (Figura 4), que se encontra reproduzida na obra de Wilma Tommasso (2020). A partir dela, no contexto clínico, o profissional, junto ao paciente, pode *ler* a imagem inenarrável, atingindo as camadas mais profundas da psique que a *palavra* (dita) não atinge.

Figura 4 - Cristo Ressuscitado com Maria Madalena



Fonte: Mosaico da Igreja Nossa Senhora do Caminho Caltagirone. Itália, 2011.

M. Madalena torna-se para o indivíduo do Ocidente, conforme o ponto de vista psicológico, um exemplo de um Ego individuado, indivisível e que realizou em si o processo de integração dos opostos, alcançando o centro de sua alma e o seu *vir-a-ser* (EDINGER, 1972, p. 142-143).

M. Madalena renasceu para o mundo externo ao abrir os olhos da sua alma e, assim, recebeu a missão de testemunhar a Ressurreição, reconhecer Jesus Cristo como a Verdade; ao olhar para o próximo, ela vê o Cristo que sofre e padece em seus

sofrimentos e agonias e da mesma forma que foi transformada por ele busca, agora, ajudar e levar consolo para o próximo, bem como realizar a vontade de Deus em sua vida e despertar a vida interior dos seus semelhantes. Em uma leitura psicológica, este fato quer revelar ao indivíduo que na atualidade o homem do Ocidente possui capacidade e potência para desenvolver sua psique e sua personalidade humana, alcançando as virtudes da sua alma em sua totalidade (JUNG, MSR, 2016).

O conteúdo dessa experiência psíquica faz-se real não apenas como vivência pessoal e singular, mas também coletivamente, manifestando-se “aos outros”, indivíduos sociais, de maneira que todos na cultura do Ocidente são chamados a desenvolver sua função anímica e religiosa para vivenciar conscientemente os efeitos e a finalidade do fenômeno psíquico, denominado manifestação do *Self*, que, neste caso, se caracteriza pelo aspecto *numinoso* (JUNG, 2013, OC. 11/2, § 222, p. 54).

O excerto joanino prefigura esse fato narrado na passagem seguinte: “*aparições aos discípulos*”, da qual pode-se realizar estudos futuros fundados nessa indicação como uma manifestação coletiva do arquétipo central, que objetiva, então, unificar em torno de si os singulares. Tais dados poderão ser investigados num momento futuro, visto que seus elementos fornecem material para o desenvolvimento do estudo no doutorado.

O desenvolvimento da personalidade psíquica tem o propósito de ampliar a consciência do indivíduo²⁸ e, segundo Jung, isso pode ser compreendido como um acontecimento psíquico introspectivo que busca demonstrar que o Cristo é muito mais uma imagem psíquica interior do que uma realidade concreta exterior, Ele é algo que vive internamente no ser humano, “como um tesouro escondido”, sendo a única parte imortal no indivíduo. Entretanto, Ele só poderá fazer isso quando o homem (o Ego) o reconhecer e se levantar do seu sono para segui-lo. Visto que “para a cultura do Ocidente Cristo não deve significar apenas o começo da vida, mas também o destino final, a razão de ser de todos os indivíduos” (FREEMAN *et al.*, 2008, p. 270), significa dizer que do ponto de vista psicológico toda realidade psíquica interior do indivíduo

²⁸ Uma pessoa torna-se si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas ou da psicologia coletiva (embora também em relação com estas). Este é o conceito-chave da contribuição de Jung para as teorias do desenvolvimento da personalidade. O aspecto unificador da individuação é enfatizado por sua etimologia. “Jung usa o termo ‘individuação’ para denotar o processo pelo qual uma pessoa se torna ‘individual’, isto é, uma unidade indivisível ou um ‘todo’” (cf. SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 2003, p. 53).

será orientada, em última instância, em direção a este símbolo arquetípico do *Self* (FREEMAN *et al.*, 2008).

Por isso, “a imagem divina do homem, danificada pelo pecado, pode ser restaurada, reformada com a ajuda [graça] de Deus” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 73, p. 55), que ao revelar-se aos indivíduos permite que o processo de ampliação de consciência aconteça ao longo da sua trajetória, gerando e manifestando na psique “as imagens arquetípicas que representam tais transformações, ou seja, as ‘reformas’ de um arquétipo existente *a priori*” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 73, p. 55-56). Como é possível verificar por meio dos excertos extraídos do Evangelho de São João, o arquétipo de Cristo pode vir a manifestar-se na psique humana ao longo da vida terrena.

Jung salienta que será exigido da psique humana um trabalho demorado e meticuloso durante essa trajetória. Apenas na medida em que os conteúdos psíquicos do inconsciente forem integrados à consciência, o indivíduo se sentirá capaz de compreender de modo mais ou menos completo as proporções desse símbolo, sendo que sua percepção não deverá ser apenas intelectual e racional, pois se fosse apenas isso não seria difícil chegar-se a essa percepção. Diante dos inúmeros exemplos de “formulações universais acerca do Deus; ‘que está em nós’, ‘acima de nós’, ‘de Cristo e do seu *corpus mysticum* (corpo místico) do *Atman* supra pessoal’, etc.” (JUNG, 2013, OC. 9/2, § 60, p. 46), isso apenas causa no indivíduo uma falsa ilusão de que ele tomou posse do objeto, mas na realidade ele nada conseguiu, ele apenas se apropriou do seu nome.

No plano ético social, cabe considerar a efetividade do tema quanto ao *ethos* moderno. Em que situação se encontra o ser humano da cultura do Ocidente, quanto ao seu mito fundador; em que medida ele é atingido e lhe é relevante a ideia de uma imago Dei; haja vista essa eventual indisposição que o indivíduo mostra em relação aos conteúdos e fenômenos psíquicos que buscam acessar sua consciência e principalmente em virtude da pouca estruturação psíquica que o mesmo tem desenvolvido para ser receptáculo dessa energia psíquica.

Ora, diante do cenário em que se encontra o homem moderno, pode-se destacar que este se acha afastado dos caminhos propostos pelo *Self*, dissociando-se da sua unidade e totalidade, perdendo o verdadeiro “sentido das coisas” e de “sua alma”, o que conseqüentemente lhe gera sofrimentos físicos e psíquicos. Podemos considerar que o surgimento de inúmeras patologias e sintomas neuróticos na

modernidade são resultado desse afastamento, dessa dissociação e, até mesmo, separação e desligamento psíquico entre os eixos Ego e *Self*, ou seja, entre o Homem e Deus.

Dentre as patologias, Edinger (1972, p. 81) cita que o indivíduo que se encontrar em estado de alienação psicológica manifesta um grande sentimento de depressão, de culpa, de pecado, de falta de valor, sintomas de complexo de inferioridade, assim como ausência completa de qualquer sentimento de apoio ou fundamento transpessoal; estas são características em termos psicológicos que levam ao que Jung denominou “derrota do Ego”, ou seja, o homem sente que está profundamente perdido.

Sendo assim, é indispensável que o profissional de psicologia, ‘especialista em doenças nervosas’, aprofunde seus conhecimentos psicológicos, se quiser ajudar seu paciente,

porque as perturbações nervosas (ou tudo que se designa por ‘nervosismo’, histeria, ansiedade etc.) são de origem psíquica e exigem, obviamente, um tratamento da alma. Água fria, luz, ar, eletricidade etc. são de efeito passageiro e muitas vezes não produzem nenhum efeito. O padecimento do doente vem da alma, de suas funções mais complexas e profundas, que mal ousamos incluir no campo da medicina. Nesses casos, o médico precisa ser *psicólogo*, isto é, um conhecedor da alma humana (JUNG, 2014, OC.7/1, § 1, p. 19).

A dissertação projetada pretendeu apresentar ao leitor, em linhas gerais, uma explanação e ampliação dos conceitos que englobam a psique humana, entre eles: o *Self*, como centro regulador da psique; o arquétipo Cristo que engloba as características do *Self*, visando ressaltar o efeito e a finalidade de suas manifestações na psique individual e que por todo *Aion* [Era cristã] permeia a vida humana. Este processo e os fenômenos psíquicos foram amplamente estudados por Carl Gustav Jung. De modo complementar, segundo Lepargneur e Silva:

[...] uma análise das profundidades da psique tem por finalidade facilitar [desobstruir] a evolução da alma humana que aspira a ‘individuação’, isto é, a integração psíquica entre os campos consciente e inconsciente na sua totalidade, exige a participação humana (LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 18).

Pode-se, em termos psicológicos, compreender que a manifestação do Cristo vivo corresponde ao *Self* vivificado que a todo tempo busca atrair o indivíduo para si

e para o centro de sua alma. De modo que M. Madalena representa o Ego individual que realizou este trabalho, ouviu o chamado e despertou em si e em sua vida a função anímica e religiosa do inconsciente, contribuindo de maneira consciente com o processo de crescimento, o que conseqüentemente significa ser servo do *Self* (de Cristo), despir o Ego da sua prepotência e autoridade.

O excerto joanino contribui na compreensão teleológica da tradição cristã desempenhando um grande esforço no sentido de criar uma proteção contra o estado inflado do Ego, ou seja, de não se tornar um indivíduo egocêntrico, arrogante e intransigente, porque é necessário levar em consideração os sete pecados capitais (orgulho, inveja, ira, luxúria, gula, avareza e cobiça) porque se cair em pecado exige-se uma confissão e penitência e através da imposição das mãos e aceitação do padre (em sua qualidade de agente de Deus) produz-se um sentimento de retorno e de religação do Homem com Deus, que protege o indivíduo desse estado egóico de inflação e alienação. Embora este método coletivo proteja o indivíduo dos perigos das profundezas psíquicas, pode-se observar um grande número de indivíduos privados e engessados impedidos de realizarem uma experiência individual de desenvolvimento e transformação psíquica (EDINGER, 1972, p. 99).

Já em termos psicológicos o processo de autoconhecimento e assimilação dos conteúdos psíquicos visa viabilizar o desenvolvimento da personalidade e objetiva proporcionar, de forma consciente, essa experiência interna de encontro com Deus, ou seja, o indivíduo precisará descobrir e estabelecer uma relação individual com a sua dimensão transpessoal. E tendo experimentado o centro transpessoal da psique, o Ego reconhece sua posição subordinada e estará preparado para servir à totalidade e aos seus fins; em lugar de fazer exigências pessoais, ele passa agora a servir, assim como é demonstrado através da atitude de M. Madalena, isto é, sendo tomada como um exemplo de um Ego individuado, sai correndo para anunciar a Boa Nova, ela se coloca a serviço, o Ego é quem deve servir ao *Self*, ser obediente e realizar as tarefas segundo esta instância psíquica, que continua se manifestando na atualidade por meio de sonhos (EDINGER, 1972, p. 143).

Isso permite assegurar que na cultura do Ocidente a religião se constitui ainda como uma proteção coletiva disponível contra a inflação e a alienação do Ego. No entanto, vale ressaltar que isso não exime o indivíduo de sua responsabilidade pelo processo de educar-se a si mesmo, buscando realizar uma verdadeira experiência

anímica e religiosa de encontro pessoal de si (Homem) para si mesmo (Deus) (EDINGER, 1972, p. 100).

Enfim, para encerrar esta dissertação, vale apontar ao leitor que o mais importante naquilo que se refere aos termos psicológicos é a atitude consciente (religiosa) do indivíduo ao se deparar com os acontecimentos da vida. Estes têm como finalidade despertá-lo para uma Verdadeira vivência e experiência afetiva fundada no fenômeno psíquico caracterizado pelo efeito *numinoso*, isto é, o *Self*, ao longo de sua vida humana, busca promover a cura da sua alma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreendemos esta pesquisa tendo por objetivo alcançar a compreensão sobre o fenômeno do *Self* que se manifesta na psique individual na atualidade, a partir da perspectiva da psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Considerando a tentativa de responder em qual nível psíquico o indivíduo moderno vive o mito cristão. O caminho construído até este momento foi marcado pela incursão nos principais conceitos tematizados por este autor, buscando respaldar esta análise pelo fundamento de comentaristas de relevo. Assim, em vista de nosso esforço em trazer luz à questão norteadora deste trabalho, apresentamos os saldos desta investigação. Neste ponto do texto, nos concentramos em expor os *resultados de nossa análise*, tendo em vista o ordenamento dos capítulos apresentados.

O que se evidencia, ao longo da busca por uma compreensão do fenômeno do *Self* a partir do pensamento de Carl Gustav Jung, envolve uma implicação nos conceitos: alma/psique, *Self*/Cristo, sonho e aparição, atitude consciente, arquétipo, função anímica e religiosa da alma, ego, sombra, persona, anima/animus, entre outros.

O primeiro capítulo apresentou o levantamento contextual histórico-filosófico da psicologia, resgatando o conceito de “alma” amplamente estudado e desenvolvido ao longo da vida de Carl Gustav Jung e que contribuiu com a elaboração e fundamentação da sua teoria em uma ciência empírica. Para tanto, estivemos empenhados em indicar como é necessária a retomada dessa questão na atualidade, pelo profissional, para resgatar a importância da fundamentação antropológica da prática clínica na psicologia. De modo que a psicologia na atualidade deve se constituir como ciência e profissão, considerando-se a dimensão psicológica em suas conexões com a dimensão espiritual.

Também indicamos que a psicologia como ciência ocupa-se única e exclusivamente de fenômenos psíquicos que acometem a humanidade. Dentre eles este estudo aponta o fenômeno do *Self* que se manifesta na psique adulta, e encontra-se prefigurado no Ocidente pelo mito cristão na imagem arquetípica do Cristo. A aparição do *Self* não se dá apenas como descrito na períclope joanina, ou seja, não existe uma fórmula única para todos os indivíduos, o que existe é o mito cristão que é prefigurado no Cristo, e pode *vir-a-ser* manifestado na psique do indivíduo, *é como se*

ele fosse apontar e instruir o indivíduo a seguir o caminho a ser percorrido ao longo de sua vida adulta.

Também indicamos que algumas das respostas para os respectivos questionamentos incluem dizer que a cultura do Ocidente vive o mito cristão, alguns indivíduos na sua forma inconsciente, sendo eles meros repetidores dos dogmas, pois não buscam compreender esse símbolo; enquanto alguns indivíduos vivem o mito na sua fórmula consciente e encontram-se no segundo grupo (II), visto que, a cada dia, se questionam e realizam o processo de apercepção e reflexão, vindo a desenvolver sua personalidade por meio da assimilação e ampliação dos conteúdos que emergem do campo psíquico inconsciente, acessando sua consciência através dos sonhos, fantasias e sintomas.

Expomos, ainda, que o processo de assimilação e ampliação de consciência, igualmente denominado desenvolvimento da personalidade, visa religar os eixos Ego (consciente) ao *Self* (inconsciente), simultaneamente. Esta dimensão misteriosa, da qual o *Self* é reflexo ou imagem, aspira a união dos opostos, isto é, a união do Criador e da criatura, do Ser e do Nada, do Bem e do Pecado, do Absoluto e do Relativo, da Luz e das Trevas, do Homem e de Deus.

Destarte, o estudo apresentou, ainda no primeiro capítulo, uma retrospectiva do quão importante se faz o resgate da *Alma*, seja um resgate conceitual do termo para a ciência psicológica, mas principalmente o resgate para a vida psíquica do indivíduo, que vive uma vida vazia de sentido e significado e encontra-se acometido de inúmeras doenças na atualidade.

Seguindo o decurso da análise, no segundo capítulo nos esforçamos em apresentar o termo central de toda a obra do autor Carl Gustav Jung, que na cultura ocidental traz como imagem tradicional a figura de Cristo e ocupa, assim, o lugar de arquétipo central. Iniciamos por demonstrar como os autores embasaram as características do arquétipo cristão como *Self*, apropriando-se de modo empírico e científico do seu objeto de estudo, demonstrando de que maneira Cristo se revelou progressivamente ao longo do éon cristão [era cristã]. Desta forma, tal como analisamos, o estudo apresenta uma compreensão conceitual e simbólica que a imagem de Cristo ocupa na psique individual do Ocidente, apontando, ainda, qual o efeito e a finalidade do fenômeno do *Self* na atualidade.

Compreendemos que cada personificação do inconsciente – a sombra, a anima, ou o animus, e o *Self* – apresenta tanto um aspecto claro e luminoso como um

aspecto escuro e sombrio. A sombra pode ser mesquinha e má, um impulso instintivo que precisamos vencer, porém ela também pode se revelar como um impulso de crescimento que devemos cultivar e seguir – e, assim, ir construindo um desenvolvimento vivificante e criativo da personalidade, como o exemplo apresentado pela personagem de Maria Madalena; ou eles podem provocar a petrificação e a morte física, visto que possuem um efeito ambivalente, que só será descoberto pelo indivíduo ao percorrer essa jornada.

Desta forma, compreendemos que uma das grandes críticas de Jung, apresentadas no estudo, é que a atual religião cristã da cultura do Ocidente excluiu da figura de Cristo sua contraparte, seu lado sombrio e demoníaco. Ou seja, personificou apenas uma das metades do *Self* e fez com que a sua contraparte, o Anticristo, fosse considerando o lado sombrio, porém negligenciado desde sempre, tanto pela religião quanto por muitos indivíduos do Ocidente.

Neste ensejo, temos a elaboração do terceiro capítulo deste trabalho, no qual buscamos a partir do excerto joanino elencar e explorar as respectivas indagações segundo o viés da psicologia analítica, entre elas: Vive o homem do Ocidente o mito Cristão? Em qual nível psíquico (consciente ou inconsciente) estaríamos vivendo o mito? A que somos chamados, a viver ou a morrer? Verificamos por meio da teoria e da perícopes joanina como se dá a manifestação do *Self* na atualidade por intermédio da personagem de Maria Madalena, como um exemplo desse processo de *vir-a-ser*.

Esta passagem encontra-se na perícopes de São João, capítulo 20, versículos, de 1-18, e faz referência ao momento de Ressurreição e Aparição de Jesus Cristo à Maria Madalena. Qualificamos este primeiro ato de Jesus Cristo como um exemplo da manifestação do *Self*, bem como de uma experiência *numinosa* que tem poder de *vir-a-ocorrer* na atualidade na psique individual.

Se levarmos em consideração que o cristianismo considera o primeiro dia da semana, que é o Domingo, como: “o dia do Senhor”, este é também o dia em que Jesus Cristo apareceu à Maria Madalena e se trata da primeira manifestação do *Self* na psique do indivíduo. Depois, ocorreram outros fenômenos do *Self*, como uma segunda aparição aos discípulos em Emaús, no qual Cristo liberou sobre eles o sopro divino – “Soprou sobre eles dizendo: ‘Recebei o Espírito santo’ (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20, 22, p. 1412).

Neste estudo, exploramos a primeira manifestação do *Self*, sugerindo que as demais manifestações do centro psíquico podem vir a ser exploradas em estudos

futuros para dar continuidade à investigação empírica dos fenômenos do Self de manifestação no nível coletivo. Aconselhamos que é necessário ao indivíduo, ao longo de sua vida adulta, realizar o processo de desenvolvimento e à medida que o Ego tiver estrutura para assimilar os conteúdos nesse caminho acontece uma aproximação junto ao centro de nossas almas, que é Deus. Para que tudo isso aconteça, torna-se fundamental a intermediação de outra alma humana (profissional psicólogo) capacitada e qualificada, o que significa que aquela também deve buscar e vivenciar o seu processo interno, para, então, conduzir outra alma humana a experienciar tudo aquilo que, de certo modo, existe em seu mundo interior.

De fato, cada vez que o ser humano se volta honestamente e humildemente para o seu mundo interior e tenta conhecer-se, seguindo as expressões da sua própria natureza objetiva, como os sonhos e as fantasias genuínas, mais cedo ou mais tarde o *Self* emerge. Desta forma, o Ego vai encontrar uma força interior em que estão contidas todas as possibilidades de renovação, pois o Ego não está no controle, ele é apenas um mero instrumento que trabalha para o *Self*. Os recursos que lhe são disponibilizados para realizar seus trabalhos são enviados pelo *Self*, através dos sonhos. Ao Ego cabe apenas saber, com clareza, o que quer, mas é o *Self* quem lhe capacita para realizar as tarefas, Ele é o grande Mestre.

Entre os saldos válidos da dissertação podemos elencar que a conexão entre o homem e Deus nunca esteve “desligada” na psique individual da cultura do Ocidente, *é como se* ela sempre existisse e sempre estivesse lá, assim como as estrelas, mas é preciso que tenhamos olhos para ver, ouvidos para ouvir, tato para experienciar, olfato para provar, sensibilidade para sentir, coragem para adentrar o mundo interior, paciência para alcançar as virtudes da alma, humildade para pedir, ética e responsabilidade para atuar e trabalhar, porque, sem isso, nada de sublime irá ocorrer nesta jornada.

Para o indivíduo alcançar os resultados é preciso partir em busca da sua verdade e vivenciar as inúmeras tarefas em sua trajetória até atingir o encontro com o centro da sua alma. Este é um chamado que todos os indivíduos recebem, mas nem todos irão aceitar esse desafio de desvelar e lançar consciência sobre o seu próprio mito pessoal para descobrir a finalidade e os efeitos que esse trabalho produz em sua vida. É preciso saber reconhecer os sinais de iniciação de cada batalha ao longo de nossa jornada, para que, deste modo, venhamos a promover o processo de integração e de transformação dos aspectos sombrios, uma vez que é subjacente a esses

aspectos que identificamos que há algo de sobrenatural, algo mágico e *numinoso*, como uma força sobrenatural.

Entretanto, caso exista algum tabu imposto ao longo da vida, seja por conta de crenças religiosas ou por um conjunto de interdições que impeçam o contato entre o Homem e as coisas divinas ou profanas, fazendo com que esses aspectos sejam negligenciados ou reprimidos, eles podem se tornar destrutivos ou demoníacos com o tempo.

Reconhecemos, por fim, que a discussão não se encerra neste trabalho, ao contrário, esta pesquisa busca resgatar a importância de uma fundamentação antropológica para a prática clínica do profissional de psicologia e incentivar o ensejo de maiores produções científicas sobre a temática abordada. Deste modo, em reconhecimento a qualquer lacuna que este trabalho contenha, fazemos a indicação de interesse na retomada destes pontos em uma pesquisa futura, no âmbito acadêmico, no curso de doutorado.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.

ALVES, R. *A complicada arte de ver*. *Folha Online*, Seção Sinapse, São Paulo, out. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em: 06 nov. 2023.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 141. ed. São Paulo: Ave Maria, 2001.

BRYANT, C. *Jung e o Cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

EDINGER, F. E. *O arquétipo cristão: um comentário junguiano sobre a vida de Cristo*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

_____. *Ego e Arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

_____. *Seminários Aion: Explorando o Self no Aion de C.G. Jung*. Tradução Augusto Reis. Edição Deborah A. Wesley, 2014.

FREEMAN, J.; *et al.* *O homem e seus Símbolos*. Tradução Pinho M. L. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

HALL, C. S.; NORDBY, V. J. *Introdução à psicologia junguiana*. Tradução Dantas L. M. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2014.

JACOBI, J. *Complexo, Arquétipo e Símbolo na psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

JUNG, C. G.; JAFFÉ, A. *Memórias, sonhos, reflexões*. Tradução D. F. Silva. 30. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. *Freud e a psicanálise*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. v. 4.

_____. *Tipos psicológicos*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018. v.6.

_____. *O eu e o inconsciente*. 27. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2015. v.7/2.

_____. *A natureza da psique*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. v.8/2.

_____. *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017. v.9/1.

_____. *Aion Estudo sobre o simbolismo do Si-mesmo*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. v.9/2.

JUNG, C. G. *Civilização em transição: o problema psíquico do homem moderno; a importância da psicologia para a época atual*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. v.10/3.

_____. *Interpretação psicológica do dogma da trindade*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. v.11/2.

_____. *Escritos diversos*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012. v.11/6.

_____. *Psicologia e alquimia: introdução à problemática da psicologia religiosa da alquimia*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012. v. 12.

_____. *A prática da psicoterapia: os problemas da psicoterapia moderna*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013, v. 16/1.

_____. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012. v. 16/2.

_____. *O desenvolvimento da personalidade*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. V.17.

LEAL, L. G. P. Entrevista com Nise da Silveira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 14, p. 22-27, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/mGv5pMQxf8QtrQyqHRbGTsh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

LEPARGNEUR, H.; SILVA, D. F. *Tauler e Jung: o caminho para o centro*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

LYRA, S. *Jung Leitor de Nietzsche: acerca da “morte de Deus”*. Curitiba: ICHTHYS, 2012.

LYRA, S. *Imaginação Ativa: o fator eficaz na prática da psicoterapia*. In: Cadernos Junguianos. Associação Junguiana do Brasil – v. 14, n. 14, setembro de 2018. São Paulo: AJB, 2018.

MENDES, *Estado, pessoa e comunidade: análise antropológica, filosófica e psicológica em Edith Stein - confronto e integração com Ignacio Martín-Baró*. Tese (Doutorado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. PUC Minas, Brasil. 2022.

PORTELA, B. O. S. *A cura d'alma na psicologia de Carl Gustav Jung*. 2013. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1031>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário crítico de análise junguiana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora [1986] Edição Eletrônica © 2003.

SHAMDASANI, S., 1962- *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência* / Sonu Shamdasani; [tradução Maria Silvia Mourão Netto]. -- Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. (Coleção Psi-Atualidades; 6).

SILVEIRA, N. *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SILVEIRA, N. *Mostra Nise da Silveira Vida e obra: cartilha de monitoria*. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/pdfs/cartilha_de_monitoria.pdf. Acesso em: 01 nov. 2023.

STEIN, E. Los Tipos de Psicología y su significado para la Pedagogía. *In*: Stein, Edith. *Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos* [magistério de vida cristiana, 1926-1933]. Vol. 4. Tradução Francisco Javier Sancho, OCD, José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga; Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo. 2003.

STEIN, E. Uma investigação sobre o Estado / Edith Stein; Tradução de Maria Christina Siqueira de Souza Campos. – São Paulo: Paulus, 2022. – Coleção Obras de Edith Stein.

STEIN, M., *Jung: O mapa da Alma: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Cultrix. 2006.

TACEY, D. *O compêndio Jung: leituras essenciais da psicologia analítica*. Tradução Gentil Avelino Titton. 1. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

TOMMASO, W., *Maria Madalena: História, tradição e lendas*. Editora: Paulus Editora; 1. ed., São Paulo. 2020.

APÊNDICE A

O presente apêndice, mais que apenas um adendo ao texto da dissertação, representa um registro das circunstâncias e de outros pontos que merecem ser descritos e fogem da via de regra do trabalho acadêmico, mas que em boa medida o determinam. Trata-se de fatos profundamente ligados à experiência de vida de sua autora e daqueles que ao seu lado caminharam, que serão descritos em primeira pessoa do singular.

Ao empreender tamanha jornada acadêmica no ano de 2020 e início de 2021, alguns acontecimentos marcaram significativamente a minha vida pessoal, entre eles: descobri que estava grávida – eis que: “o verbo se fez carne e habitou entre nós” (BIBLIA, 2001, JOÃO, 1, 14, p. 1384). Assim, foram dois sonhos se realizando simultaneamente: primeiro o resultado de aprovação para cursar o mestrado na Unioeste e segundo a gravidez de Ana Sophia.

Ao iniciar essa trajetória de estudo eu não poderia imaginar o quanto seria desafiador e transformador, jovem, recém-casada, com muitos sonhos ainda para serem realizados, mas com uma única certeza, eu precisava encontrar minha missão de vida. Cuidar da casa, do esposo e da filha parecia ser tão vago; eu me questionava “haveria algo a mais nisso tudo?”. Enquanto isso, Deus preparou todo o caminho a ser percorrido, posso assim dizer; quando descobri que estava grávida, quanta felicidade foi para a nossa família, nossa primogênita se chamaria Ana Sophia. Tudo parecia ir bem, até que com 29 semanas tive algumas complicações na gestação e foi necessária uma cirurgia de emergência para salvar a mim e ao bebê. Ana nasceu dia 03 de janeiro de 2022, com apenas um quilo e trinta e seis centímetros, foi um enorme susto eu diria, mas em todos os momentos eu sentia a presença de Deus, cuidando de tudo e, assim, me tornei mãe prematuramente.

Consequentemente, devido à prematuridade foram necessários mais cuidados com a sua gestação, que continuou ao longo de cinquenta e sete dias na UTINEO, até ela atingir dois quilos e poder ir para casa, continuar os cuidados junto de nós. Foram tantas as mudanças repentinas e inesperadas com a sua chegada, mas eu e seu pai sempre estávamos juntos e muito felizes com as suas pequenas conquistas diárias. Você [Ana Sophia] nasceu e nos mostrou o quanto era forte e determinada.

Enquanto isso, na academia e ao longo de minha existência sempre me percebi como um indivíduo muito questionador, buscando pelo conhecimento empírico e,

acima de tudo, que ele fosse vivenciado por mim. E dentre as imagens de meu maior interesse, Cristo é uma delas e ao longo desse estudo Maria Madalena passou a revelar-se como um personagem do meu mundo psíquico e interno de grande valor, com ela irei caminhar e percorrer toda a academia e mais do que isso, a minha vida ficaria marcada com as suas falas, pensamentos, atitudes e lágrimas.

Além disso, a atuação clínica exige do profissional um amplo conhecimento sobre os mitos que permeiam a cultura social e a humanidade. Logo, seria de grande importância que [eu] também realizasse o mesmo processo de individuação, pois, só assim, conseguiria “auxiliar” o paciente pelos caminhos da alma.

Foi na Psicologia analítica que eu encontrei muitos desses questionamentos nas obras de vários autores, entre eles: quais são os objetivos do arquétipo de Cristo? Quais as principais características do arquétipo? O que acontece ao indivíduo cristão aqui e agora? Por que e para que isso lhe acontece? Qual a finalidade e o efeito do fenômeno na psique individual? Qual é a minha responsabilidade enquanto indivíduo? Ao contribuir com o desenvolvimento da personalidade o que acontece? E o que isso significa no nível psíquico? Estas foram algumas questões que sempre me faziam buscar respostas pessoais e, conseqüentemente, profissionais, pois no espaço clínico muitos indivíduos trazem esses mesmos questionamentos ao longo de sua história.

Muitas dessas indagações surgiam de um nível racional, julgava-me dona da razão e possuidora de um conhecimento intelectual que quer respostas; porém, dada a minha imaturidade psíquica, prepotência e certa arrogância, tais questionamentos permaneciam incompreendidos e inacessíveis no nível psíquico consciente. Apenas com o passar do tempo e depois de muito “ler”, posso dizer que aquilo que busco compreender e acessar pertencem ao campo psíquico irracional e para acessar esses conteúdos e imagens é preciso unir os dois campos psíquicos, fé e razão, para ser possível alcançar e atingir um pequeno nível de resposta. Principalmente dada a autonomia do centro psíquico, ou seja, quando e como ele quiser, ele irá se revelar, se ele assim desejar conceder esta graça; é o que nos diz Mateus: “[...] que seja feita a sua vontade, e não a minha” (BIBLIA, 2001, MATEUS, 26, 39, p. 1318).

Mediante os acontecimentos da vida que estavam se manifestando, eis que me deparo com a imagem da Divina Misericórdia (Figura 5). Como em um ato de sincronicidade sua festividade é comemorada no domingo seguinte à festa da páscoa e instituída como: “O dia da Divina Misericórdia”, pela igreja Católica Apostólica Romana.

Figura 5 - Jesus Misericordioso



Fonte: Pintura feita em madeira em 1982 por Robert Skemp. Segundo as revelações de Santa Faustina, com as portas do Cenáculo ao fundo (Jo 20,19).

Essa festa tem como passagem bíblica o Evangelho de São João, que por sincronicidade se tratava da mesma passagem escolhida para o estudo desta dissertação (JOÃO 20, 1-31). Sendo o Domingo considerado pela igreja Católica o primeiro dia da semana, “Dia do Senhor”, ou seja, dia em que Cristo Ressuscitado apareceu à Maria Madalena e a enviou em missão.

Se levarmos em consideração que o cristianismo considera o primeiro dia da semana, que é o Domingo, como “o dia do Senhor”, este é também o dia que Jesus Cristo apareceu à Maria Madalena e também se trata da primeira manifestação do Self na psique do indivíduo. Depois, aconteceram outros fenômenos psíquicos, como uma segunda aparição aos discípulos em Emaús, na qual Cristo liberou sobre eles o sopro divino: “Soprou sobre eles dizendo: ‘Recebei o Espírito santo’ (BÍBLIA, 2001, JOÃO, 20, 22, p.1412).

A passagem em que Cristo Ressuscitado apareceu à Maria Madalena passa a ser o ponto central de toda a dissertação, mas principalmente da minha vida e da vida de nossa família. No ano de 2024, residíamos em São Miguel do Guaporé, cidade pertencente ao estado de Rondônia e no dia quatro de março vivenciei a morte do meu esposo em virtude de uma descarga elétrica sofrida ao encostar o pulverizador na rede de alta tensão. MEU DEUS!!! Eu vi meu mundo desabar, sozinha com a Ana em casa e ele caído no chão de bruços, inconsciente... Fiquei firme, mantive a esperança de que ele ficaria bem, de joelhos pedia a Deus que fizesse a sua vontade e iluminasse a mim naquilo que eu podia fazer por ele. Os questionamentos eram inúmeros e muitos deles sem respostas. Por que Deus o estava chamando? Tão jovem, com uma filha pequena de dois anos de idade. Por que a sua vida foi tão breve?

Entretanto, o que eu gostaria de transmitir neste momento diz respeito ao quanto me sinto na presença e sob os cuidados de Deus. Hoje eu posso dizer que Deus me preparou para viver tudo isso, manifestando-se por meio de sonhos que tive antes do acidente acontecer, e que só depois eu os compreenderia. Mediante tudo aquilo que eu estava escrevendo em uma dissertação me vi transportada a viver tudo isso, principalmente a passagem central do momento em que Maria Madalena se encontra diante do sepulcro e ali chora a perda do seu amado e recebe a revelação do Cristo Ressuscitado; essa sou eu, eu sou Maria Madalena, chorando a morte do meu amado.

É importante observar que a experiência direta de Deus exclui qualquer imitação, do tipo papagaio. As pessoas que tentarem copiar através do

comportamento exterior a experiência numinosa, seja de Cristo ou de Maria Madalena, podem acabar petrificadas. Acompanhar os passos da personagem Maria Madalena não significa que devemos copiar exatamente o seu processo de individuação, mas sim que devemos tentar com a mesma sinceridade e devoção viver a própria vida. Esse é o chamado que constitui o início de um processo de individuação e chegar até aqui é uma graça divina, pois sozinho o ego nada teria realizado.

Quanto ao estudo das passagens, elas são ditas como “Manifestações do Self” no nível individual, pois Cristo aparece num primeiro momento a Maria Madalena e no nível coletivo irá manifestar-se aos discípulos. De modo particular a vida se encaminhou e me conduziu a uma vivência dessa manifestação, como aquela que se deu a Maria Madalena diante do sepulcro.

Diante do sepulcro, vivi por vários e longos dias, não como eu ato de desespero, ou de revolta contra Deus, mas me permitindo vivenciar essa dor imensa com toda a sua intensidade e da forma que ela quisesse se manifestar a mim, fui leal aos meus sentimentos, fui sincera comigo mesma, prestando-lhe minha homenagem e dizendo “até breve”, porque a morte representa apenas a matéria, o físico, já a sua alma, a sua essência continuam a existir e um dia nos reencontraremos.

Inicialmente a dor do nascimento prematuro da minha filha me pareceu a maior dor que eu poderia suportar, tudo parecia insuportável em nível psíquico, eu não podia ter minha filha nos braços para amamentar, cuidar ou acariciar. E neste momento da vida eu não conseguia imaginar que haveria dores muito maiores que esta; esta parecia ser a maior dor que eu poderia sentir na vida, no entanto, eu não imaginava, as dores que eu ainda precisaria suportar com a morte do meu esposo.

De modo muito particular, gostaria ainda de ressaltar que a manifestação que aconteceu ao discípulo Tomé, narrada no Evangelho de São João, talvez represente e personifique muitos indivíduos na cultura do Ocidente. O que eu gostaria de expressar, aqui, é que muitos de nós somos incrédulos, homens de pouca fé; mas o contrário também pode ser verdadeiro e pode nos tornar homens de fé, ou seja, é nossa responsabilidade buscar o desenvolvimento da personalidade através dos questionamentos e interrogações, estes nos conduzirão pelos caminhos como que sinalizando as pegadas e podem ser interpretados, de certo modo, como sinais que comprovam a existência de Deus.

De maneira semelhante, é como se o mito cristão se atualiza-se em mim e através de mim, no nível psíquico. Portanto, minha dissertação buscou responder se “*Vive o homem moderno o mito Cristão?*”. *Sim, eu vivo!* Foi como se a chegada da Ana Sophia tivesse a finalidade de auxiliar-nos nesse percurso, nesse caminho de desenvolvimento e amadurecimento da fé e, principalmente, de contribuir com o significado e o sentido da vida, agora com a morte do meu amado. Porque assim como Tomé, que, cheio de questionamentos e dúvidas, pede provas e sinais a Jesus para comprovar a sua fé, para acreditar que era Cristo Ressuscitado que estava na presença dele, assim também fui (eu) e talvez somos muitos de nós – homens do Ocidente. Vivemos na presença do Cristo Ressuscitado, mas a todos os instantes estamos pedindo para tocar e colocar a mão em suas chagas e nas marcas dos pregos, porque tudo aquilo que Deus realiza e continua a realizar em nossas vidas parece não ser suficiente para mantermos nossa fé inabalável – é assim para muitos de nós.

Primeiramente (eu) me senti tocada e transformada como pessoa num constante *vir-a-ser* por toda a teoria analítica e conseqüentemente busquei, dentro do campo de atuação profissional, proporcionar um espaço seguro para, junto ao paciente, encontrarmos o fator eficaz de cada indivíduo que adentra o setting terapêutico.

Para finalizar este relato deixo aqui registrado que muitas coisas não se encaixaram, pois não chegou a hora ainda, mas haverá um dia em que poderei escrever sobre elas também. Principalmente sobre a nossa doação conjugal; sobre as coisas mais íntimas que nutríamos em nossos corações como casal e família; e do quanto estávamos dispostos a trocar de lugar um pelo outro, a ponto de pedir a Deus que levasse a mim e não ele. Atualmente maior ainda tem sido a minha busca para discernir, aceitar e compreender a vontade de Deus (chamando você e não a mim).

É como se tudo aquilo que escrevi sobre este tema representasse apenas uma pequena gota perante o oceano. E a finalidade do desenvolvimento psicológico é tal como na evolução biológica, ele almeja alcançar a autorrealização, ou seja, a individuação.